



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**VERA BETÂNIA CAVALCANTI PAREDES OLIVEIRA**

**PRODUÇÃO TEXTUAL DE CRÔNICAS: uma proposta para o desenvolvimento  
da argumentatividade de alunos do 9º ano do ensino fundamental**

**MAMANGUAPE – PB**

**2019**

**PRODUÇÃO TEXTUAL DE CRÔNICAS: uma proposta para o desenvolvimento  
da argumentatividade de alunos do 9º ano do ensino fundamental**

**VERA BETÂNIA CAVALCANTI PAREDES OLIVEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus IV, na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento

MAMANGUAPE – PB

2019

P226p PAREDES, Vera Betânia Cavalcanti Oliveira.

PRODUÇÃO TEXTUAL DE CRÔNICAS: uma proposta para o desenvolvimento da argumentatividade de alunos do 9º ano do ensino fundamental / Vera Betânia Cavalcanti Oliveira PAREDES. - João Pessoa, 2019.

213 f. : il.

Orientação: Erivaldo Pereira do NASCIMENTO.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEE.

1. Argumentação. 2. Didatização. 3. Ensino de escrita.  
4. Gênero crônica. I. NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do.  
II. Título.

UFPB/BC

VERA BETÂNIA CAVALCANTI PAREDES OLIVEIRA

**PRODUÇÃO TEXTUAL DE CRÔNICAS: uma proposta para o desenvolvimento  
da argumentatividade de alunos do 9º ano do ensino fundamental**

Aprovada em: 27/03/2019

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.º Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento (UEPB/PROFLETRAS)  
(Orientador)



---

Prof.ª Dr.ª Laurênia de Souto Sales (UEPB/PROFLETRAS)  
(Examinador Interno)



---

Prof.ª Dr.ª Simone Dália de Gusmão Aranha (UEPB/PPGFP)  
(Examinador Externo)

Aos meus pais, João Alfeu e Maria José,  
pelo amor incondicional, dedicação e  
cuidados intermináveis. Meus exemplos de  
vida, integridade e caridade cristã.

## **AGRADECIMENTOS**

Nesse momento em que concluo esta importante etapa da minha vida profissional e acadêmica, reconheço que não teria sido possível sem o apoio e o encorajamento daqueles que fazem parte da minha vida.

Quero agradecer primeiramente a Deus pela sua infinita graça e misericórdia na minha vida.

Ao meu esposo Cícero, pelo amor, paciência e companheirismo durante toda esta jornada.

Às minhas filhas, Patrícia, Cássia, Dâmaris e Isabella, pelo amor e incentivo na conquista deste sonho. Meus grandes amores.

Aos meus netos, Ana Luísa, Helena Beatriz, Heitor Henrique, Cícero Augusto, Luís Eduardo e Wagner Lucas, pelo amor e alegria que me proporcionam. Fonte de inspiração para continuar perseguindo meus objetivos.

Às minhas amigas Sônia Fortes, José Moreira, Iraneide Santos e Raíssa Santos, pelo afeto, consideração e incentivo nesta caminhada. Pelos momentos em que partilhamos palavras carinhosas e encorajadoras.

Aos meus alunos do 9º ano de 2018 que participaram desta pesquisa, pela dedicação e respeito.

Ao meu professor e orientador, Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento, pela paciência, respeito e dedicação com que me acompanhou nesses dois anos de curso, tornando-se exemplo para mim de brilhante profissional e de um ser humano incrível.

Aos colegas de turma do PROFLETRAS, na pessoa de Marcos Tomé, pelos momentos em que partilhamos conhecimentos e experiências edificantes.

Às professoras, Dras. Laurênia de Souto Sales e Roseane Batista Feitosa Nicolau, pela grande contribuição e incentivo durante a fase de qualificação do nosso projeto. À coordenação do PROFLETRAS, pela dedicação e profissionalismo na condução do curso.

*1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.*

*2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.*

*3 E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.*

*4 O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.*

*5 Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;*

*6 Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;*

*7 Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.*

## RESUMO

Esta dissertação discorre sobre uma investigação realizada em uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Bayeux- PB, a qual teve como foco a aplicação do experimento de caráter modular, com a sequência didática, dos teóricos Dolz, Schneuwly & Noverraz (2004) para a produção do gênero crônica. Em nossa prática docente, temos observado que os discentes têm dificuldade de produzir o gênero crônica, uma vez que não conseguem utilizar estratégias argumentativo-discursivas eficazes para respaldar suas ideias no referido gênero. A investigação partiu do seguinte questionamento: uma experiência didática de produção textual do gênero crônica, com base nas sequências didáticas, pode contribuir com o desenvolvimento da argumentatividade do aluno em relação ao meio social, no qual está inserido? Para responder a esse questionamento, definimos o seguinte objetivo geral: Investigar como uma proposta de produção do gênero crônica pode contribuir para o desenvolvimento da competência argumentativo-discursiva dos alunos do 9º ano do ensino fundamental. A investigação é de natureza qualitativa e de cunho interventivo. Trata-se de uma pesquisa-ação, cujo desenvolvimento tem um caráter crítico-analítico. Após a intervenção e de posse dos textos produzidos pelos alunos, procedemos com a análise dos textos nas versões inicial e final, os quais constituíram o corpus da pesquisa. Como aporte teórico, para fundamentar nossa investigação, valemo-nos dos estudos de Bakhtin (2010), Marcuschi (2008), Pereira (2015), Moisés (2012), dentre outros, para discorrer sobre os gêneros textuais e em particular sobre o gênero crônica; quanto ao ensino da língua, nas considerações de Antunes (2003) e de Koch e Elias (2014); acerca da teoria da argumentação, nos estudos de Ducrot (1987), Espíndola (2004) e Nascimento (2015). Na análise da produção inicial, identificamos alguns problemas estruturais referentes ao gênero em estudo, como o uso da tipologia narrativa e suas especificidades, as questões linguístico-discursivas e o uso da norma culta, os quais foram trabalhados em cinco módulos. Após a intervenção, os alunos procederam com a reescrita da produção inicial, em cuja versão observamos os avanços nos aspectos linguísticos e argumentativo-discursivos dos textos, o que nos leva a constatar o êxito da intervenção.

**Palavras-chaves:** Argumentação. Didatização. Ensino de escrita. Gênero crônica.

## ABSTRACT

This dissertation discusses an investigation carried out in a 9th grade class of a public school in the municipality of Bayeux-PB, which focused on the application of a modular experiment with the didactic sequence of the theorists Dolz, Schneuwly & Noverraz (2004) for the production of the chronic genre. In our teaching practice, we have observed that students have difficulty producing the chronic gender, since they can not use effective argumentative-discursive strategies to support their ideas in this genre. The research was based on the following question: could a didactic experience of textual production of the chronic genre, based on didactic sequences, contribute to the development of student's argumentativeness in relation to the social environment in which it is inserted? To answer this question, we define the following general objective: To investigate how a proposal of production of the chronic genre can contribute to the development of argumentative-discursive competence of the students of the 9th year of elementary school. The research is qualitative and of an interventional nature. It is an action research whose development has a critical-analytical character. After the intervention and possession of the texts produced by the students, we proceeded with the analysis of the texts in the initial and final versions, which constituted the corpus of the research. As a theoretical contribution, to base our research, we use the studies of Bakhtin (2010), Marcuschi (2008), Pereira (2015), Moisés (2012), among others, to discuss textual genres and in particular about genre chronic; as regards the teaching of language, in the considerations of Antunes (2003) and Koch and Elias (2014); about the theory of argumentation, in the studies of Ducrot (1987), Espíndola (2004) and Nascimento (2015). In the analysis of the initial production, we identified some structural problems related to the genre under study, such as the use of the narrative typology and its specificities, linguistic-discursive issues and the use of the cultured norm, which were worked in five modules. After the intervention, the students proceeded with the rewrite of the initial production, in whose version we observe the advances in the linguistic and argumentative-discursive aspects of the texts, which leads us to verify the success of the intervention.

**Keywords:** Argumentation. Didatization. Teaching writing. Chronic gender.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AD** – Análise do Discurso

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos

**IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**LP** – Língua Portuguesa

**MEC** – Ministério da Educação

**PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PI** – Produção Inicial

**PF** – Produção Final

**PROFLETRAS** – Mestrado Profissional em Letras

**PPP** – Projeto Político Pedagógico

**SD** – Sequência Didática

## LISTA DE FIGURAS

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| Figura1: Conceituação de gênero.....          | 29 |
| Figura2: Estrutura da Sequência Didática..... | 66 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                   |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro1: Crônica <i>O homem nu</i> .....                                          | 43  |
| Quadro 2: Elementos argumentativos da crônica <i>O homem nu</i> .....             | 48  |
| Quadro 3: Manobras argumentativas para progressão da narrativa.....               | 49  |
| Quadro 4: Introdução das crônicas.....                                            | 98  |
| Quadro 5: Desenvolvimento do enredo das crônicas.....                             | 105 |
| Quadro 6: Desenvolvimento do conflito das PI6/PF6.....                            | 109 |
| Quadro 7: Desenvolvimento do conflito da PI9/PF9.....                             | 110 |
| Quadro 8: Desenvolvimento do conflito da PI3/PF3.....                             | 111 |
| Quadro 9: Desenvolvimento do conflito da PI4/PF4.....                             | 112 |
| Quadro 10: Conclusão das crônicas.....                                            | 113 |
| Quadro 11: Desfechos das PI2/ PF2.....                                            | 118 |
| Quadro 12: Marcadores temporais e espaciais, elementos de coesão e coerência..... | 124 |
| Quadro 13: Elementos de textualidade e uso do discurso relatado – PI2/PF2.....    | 130 |
| Quadro 14: Elementos de textualidade e uso do discurso relatado – PI3/PF3.....    | 131 |
| Quadro 15: Discurso relatado.....                                                 | 138 |
| Quadro 16: Discurso relatado – PI9/PF9.....                                       | 140 |
| Quadro 17: Discurso relatado – PI6/PF6.....                                       | 141 |
| Quadro 18: Emprego de “a gente”/ “agente”.....                                    | 143 |
| Quadro 19: Emprego dos porquês.....                                               | 144 |
| Quadro 20: Uso do x/ch: grafia dos verbos mexer e xingar.....                     | 144 |
| Quadro 21: Acentuação gráfica.....                                                | 145 |

|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 22: Emprego do – r final nas formas verbais no infinitivo..... | 145 |
| Quadro 23: Emprego de letras maiúsculas.....                          | 146 |
| Quadro 24: Pontuação.....                                             | 147 |
| Quadro 25: Concordância Nominal.....                                  | 148 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                                |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>I INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                                                       | <b>15</b>  |
| <b>II CONCEPÇÕES DOS GÊNEROS DISCURSIVOS E DO GÊNERO CRÔNICA.....</b>                                                                                                          | <b>21</b>  |
| 2.1 Os gêneros discursivos: implicações teóricas.....                                                                                                                          | 22         |
| 2.2 O gênero crônica: permeando o discurso jornalístico e o literário.....                                                                                                     | 33         |
| 2.3 Aspectos argumentativos da crônica.....                                                                                                                                    | 39         |
| <b>III A ESCRITA E AS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO.....</b>                                                                                                                       | <b>52</b>  |
| 3.1 Refletindo sobre a escrita como construto social.....                                                                                                                      | 52         |
| 3.2 Linguagem e ensino: o processo da escrita na escola.....                                                                                                                   | 57         |
| 3.3 Uma experiência com a sequência didática.....                                                                                                                              | 65         |
| <b>IV PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                                                                                                     | <b>78</b>  |
| 4.1 Caracterização da investigação.....                                                                                                                                        | 78         |
| 4.2 Contextualização da pesquisa.....                                                                                                                                          | 79         |
| 4.3 Local da Pesquisa.....                                                                                                                                                     | 80         |
| 4.4 Sujeitos da Pesquisa.....                                                                                                                                                  | 81         |
| 4.5 A delimitação do <i>corpus</i> .....                                                                                                                                       | 83         |
| 4.6 Aplicação do plano de ação.....                                                                                                                                            | 84         |
| 4.6.1 A situação inicial.....                                                                                                                                                  | 84         |
| 4.6.2 A produção inicial.....                                                                                                                                                  | 88         |
| 4.6.3 Elaboração e aplicação dos módulos de intervenção.....                                                                                                                   | 89         |
| 4.7 A produção final.....                                                                                                                                                      | 95         |
| <b>V ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A PRODUÇÃO INICIAL E A PRODUÇÃO FINAL.....</b>                                                                                                  | <b>96</b>  |
| 5.1 As características do gênero – estrutura, elementos da narrativa, construção do enredo.....                                                                                | 97         |
| 5.1.1 Desenvolvimento do enredo: conflito e clímax.....                                                                                                                        | 104        |
| 5.1.2 Conclusão das crônicas – o desfecho.....                                                                                                                                 | 113        |
| 5.2 Fatores de textualidade: elementos de coesão e coerência, marcadores temporais e espaciais, continuidade discursiva, o discurso relatado e os verbos <i>discendi</i> ..... | 123        |
| 5.3 O discurso relatado e os verbos <i>discendi</i> .....                                                                                                                      | 138        |
| 5.4 Aspectos linguísticos – uso da norma culta.....                                                                                                                            | 142        |
| 5.5 Resultados da análise.....                                                                                                                                                 | 148        |
| <b>VI CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                                                                            | <b>151</b> |

|                  |     |
|------------------|-----|
| REFERÊNCIAS..... | 157 |
| APÊNDICES.....   | 161 |
| ANEXOS.....      | 178 |

## I INTRODUÇÃO

*A maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes se faz assim, e é uma conquista inteiramente possível a todos – mas é ‘uma conquista’, ‘uma aquisição’, isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas (com rasuras, inclusive!), aprendizagem. Exige tempo, afinal. (Antunes, 2003, p. 60).*

Nas últimas décadas, o ensino da língua portuguesa vem passando por transformações consideráveis em nosso país, graças à contribuição da Linguística e da Linguística Aplicada, que, ao se auto afirmarem como ciências, vêm contribuindo significativamente para melhoria da prática pedagógica no ensino da língua portuguesa, doravante LP, através das pesquisas desenvolvidas na área de linguagem e ensino.

Os estudos linguísticos teóricos e aplicados vêm apresentando uma concepção de análise da língua em funcionamento, visando não apenas aos aspectos gramaticais, mas também aos textuais e discursivos, visto que a prevalência do ensino de português esteve pautado unicamente nas normas da gramática tradicional por muitos anos, entretanto essa prática já não satisfaz às gerações da era da informação, que utilizam a comunicação como sua principal ferramenta de trabalho, de lazer e de outras diversas práticas sociais.

Impulsionados pelos avanços tecnológicos e pelo papel fundamental que exerce a linguagem na vida das pessoas, os linguistas vêm ampliando suas pesquisas desde o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure, aos dias atuais, ramificando seus estudos em diversas linhas de pesquisas para atender à diversidade dos fenômenos linguísticos, outrossim vêm discutindo a importância do ensino da língua materna com ênfase para a prática social da linguagem.

No Brasil, desde a década de 1980, destacaram-se os trabalhos de Ingedore Villaça Koch, Luiz Carlos Travaglia, Luiz Antônio Marcuschi e outros linguistas que trouxeram uma profunda reflexão acerca dos gêneros discursivos, a partir dos conceitos do filósofo Mikhail Bakhtin, para quem os gêneros discursivos/textuais estão intrinsecamente ligados a toda esfera do conhecimento humano, organizando o

discurso, sem os quais não acontece a interação verbal. As teorias bakhtinianas acerca da linguagem e dos gêneros discursivos revolucionaram o meio acadêmico linguístico e proliferaram-se através de diversas pesquisas, dentre as quais as das áreas da AD francesa e da Linguística Textual.

Nas suas pesquisas, Koch (1993) se aprofundou na questão da construção dos sentidos, enfatizando os fatores de coesão e coerência como fundamentais para que o texto seja reconhecido como tal, além de analisar os elementos que compõem a sua estrutura. Já Marcuschi (2010) dedicou-se a classificar os diversos gêneros textuais, seus suportes de circulação e ao modo como eles deveriam ser ensinados na escola. Tais pesquisas trouxeram para os estudantes de Letras e, conseqüentemente, para os professores, uma instigante reflexão acerca da forma de como ministrar aulas de LP, tomando o texto como base desse estudo, desconstruindo os moldes do ensino pautados nos preceitos gramaticais. As pesquisas na área da linguagem impulsionaram os professores a buscarem um ensino de qualidade que atendesse às demandas do novo milênio que se aproximava.

Mediante a necessidade que urgia de impulsionar o ensino e estabelecer um currículo comum para o Brasil, o Governo Federal instituiu em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN (BRASIL, 1998), que, especificamente, no que diz respeito ao currículo de LP, trouxe suas orientações fundamentadas nas pesquisas das áreas da Linguística e da Linguística Aplicada, as quais preconizam uma proposta de ensino focada no desenvolvimento das competências linguístico-discursivas do aluno, nas modalidades oral e escrita, centrada no estudo dos gêneros textuais, rechaçando assim, o ensino nos moldes tradicionais, restrito à reprodução das regras da gramática normativa. Os PCN de LP vieram para atender às expectativas da comunidade acadêmica, sobretudo às dos professores que almejavam um currículo que atendesse basicamente à formação dos alunos e que, de certa forma, unificasse o que se estava ensinando em todo país.

Recentemente, para corroborar com os PCN e atualizar os avanços nas pesquisas de linguagem e ensino, o MEC conclamou os educadores e a comunidade acadêmica para elaborar a Base Comum Curricular Nacional-BNCC (BRASIL, 2017), cujo objetivo foi a unificação do currículo da educação básica.

Entretanto continua sendo desafiador para o professor de língua materna encontrar os procedimentos metodológicos ideais para estabelecer um ponto de

articulação entre o ensino da gramática e do texto. O ensino voltado para os gêneros textuais garante permite a exploração dos aspectos linguístico- discursivo da língua, entretanto requer metodologias adequadas, as quais dependem de pesquisas e experimentos.

É evidente que não se pode eliminar o ensino da gramática normativa, o que não se pode fazer é, após anos de avanços nas pesquisas linguísticas, continuar ensinando regras gramaticais descontextualizadas e sem propósitos definidos, pois o texto precisa ser o centro das aulas de LP. A análise linguística deve fazer parte do ensino da língua, portanto deve ser um meio e não o fim. O aluno necessita ler e compreender textos de diversos gêneros como também escrever eficientemente. Tal condição é incisiva para tornar o aluno sujeito de si mesmo e capaz de inserir-se nesta sociedade, em que a falta do domínio da leitura e da escrita é excludente e massacrante.

Segundo Antunes:

Se o texto é o objeto de estudo, o movimento vai ser ao contrário: primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto (no todo e em cada uma de suas partes – sempre em função do todo) e para que se chegue a essa compreensão, vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários. Ou seja, o texto é que vai conduzindo nossa análise e em função dele é que vamos recorrendo às determinações gramaticais, aos sentidos das palavras, ao conhecimento que temos da experiência, enfim. (ANTUNES, 2003, p 110)

Na visão da autora, o texto deve ser o primeiro objeto de estudo nas aulas de língua portuguesa. A partir dele, surgem os questionamentos que devem ser transformados em conhecimentos linguístico- textuais mediante as necessidades de compreensão do texto em estudo, ao invés de se estudar os preceitos gramaticais, objetivando a compreensão de textos em segundo plano. Para Possenti:

Não se trata de excluir das tarefas da escola a reflexão sobre a linguagem, isto é, a descrição de sua estrutura ou a explicitação de suas regras, tarefas essas que estariam incluídas nas definições normativa e descritiva de gramática. Trata-se apenas de estabelecer prioridades, deixando claro que não faz sentido, dado o objetivo da escola, descrever ou tentar sistematizar algo de que não se tenha o domínio efetivo. (Possenti, 1996, p. 84)

Isso significa dizer que é na leitura e produção do texto, efetivamente, que surgirão as dificuldades de uso da língua padrão e conseqüentemente, da necessidade de consultar a gramática normativa. O ensino da gramática pela gramática não é condizente com a visão de linguagem e ensino do século XXI, conforme preconizam os PCN (BRASIL, 1998) e a BNCC (BRASIL, 2017).

Nessa atual conjuntura, diante de tantas discussões acerca do ensino da LP, propusemo-nos a rever nossa prática pedagógica, após anos a fio de sala de aula em escola pública, em busca de procedimentos metodológicos que venham contribuir com o aprimoramento de nossa prática, partindo dos seguintes pressupostos: a produção textual é a atividade cognitiva mais complexa e mais necessária para os nossos alunos, e o ato de ensinar o aluno a produzir eficazmente textos, açambarcando os diversos gêneros, é o grande desafio da escola do século XXI. Mediante tais ponderações, elegemos como meta primordial dos nossos estudos neste Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS buscar uma metodologia viável para aplicar em sala de aula, tendo como foco a produção escrita, visto que consideramos essa a maior dificuldade dos nossos alunos.

Para realizar essa pesquisa, escolhemos o gênero crônica, um dos gêneros textuais explorados no programa do 9º ano do ensino fundamental, por dois motivos: primeiramente porque observamos empiricamente que os alunos gostam da leitura do referido gênero por apresentar uma leitura leve e de linguagem próxima a oralidade embora apresentassem dificuldades na produção escrita do referido gênero. Segundo, porque é do nosso interesse incentivar a prática da leitura e escrita da crônica, por se tratar de um gênero que leva à reflexão e à análise do que acontece cotidianamente ao nosso redor, como forma de fomentar a prática da leitura e da escrita de cunho social e analítico.

Acreditamos que a dificuldade dos alunos na produção de crônicas provém da complexidade inerente ao referido gênero textual, visto que a crônica é um gênero híbrido que permeia entre os campos jornalístico e literário, o qual é alvo de controvérsias entre os próprios especialistas, conforme explica Melo (2003). Apesar de linguagem fácil e próxima à oralidade, a crônica tem uma estrutura narrativa curta, com um viés de argumentação, que pretende envolver o leitor e fazê-lo concordar com o ponto de vista do narrador. Para isso, vale-se de diversos recursos de sentido, tais como: humor, ironia, emoção, reflexão etc. Esses recursos conferem uma leitura

prazerosa e agradável que agrada a maioria dos alunos; entretanto, no momento de produzir seus textos, eles não conseguem desenvolvê-los com proficiência, talvez devido às peculiaridades do referido gênero.

A partir das considerações até aqui expostas, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: uma experiência didática de produção textual do gênero crônica pode contribuir com o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno em relação à criticidade do meio social, no qual está inserido? Como objetivo geral da pesquisa estabelecemos: Investigar como uma proposta de produção do gênero crônica pode contribuir para o desenvolvimento da competência argumentativo-discursiva dos alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Elencamos como objetivos específicos: diagnosticar as dificuldades linguístico-discursivas a partir da produção inicial e diagnóstica do gênero crônica; aplicar módulos didáticos com intuito de instrumentalizar os alunos para superar as dificuldades de escrita, mediante os resultados da produção inicial do gênero crônica; descrever e analisar o desenvolvimento da habilidade de argumentação dos alunos, adquiridas e/ou aperfeiçoadas durante a aplicação das SD e conforme a produção final; verificar se a intervenção realizada contribuiu para a superação das dificuldades apresentadas, pelos alunos, na produção diagnóstica e para o desenvolvimento de suas habilidades de argumentação.

Diante do exposto, realizamos uma pesquisa, na qual foi aplicada o experimento com as sequências didáticas, doravante SD, associadas às pesquisas de aquisição da língua escrita, com base no método de ensino dos gêneros textuais desenvolvido por Dolz, Schneuwly & Noverraz (2011), no intuito de oportunizar aos discentes a prática da produção textual escrita de um gênero.

Nossa proposta metodológica baseou-se numa abordagem qualitativa, de natureza intervencionista e descritiva, desta forma, instituiu-se como uma pesquisa-ação, conforme Thiollent (1996), pois tratou-se de uma investigação de cunho social, com fundamentação empírica, na qual buscamos a resolução de problemas de ordem social, através da nossa interação, na qualidade de pesquisadora, com os alunos participantes desta pesquisa, em uma atuação colaborativa. Dessa feita, a pesquisa se valeu da teoria e da prática para promover uma intervenção no processo de aprendizagem escrita do gênero crônica.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 9º ano de uma escola pública do município de Bayeux, PB, onde foi aplicada as SD para produção do gênero crônica, com base nos fatos do cotidiano do universo dos próprios alunos. O tema escolhido pela turma para produção da crônica foi: “O uso abusivo do celular pelos adolescentes”. Como se pode depreender dos objetivos traçados, nossa intenção foi principalmente o desenvolvimento da capacidade de argumentação dos alunos com um olhar crítico para sua realidade, conferindo à linguagem seu principal propósito, o da interação e inserção no meio social.

Além deste capítulo introdutório, esta dissertação apresenta mais cinco capítulos. No capítulo segundo, intitulado “Concepções dos gêneros discursivos e do gênero crônica”, tratamos do referido tema com base nos estudos dos teóricos Bakhtin (2010), Marcuschi (2008), Pereira (2015), Moisés (2012), dentre outros.

O capítulo terceiro discorre a respeito da escrita, intitulado “A escrita e as Implicações par o ensino”. Nesse capítulo, discutimos acerca da importância da escrita como construto social e do ensino da escrita na escola, na visão de Koch e Elias (2014), Antunes (2003) e nas considerações dos PCN (1998) e da BNCC (2017). Abordamos ainda uma reflexão sobre a experiência com a sequência didática com base na proposta de Dolz, Schneuwly & Noverraz e (2011).

No capítulo quarto, intitulado “Procedimentos metodológicos”, discorremos sobre as características da pesquisa e da sua aplicação com base em Thiollent (1996) e Minayo (1994). Detalhamos o processo pelo qual passou a nossa proposta de intervenção.

No capítulo quinto intitulado “Análise comparativa das produções iniciais e finais”, procedemos com a análise dos textos dos alunos nas versões inicial e final. Após a intervenção, os alunos realizaram a reescrita da produção inicial, em cuja versão observamos se houve a minimização dos problemas e os avanços almejados nos aspectos argumentativo-discursivos dos textos.

No capítulo sexto, finalizando o trabalho, apresentamos as nossas considerações finais a respeito da intervenção realizada e dos resultados obtidos.

## II CONCEPÇÕES DOS GÊNEROS DISCURSIVOS E DO GÊNERO CRÔNICA

*O subjetivismo individualista tem toda a razão quando diz que não se pode isolar uma forma lingüística do seu conteúdo ideológico. Toda palavra é ideológica e toda utilização está ligada à evolução ideológica. (BAKHTIN, 1997: 124)*

O presente capítulo trata dos estudos sobre os gêneros discursivos e, em especial, da crônica, com sua funcionalidade e caracterização, o que inclui seu caráter argumentativo. Por esse motivo, será organizado em três seções, a saber:

Na primeira seção, **Os gêneros discursivos: implicações teóricas**, apresentaremos algumas reflexões acerca dos gêneros discursivos, a partir das teorias de Mikhail Bakhtin (2010), para quem os gêneros discursivos organizam dialogicamente as interações linguísticas. O autor faz uma análise do enunciado, como elemento mínimo do discurso.

Em continuidade, apresentaremos as opiniões de Luís Antônio Marcuschi (2008) a respeito dos gêneros textuais, influenciado pelas teorias bakhtinianas, as quais foram tomadas pelo referido autor para enfocar o ensino da língua materna.

Em seguida, na segunda seção, traçaremos algumas considerações sobre **O gênero crônica, permeando o discurso jornalístico e literário**, focando principalmente na visão de Wellington Pereira (2015), o qual aprofundou seus estudos acerca do referido gênero. Abordaremos também os conceitos de outros autores, críticos literários, tais como Massoud Moisés (2012), Afrânio Coutinho, Antônio Cândido (1992) e José Marques de Melo (2003).

Na terceira seção, **Aspectos argumentativos da crônica**, abordaremos a Teoria da Argumentação na Língua criada por Ducrot (1989), como também as considerações de Luciene Espíndola (2004) e Erivaldo Pereira do Nascimento (2015) a respeito da argumentação. Apresentaremos, em seguida, a análise da crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino, a título de exemplificação.

## 2.1 Os gêneros discursivos: implicações teóricas

A complexidade que há no uso da linguagem humana e o fato desse uso estar intrinsecamente atrelado aos gêneros do discurso justifica a dificuldade para conceituá-los, visto que, à linguagem, estão vinculadas todas as esferas de atividades humanas, as quais, por sua vez, se organizam através dos gêneros discursivos<sup>1</sup>. Essa diversidade no uso da língua equipara-se à diversidade de gêneros que circulam na sociedade, segundo Bakhtin (2010).

Muito se tem produzido na comunidade científica acerca dos gêneros; entretanto, como frisa Marcuschi (2008), “não é um tema novo, mas está na moda”. Os avanços nos estudos linguísticos, a partir do estruturalismo saussuriano, foi o ponto inicial para que os especialistas analisassem a linguagem humana sob diversas perspectivas. A nova concepção de língua, e a linguagem como objeto de estudo de uma ciência própria - a Linguística – acelerou inúmeras pesquisas, porém em relação aos gêneros discursivos a contribuição de Bakhtin foi um divisor de águas, além de ter sido extremamente importante, inspirou diversos pesquisadores a se debruçarem sobre os gêneros discursivos.

Ao traçar um contraponto entre o estruturalismo saussuriano e as ideias bakhtinianas, ponderamos que, para Saussure (2006) e seus seguidores, a língua tem caráter social, porém os falantes não têm o “poder” de modificar a língua, visto que esta é estanque, por se tratar de um código, a ser seguido pela comunidade de falantes. A língua “[...] É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. ” (SAUSSURE, 2000, p. 17). A língua como produto social, porém passivo e estável. Conforme Weedwood (2002), tanto para Saussure como para Chomsky o objeto da linguística é definido “pelo viés do elemento ‘abstrato’, ‘universalista’, ‘sistêmico’, ‘formal’ (a *langue* para Saussure, a *competência* para Chomsky) [...]”. (WEEDWOOD, 2002, p. 125).

Entretanto, conforme o pensamento bakhtiniano, a língua não é um sistema abstrato. Ela se manifesta através da enunciação. É no enunciado que a língua se

---

<sup>1</sup> Existem diferentes termos para se referir aos gêneros: discursivos, textuais, do discurso, de texto. Essa diferença parte de diversas concepções teóricas. No entanto, dados os objetivos do trabalho, tomaremos um termo pelo outro.

manifesta viva e eficaz para o fim proposto: a comunicação entre falantes, em um processo de interação verbal, isto é, a língua acontece efetivamente numa relação dialógica. Bakhtin (2010) trouxe à tona a língua como algo que não é abstrato, homogêneo e estável; ao contrário, a língua se realiza no uso cotidiano dos falantes, conforme as suas necessidades comunicativas e práticas sociais.

Diferentemente da visão de Saussure; para Bakhtin, a língua é caracteristicamente heterogênea e possui caráter social, constitui-se por meio de enunciados (orais e escritos) expressos pelos falantes, dentro de determinado campo de atividade humana. Em cada enunciado, veem-se refletidas particularidades nas quais se destacam o conteúdo temático, o estilo da linguagem (com suas construções sintáticas e escolhas lexicais) e a estrutura composicional estão interligados na construção dos enunciados e, por sua vez, na elaboração dos gêneros do discursivos.

Conforme Bakhtin:

Todos esses elementos: o conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional - estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora *seus tipos relativamente estáveis*, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (Bakhtin, 2010, p.262) (grifos do autor)

O enunciado é elaborado a partir da tríade: conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional, ou seja, o enunciado é criado a partir de um conteúdo temático, conforme o campo de utilização no qual ele se insere. O sujeito escolhe o estilo mais propício, a composição, como também dá um tratamento ao tema de maneira que se adeque ao gênero.

Podemos perceber que, apesar do enunciado ter caráter individual, ele é constituído dentro da perspectiva de um determinado campo de comunicação, visto que o falante organiza seus enunciados de forma particular a partir de sua funcionalidade e de seu uso em um determinado campo de atividade humana. O tratamento dado ao conteúdo vai mudar de gênero para gênero, como também as próprias funcionalidades dos gêneros, pois tudo que o locutor deseja expressar deve se adequar ao gênero. O estilo é particularmente do locutor, como também as escolhas lexicais e as estruturas sintáticas, porém que sejam adequadas ao evento

comunicativo, o que é válido também para o campo composicional. O falante busca a adequação, considerando o contexto e seus interlocutores, além do tema em questão.

Podemos nos colocar como exemplo. Na produção desta dissertação, temos a autonomia de formular nossos enunciados, contudo não podemos fugir do nosso campo de atividade, o qual, neste momento, é o acadêmico, precisamente direcionado para análise dos gêneros discursivos. Isso significa que o sujeito não pode fugir do seu campo de atividade ao produzir seu discurso ou incorrerá no erro de não se fazer entender ou de tornar-se incoerente e inoportuno.

Os gêneros nascem da necessidade de interação dos falantes dentro de um determinado campo de atividade humana, os quais elaboram seu discurso, conforme as situações comunicacionais às quais são expostos; assim, os falantes selecionam o conteúdo a ser abordado, o estilo de linguagem mais apropriada e a construção composicional que vai lhe habilitar a interagir eficazmente em uma dada esfera social para um fim proposto, pois os gêneros nascem dentro da perspectiva de adequação do discurso. Conforme o pensamento bakhtiniano, apesar de a língua funcionar como unidade nacional, ela se reflete em cada campo de atividade humana de forma heterogênea, em múltiplas faces, para atender às demandas linguísticas dos falantes, de modo natural, mas não menos complexo.

Não é aleatoriamente que o processo discursivo ocorre. Bakhtin afirma que “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental [...]” (BAKHTIN, 1986, p.112). Ao analisar as teorias bakhtinianas nos livros *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, a respeito de como a linguagem organiza o pensamento e, conseqüentemente, de como os gêneros do discurso organizam o discurso em *Estética da Criação Verbal*, percebemos a linearidade e a coerência das teorias de Bakhtin. Se a atividade mental é organizada através da expressão, é a língua quem dota o sujeito da capacidade de expressar-se, fazendo escolhas lexicais e de construções sintáticas para satisfazer suas intenções. Por sua vez, o discurso não é produzido aleatoriamente, ele extrapola o campo linguístico, visto que o sujeito o produz conforme o campo temático, no qual está inserido e conforme a ocasião que esse processo se dá.

Dessa feita, o discurso é organizado através dos gêneros, em conformidade com o campo de atividade humana, ao qual os sujeitos pertencem e, particularmente,

conforme o momento em que o evento ocorre, sob a influência de um ou mais sujeitos envolvidos. O discurso se molda em uma relação dialógica.

Para Bakhtin (2010), diante da extrema heterogeneidade dos gêneros, torna-se complexo defini-los. Para tanto, faz-se necessário diferenciar os gêneros primários dos secundários. Em linhas gerais, os gêneros primários são simples, isto é, estão relacionados às condições de comunicação discursiva imediata, uma conversa, por exemplo; enquanto os secundários são complexos e estão relacionados à produção mais elaborada, principalmente escrita, de convívio cultural relativamente mais desenvolvido e organizado, como por exemplo as produções literárias, científicas, jurídicas, filosóficas etc. A relação de reciprocidade que há entre os gêneros primários e secundários e a formação histórica dos gêneros secundários esclarece a natureza do enunciado e explica a complexidade que há na relação entre linguagem e ideologia.

O referido autor afirma que todo enunciado, seja simples ou complexo, nas modalidades oral ou escrita da língua, em qualquer campo de atividade humana, tem caráter individual e reflete a individualidade de quem fala ou escreve. É o que pode se definir como estilo individual, no entanto, o estilo individual não implica em uma anulação do estilo verbal do gênero, que se constitui nas formas linguísticas próprias de um determinado gênero. Na visão bakhtiniana, não há como separar o estilo do gênero, visto que aquele é elemento constitutivo deste. Tanto os estilos individuais, quanto os verbais atendem aos gêneros discursivos.

A gramática apresenta distinções significativas em relação à estilística; no entanto, afirma Bakhtin, não há estudo gramatical que dispense as observações da estilística. Ao se examinar um fenômeno linguístico, apenas no sistema da língua, tem-se um fenômeno gramatical, mas se for observado o conjunto de um enunciado individual ou dos gêneros do discurso, tem-se, então, um fenômeno estilístico. O estudo do enunciado como unidade discursiva real permite a diferenciação da natureza das unidades da língua (enquanto sistema).

Para definir o enunciado, Bakhtin faz uma análise segundo a qual, o enunciado possui algumas peculiares. Iremos utilizar grifos para destacar tais peculiaridades que o constituem: **primeira peculiaridade**, o enunciado possui um limite, ou seja, ele se delimita no momento em que se esgota aquilo que o falante pretendia transmitir, ficando “a deixa” para seu interlocutor, por essa razão, promove

a alternância dos sujeitos no discurso. Na visão bakhtiniana, para se compreender de fato o enunciado, é preciso estabelecer um paralelo entre ele e a oração.

A oração, como unidade da língua, não se delimita pela alternância dos sujeitos. A oração não está diretamente relacionada ao contexto, no qual o discurso se realiza, tampouco com a enunciação de outros falantes. Ela só adquire esse *status*, ocupando a posição de enunciado. Se tomarmos por exemplo a oração: *o dia está quente*, analisando-a fora do contexto, no qual ela foi verbalizada, sem levar em consideração quem a proferiu, sob que circunstâncias e a quem foi direcionada, tem-se meramente uma oração, isto é, uma *unidade significativa da língua*, considerando-se o aspecto de abstração, pois como estrutura sintática ela tem sentido, porém no contexto extraverbal, a oração não tem significação.

A **segunda peculiaridade**, que vai conferir ao enunciado a propriedade de unidade discursiva, é a da conclusibilidade, a qual está intimamente entrelaçada à primeira. Nesta, o falante, ao concluir o que tinha a transmitir, gera a expectativa da “resposta”, isto é, a possibilidade de se ter um retorno a respeito do que foi dito ou escrito. Bakhtin a considera como uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos. A conclusibilidade possui alguns critérios, sendo o primeiro a possibilidade que se tem de responder ao enunciado, ou seja, é possível ocupar uma *atitude responsiva* diante dele, o que vem consequentemente levar ao critério da *inteireza o enunciado* - A esse respeito, Bakhtin aponta três elementos que são característicos do enunciado:

- ✓ *A exauribilidade do objeto e do sentido*, nesse caso, o tema se esgota em dado momento, criando a possibilidade de ser compreendido e respondido, o que resulta na capacidade responsiva do interlocutor. Esse elemento garante o caráter dialógico do enunciado, visto que oportuniza a interação entre os sujeitos;
- ✓ *A intenção discursiva ou a vontade discursiva do falante*, atrelada à ideia da autoria do discurso. A intenção do falante se concretiza em suas escolhas discursivas, imprime suas marcas de individualidade e subjetividade e define o propósito do seu discurso.
- ✓ O falante tem opções infinitas para formular seu discurso através dos enunciados. Independentemente do que o falante queira exprimir, se em poucas ou muitas palavras, ele deixa sua marca individual em cada enunciado. Conforme o pensamento bakhtiniano, o enunciado se sustenta como unidade discursiva, na sua inteireza,

pronto e acabado na vontade discursiva do falante ou como atitude responsiva e quais objetivos pretende atingir, o que já define a ideia de autoria.

✓ *As formas estáveis do gênero do discurso*, que se concretiza na escolha do gênero, considerada pelo autor a mais importante, pois a vontade discursiva do falante impõe escolhas que vão resultar na materialização do gênero. Para Bakhtin, “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis da construção do todo”. (BAKHTIN, 2010, p.283). Ao produzir o discurso, este é organizado em forma de gênero, isto vai do mais simples e corriqueiro aos gêneros mais elaborados.

A **terceira peculiaridade** do enunciado é o **elemento expressivo**, considerada por Bakhtin como específica do enunciado, pois do estilo e da composição do enunciado dependem o que o referido autor chama de *objeto semântico-objetual*. Apesar da subjetividade e da criatividade do falante ao formular o enunciado, ele acontece sempre numa resposta ao que foi dito anteriormente, dentro de determinado campo de atividade humana. Os enunciados se refletem mutuamente uns nos outros, isto é, dialogam entre si. Vistos isoladamente, “os enunciados são elos na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2010, p.289). Seria ingenuidade do falante considerar seu discurso inédito. Os enunciados formulados pelo falante têm sempre caráter responsivo.

O nosso discurso não é adâmico, conforme afirmou Bakhtin. Ele se intercruza com os discursos de outros interlocutores e se constitui como ato social, na interação entre sujeitos. Para cada campo de atividade humana, há os “*tipos estáveis de enunciados*” que orientam os sujeitos no processo de interação e de constituição do discurso, que se inter cruzam, se complementam, se confrontam. Nesse processo contínuo em que, ora se ratifica e ora se contradiz o discurso do outro, os sujeitos constituem novos discursos que, na verdade, são consequência do que já foi dito antes.

Eis a razão pela qual os gêneros são infinitos e heterogêneos: conforme a sociedade se expande tecnológica e culturalmente, surgem novos gêneros para satisfazerem as demandas. E para que a interação verbal se concretize, faz-se necessário adequar o discurso a cada situação comunicacional. Do mesmo modo que há um traje específico para cada evento social, afinal não se usa *black-tie* em qualquer ocasião, os gêneros “vestem” o indivíduo para cada evento comunicativo. Dessa

forma, eles servem de indumentária, porém cada gênero é determinado por um estilo próprio e, assim, serve para situar o falante dentro do universo da comunicação verbal, visto que o falante, conforme a concepção bakhtiniana, age institivamente na escolha do gênero que vai servi-lo em dada situação.

Do mesmo modo que o falante escolhe suas construções gramaticais, escolhe também o discurso que vai se adequar ao contexto comunicacional. O falante aprende a língua materna no convívio com os seus. É assim que ele internaliza as construções gramaticais, amplia o léxico e aprende também a estruturar o discurso através dos gêneros. O falante compreende que é preciso adequar a “indumentária” para a ocasião propícia, pois:

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2010, p. 283).

É extraordinário que o processo de aquisição da língua materna seja semelhante ao processo de apropriação dos gêneros, pois o falante, conforme Bakhtin (282:2010), pode até não ter ideia do que sejam os gêneros, porém ao produzir determinado enunciado, o faz direcionando-o a um tipo de gênero; e, ao ouvir o discurso do outro, percebe de imediato qual gênero seu interlocutor usou. Para o autor, os gêneros nos são dados quase da mesma maneira como nos é dada a língua materna.

Para Bakhtin, do ponto de vista composicional, o enunciado é a unidade da comunicação discursiva, visto por esse aspecto, “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado, pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma, não poderá existir.” (BAKHTIN, 2010, p.274). E é na alternância do discurso que se delimita o enunciado, enquanto unidade discursiva. Ao traçar um contraponto entre oração e enunciado, Bakhtin considera a oração como unidade da língua, com funções gramaticais que lhe são peculiares, mas sem caráter comunicacional em si mesma, pois é incapaz de determinar ativamente a capacidade responsiva do falante;

para tanto, a oração precisaria atingir o patamar de enunciado, somada a elas diversos elementos não gramaticais. Como unidade da língua, a oração, assim como a palavra, não tem autor, já o enunciado, na condição de unidade discursiva, se constitui na capacidade que o falante possui de moldar seu discurso e de adequá-lo para um determinado fim.

A **quarta peculiaridade** do enunciado é o **endereçamento e o direcionamento** para o qual ele foi produzido. Segundo Bakhtin, essa é uma peculiaridade constitutiva. Cada vez que um enunciado é criado, isso se dá dentro de um campo de atividade específico e é direcionado para determinado sujeito ou sujeitos. O enunciado se constitui na capacidade de promover as relações dialógicas entre os sujeitos. Quando dizemos ou escrevemos algo, temos um interlocutor em potencial. No pensamento bakhtiniano, o discurso é produzido instantaneamente, moldando-se a um gênero específico, obedece à um tema composicional, atende à intenção do falante e é dirigido a um ou mais sujeitos, do (s) qual (quais) espera-se uma atitude responsiva que pode ou não ocorrer de imediato. O que se diz tem endereçamento, é dito com intencionalidade para um fim proposto, dentro de determinado campo de ação.

A partir de Bakhtin, muito se tem produzido acerca dos gêneros, novas perspectivas surgiram e outros enfoques foram propostos. Iremos tomar como referência, no Brasil, as considerações de Luiz Antônio Marcuschi para conceituar os gêneros. Devido a sua complexa natureza, Marcuschi (2008) toma o pensamento de Carolyn Miller para quem os gêneros são “uma forma de ação social”. Ou melhor ainda, “um artefato social”.

O referido autor ao analisar o gênero nessa perspectiva, afirma que gênero é:

**Figura 1: Conceituação de gênero**

**uma categoria cultural**  
**um esquema cognitivo**  
**uma forma de ação social**  
**uma estrutura textual**  
**uma forma de organização social**  
**uma ação retórica**

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2008, p.149)

Ao gênero cabe simultaneamente todas essas definições, conforme o viés pelo qual queiramos enxergá-lo. Observando a questão de “*categoria cultural*”, talvez possamos relacionar esse termo ao que diz Bakhtin acerca do campo de atividade humana, pois o discurso se produz dentro de determinando campo culturalmente constituído pelos sujeitos. Podemos usar como exemplo o campo da Medicina, pensando em tudo que já se produziu pelos cientistas a esse respeito, dos discursos que circulam e circularam nesse campo, das ratificações e oposições a respeito do que foi dito e escrito, diferentemente do que se produziu em outros campos de atividades, como os da Filosofia ou da Literatura.

Não podemos dizer que, em um dado momento, os saberes não se apropriem uns dos outros, mas isso também acontece intencionalmente para um fim proposto. Até mesmo no que diz respeito aos gêneros simples, classificados por Bakhtin, há traços comuns e específicos que os caracterizam. Nas conversas familiares e nos bate-papo entre amigos, embora mudem-se os contextos e as discussões, eles têm peculiaridades similares: caráter informal, traços de intimidade e descontração, linguagem coloquial, abordam assuntos pessoais, temas referentes ao dia-a-dia, os quais envolvem seus hábitos, suas crenças, seu trabalho, seus relacionamentos e outros afins. Quer seja nos campos da Medicina, da Literatura da Filosofia ou dos gêneros de caráter simples são todos exemplos de ‘categorias culturais’ e apenas os sujeitos envolvidos socialmente nessas áreas dominam esses conhecimentos.

Para entender a denominação de gênero como “esquema cognitivo”, por Marcuschi,( 2008) é preciso retomar a Bakhtin, quando ele afirma que o pensamento organiza nossa expressão e que, por sua vez, os gêneros organizam o discurso, pois esse processo envolve a cognição. Há uma atividade cerebral, acontecendo na produção do discurso e na sua classificação em gêneros. E quando Marcuschi denomina o gênero como uma “forma de ação social” ratifica Bakhtin, quando este afirma que o enunciado se constitui dentro dos campos de atividades humanas e que o enunciado, como unidade discursiva, se constitui assim na relação dialógica entre os sujeitos.

Os gêneros textuais são também para Marcuschi “uma estrutura textual” (MARCUSCHI,2008, p.154), a forma que designamos a diversidade de textos orais e escritos produzidos socialmente para fins diversos que circulam na sociedade. Marcuschi afirma que não é possível a comunicação verbal a não ser através dos

gêneros, da mesma forma que não é possível que ocorra essa comunicação a não ser por intermédio do texto. O autor dispensa comentários acerca de qual expressão se deva usar: gênero textual, gênero discursivo ou gênero do discurso. Para ele, pode-se usar as terminologias indistintamente, desde que em certas circunstâncias, necessite-se explicitar algum fenômeno específico.

Os gêneros, conforme Marcuschi, são “uma forma de organização social”. (MARCUSCHI, 2008, p.149) O autor toma os conceitos de Charles Barzeman para explicar os aspectos relativos aos gêneros em seu funcionamento e o que significa nesse contexto a expressão “fato social”, definindo-a como aquilo em que as pessoas acreditam e passam a constituir-se em verdade. Muitos fatos, no âmbito social, tornam-se verdade tão somente baseado em um discurso situado. Podemos, grosso modo, explicar como vulgarmente se diz que ‘a mentira repetida inúmeras vezes torna-se verdade’.

Marcuschi (2008) frisa a questão do discurso como forma de controle social, isto é, as atividades discursivas podem servir aos mais variados tipos de controle social e inclusive ao exercício do poder. O discurso se presta não apenas ao papel de informar e comunicar, ele extrapola essas funções básicas, exercendo, através das ações discursivas, o controle social e cognitivo. Conforme o autor, utilizamos o discurso para influenciar, convencer e atrair o outro. Toda vivência humana e seu caráter cultural dependem da linguagem para acontecer. A língua é muito mais que um sistema de comunicação. Ela serve ao propósito de promover a interação e aproximar as pessoas. Todas as ações discursivas conseqüentemente acontecem por meio dos gêneros.

Para que tenhamos uma visão mais clara a respeito dos gêneros discursivos ou textuais, Marcuschi (2008) esclarece didaticamente a diferença entre gênero textual, tipo textual e domínio discursivo.

O tipo textual caracteriza-se pela natureza linguística de composição, como sequências linguísticas ou retóricas que abrangem as seguintes categorias de caráter limitado: a narração, a injunção, a dissertação, a exposição e a injunção. Os gêneros textuais, por sua vez, têm a ver com a materialização de textos, empregados recorrentemente em situações comunicativas, com padrões estabelecidos na sociedade para fins sociocomunicacionais diversos. A exemplo, citamos o sermão, o bate-papo, a carta, a notícia. Em contraponto aos tipos, os gêneros são infinitos e

atendem à demanda comunicativa de uma comunidade linguística, com objetivos funcionais e propósitos definidos.

Já o domínio discursivo trata das práticas discursivas que abrangem agrupamentos de gêneros pertencentes ao mesmo universo, geralmente relacionados com o discurso institucionalizado de algumas áreas de conhecimento ou de atividades humanas, tais como: o discurso jornalístico, o discurso religioso, o discurso político etc.

A diferença entre gênero textual e tipo textual não deve constituir um aspecto dicotômico, na visão de Marcuschi; ao contrário, eles desempenham funções constitutivas no funcionamento da língua cotidianamente.

Outro aspecto interessante a respeito dos gêneros diz respeito aos tipos de suportes onde eles são veiculados. Apesar de haver poucas pesquisas a respeito, conforme afirma Marcuschi (2008), eles têm relações estreitas com os gêneros suportados. Há questionamentos em torno do papel dos suportes em relação aos gêneros e se é atribuído a estes, características adicionais por conta do suporte. Para o autor, o suporte é essencial para que o gênero circule na sociedade e que ele causa alguma influência sobre o gênero suportado, entretanto isso não significa que o suporte seja determinante para o gênero, apenas que o gênero necessita de determinado suporte para circular na sociedade.

Segundo Marcuschi, a:

*DEFINIÇÃO DE SUPORTE: entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 174) (grifos do autor)*

Na concepção marcuschiana, o suporte de um gênero é uma superfície física com formato apropriado para suportar, fixar, exibir um determinado texto. Devido ao fato do suporte possuir formato específico e convencional, ele pode trazer contribuições ao gênero. Nessa complexa relação entre ambos, é comum surgirem dúvidas a respeito de quando um começa e outro acaba. O autor faz uma síntese bastante esclarecedora a respeito das relações e das diferenças entre texto, gênero textual, tipo textual, domínio discursivo e suporte textual. Para ele, o texto se realiza em um determinado gênero, o qual comporta uma ou mais sequências tipológicas e

são produzidos dentro de um determinado domínio discursivo que, por conseguinte, se encontra em determinada formação discursiva. O texto, por sua vez, necessita de um suporte para circular na sociedade, o qual pode ser convencional, ou seja, criados para suportar determinados textos, tal como um livro; ou incidental, que ocasionalmente serve de suporte, como por exemplo, um muro.

Essa dimensão acerca da definição dos gêneros só prova a complexidade e abrangência que lhe são peculiares. Ampla em suas especificidades e complexa em sua análise. A abrangência do tema permite que ele seja pesquisado em diferentes ramos e sob diferentes óticas. Enquanto professora de língua portuguesa, consideramos essencial a permanente pesquisa para promover um ensino de qualidade através dos gêneros textuais.

O estudo dos gêneros textuais em sala de aula é a forma mais indicada para se analisar os fatos relativos à língua em funcionamento. Marcuschi explica que o estudo dos gêneros está se tornando uma tarefa multidisciplinar, visto que alcança a análise do texto e do discurso, uma descrição da língua e sua visão sociocultural.

Os próprios PCN de Língua portuguesa (BRASIL, 1998) recomendam o estudo dos mais diversos gêneros textuais e os livros didáticos abordam uma infinidade deles, dentre os quais o gênero crônica, o qual ganhou espaço no ensino dos anos finais do ensino fundamental. Não sem razão, visto que é um dos gêneros mais populares e que atraem leitores de públicos variados.

No tópico a seguir, apresentamos algumas características do gênero crônica e como o referido gênero tornou-se popular tanto no meio jornalístico como literário. Esse estudo de aprofundamento no assunto é pertinente, visto que nossa pesquisa enfocará a produção escrita da crônica em sala de aula, com alunos de 9º ano do ensino fundamental.

## **2.2 O gênero crônica: permeando o discurso jornalístico e o literário**

A crônica é um dos gêneros mais explorados da literatura brasileira, constituindo-se como porta de entrada da literatura para grande parte do público leitor. Entretanto, a crônica que hoje conhecemos não tem as mesmas características de quando surgiu. Segundo Moisés (2012), a palavra crônica tem origem no grego

*choronikos* (relativo ao tempo), e no latim *crhonica* que designa uma lista ou relação de acontecimentos ordenados cronologicamente.

Na sua origem, segundo Wellington Pereira (2015), a crônica era vista apenas como um mero relato de eventos. No século XVI, a crônica passa a ser confundida com o gênero ensaio. Teve seu significado ampliado, visto que não se destacava apenas pela narrativa de fatos históricos, mas também pela forma como esses fatos eram relatados pelos cronistas, com suas diversas nuances literárias. Para Pereira:

Ao assumir a condição de relato histórico, com alguns matizes literários, a crônica volta, novamente, a ter seu significado ampliado. Assim, vamos ter uma nova noção de crônica que não se legitima apenas através da organização cronológica dos eventos, mas na forma de relatá-los. O indivíduo encontra, agora, uma maneira de tratar os eventos sociais que se sucedem ao seu redor, adequando-os de acordo com as normas sociais e a tradição de seu povo. (PEREIRA, 2015, p. 12).

Com o passar do tempo, a crônica ganhou novo *status* e passou a ser dissociada do conceito de ensaio. O cronista passou a não se preocupar simplesmente com as marcas de literalidade, mas com a oportunidade de criar formas de expressão para lidar com o mundo moderno em ebulição e suas novas ideias. Segundo Pereira (2015, p. 17), “ No século XIX, o conceito de crônica se amplia. O discurso produzido no interior da crônica não reproduz mais as fórmulas do ensaio clássico. O cronista desse século procura absorver as ideias do mundo moderno. ”

A crônica estabeleceu-se no Brasil como gênero jornalístico que surgiu como publicação diária em jornais no século XIX. É considerado um gênero tipicamente brasileiro, conforme afirma José Marques de Melo, no prefácio do livro de Pereira (2015). Nessa época, com o advento do Romantismo, a crônica amplia ainda mais seu conceito, ultrapassa as fronteiras do seu exercício ao ser classificada como gênero literário. Conforme Pereira (2015), nesse período, o cronista centrou suas atenções não na cronologia dos fatos narrados, mas na linguagem literária, em suas várias formas de expressão, ocupando o mesmo espaço textual.

Mesmo na fase romântica, a crônica não ocupou apenas o espaço de mais um gênero jornalístico. Segundo Pereira (2015), a crônica não se prestou a doutrinar o leitor, incutindo-lhe um determinado discurso, mas constituiu-se como um espaço

aberto no meio jornalístico, que servia esteticamente ao cronista para tecer outros significados ao interpretar os fatos sociais.

Na opinião do crítico literário e historiador Antônio Cândido (1989), a crônica nasceu no jornal, no século XIX, com escritores como Olavo Bilac e Machado de Assis que escreviam para os folhetins da época. Não tinha pretensão de se estabelecer como obra que se perpetua, devido a efemeridade que lhe caracterizava; porém, com o passar do tempo, ela perdeu a característica de informar e comentar, deixando para outros gêneros jornalísticos essa função, para se tornar uma leitura divertida. Pode-se considerar que aí nasceu a crônica como gênero genuinamente brasileiro. Para Coutinho, uma das características principais da crônica é a de trazer a oralidade para escrita. As crônicas machadianas, por exemplo, traziam uma linguagem coloquial que e tornava mais leve a narrativa.

Entretanto, a crônica não passou a ocupar o espaço de gênero literário sem sofrer censura por parte de alguns críticos literários. Pereira (2015) comenta acerca da opinião de Afrânio Coutinho, para quem, a crônica “será considerada como gênero literário, quando apresentar qualidade literária”. (COUTINHO apud PEREIRA, 2015, p.21). Para o referido autor, o pensamento de Coutinho reduz os conceitos construídos entre a crônica e o espaço jornalístico, “o específico da crônica neste espaço é a ampliação dos seus significados, rompendo as dicotomias estéticas impostas pela linguagem literária ou jornalística.” (PEREIRA, 2015, p. 20)

A importância da crônica está em sua capacidade de ampliar seus significados, sem a preocupação das barreiras entre jornalismo e literatura, afirma Pereira (2015). Segundo o referido autor:

A crônica, no jornal impresso, passa a fazer usos de diferentes linguagens e várias expressões estéticas, podendo utilizar a denotação para reelaborar notícias ou a conotação para se aproximar da ficção. Portanto, o que define a crônica no jornal é a sua capacidade de conceber várias expressões estéticas, como a linguagem cinematográfica, poética, radiofônica, sem ser reduzida à literariedade. (PEREIRA, 2015, p. 21).

Para se compreender a importância desse gênero é preciso perceber a sua trajetória e a importância que ele tem para os domínios discursivos do jornalismo e da

literatura. Afinal, trata-se de um gênero que nasceu no jornal para fazer parte do cotidiano das pessoas, até tornar-se um gênero literário:

[...] Ora, a crônica está sempre a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, num revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CÂNDIDO, 1992, p. 14)

Quanto ao surgimento nos jornais brasileiros, a crônica começou a aparecer com frequência a partir de 1852, através de Francisco Otaviano, em sua coluna do *Jornal do comércio*, no Rio de Janeiro e passou gradativamente a ocupar o espaço dos folhetins, muito comuns nos jornais do século XIX: “ Os *cronistas* reestruturam enunciados, ampliam o significado dos fatos sociais e dão ao leitor capacidade de interpretá-los” (PEREIRA, 2015, p.54).

Porém, é através de Machado de Assis que o referido gênero se consolida como uma narrativa autônoma, no final do século XIX. Conforme Pereira (2015), as crônicas machadianas, publicadas na *Gazeta de Notícias*, na seção *A Semana*, passam a estabelecer uma nova relação entre os textos jornalísticos e literários e ganha autonomia estética em relação aos gêneros jornalísticos da época. Machado foge das características do jornalismo de sua época. Ele transforma a linguagem comumente usada nos jornais, valoriza a transparência das informações sem se prender a convenções.

Conforme Pereira:

Machado amplia o universo das informações jornalísticas. Não toma como base os enunciados ideologicamente determinados. Se os jornais, nessa época, parecem ser partidos políticos ou grupos econômicos, os escritos machadianos não contribuem para que assim sejam vistos. Em suas crônicas, há uma preocupação estética, uma possibilidade de testar o grau de informação que chega ao leitor. (PEREIRA, 2015, p. 57).

As crônicas machadianas, na visão do autor, desempenharam papel fundamental devido ao comprometimento de caráter social, sem se falar da grandeza estética de seus textos, pois Machado procurou imprimir um sentido estético ao texto jornalístico, ultrapassando os limites estabelecidos pelo código literário e pelas marcas

comuns do texto jornalístico. Acima de tudo, ele promoveu uma crítica severa ao uso abusivo, no espaço jornalístico, de “elementos retóricos”, cujo objetivo era incutir o discurso da classe dominante de forma despretensiosa entre os leitores desavisados. Machado buscou demonstrar aos leitores qual era a real função do cronista: “ampliar a capacidade de percepção dos fatos sociais de forma crítica e estabelecer uma análise dos fatos anunciados que distorcem a realidade”. (PEREIRA, 2015, p.60).

No século XX, o jornalismo brasileiro passou por transformações consideráveis. Conforme Pereira, os cronistas contribuíram bastante com essa transformação imposta pela modernidade, com novas formas narrativas. Os literatos e os bacharéis deixaram de ocupar o espaço jornalístico. A imprensa brasileira passa a ter identidade ao assumir suas próprias características nas mudanças linguísticas e temáticas.

A revolução industrial e a modernidade trouxeram uma nova ótica ao jornalismo brasileiro. Não havia mais espaço para o discurso doutrinário do século XIX. O cronista moderno contribuiu com essa nova visão de jornalismo, visto que ele se preocupa com o espaço em que se veicula a informação e continua a utilizar uma linguagem diferenciada da jornalística para sistematizar a informação através da narrativa. Não é apenas a questão de reformular a linguagem jornalística, mas de ampliar a informatividade, trabalhada esteticamente nas narrativas de suas crônicas. Segundo Pereira:

A crônica é que melhor reflete a transição da imprensa político-literária para o jornal-imprensa, principalmente quando se tenta perceber as transformações em níveis de linguagem e a forma como se organizam os espaços destinados a informar o leitor no jornalismo desse século. (PEREIRA, 2015, p. 102-103)

Porém, foi nos anos de 1930 que a crônica passou a se estabelecer no Brasil como gênero, conforme Cândido (1992). O gênero ganhou adeptos ilustres tais como Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Manoel Bandeira e o autor que se dedicou quase totalmente ao gênero, Rubem Braga. A semana de Arte Moderna e as mudanças no cenário jornalístico do país propiciaram a consagração do gênero através dos renomados escritores da época.

Para Pereira, a crônica, na era contemporânea, gera um novo tempo narrativo, no qual novas relações semânticas são incorporadas à linguagem

referencial, típica do jornalismo informativo. Na visão do autor, o cronista que se destaca no século XX é Carlos Drummond de Andrade. Suas crônicas desconhecem os limites entre os discursos jornalístico e literário. Conforme Pereira:

A releitura dos gêneros jornalísticos praticados por Carlos Drummond de Andrade se dá com base no princípio de que a crônica, necessariamente, não ocupa as fronteiras do literário nem do jornalístico. Ela é um território livre na qual habita diversas várias linguagens [...] (PEREIRA, 2015, p.120)

Na opinião de Pereira, não é relevante considerar a crônica como gênero literário ou jornalístico. Na verdade, ele analisa a excelência do cronista pela capacidade de produzir crônicas que não estejam rotuladas por nenhum dos dois gêneros, para restringir sua independência estética referentes ao ato de narrar.

Quando se aborda o gênero crônica, a primeira observação a ser feita é em que tipo de suporte textual ela circula. Essa condição também faz da crônica um gênero híbrido. Do jornal, a crônica migrou para os livros e para os ambientes digitais e é considerada um gênero popular que atingiu o patamar de gênero literário. Enquanto Cândido (1992) considerou positiva a migração do suporte textual do jornal para os livros, expondo mudanças de características do gênero, o crítico literário Massoud Moisés não viu com bons olhos essa transição. Para o autor:

No livro, porém, a crônica sugere o reparo de Tristão de Ataíde e gera a monotonia, e o possível sobressalto que acompanha a leitura duma boa crônica de jornal se atenua pela expectativa de uma sensação análoga oferecida pela leitura de um texto colocado a seguir. Mais do que o poema, a crônica perde quando lida em série; reclama a degustação autônoma, uma a uma, como se o imprevisto fizesse parte de sua natureza, e o imprevisto colhido na efemeridade do jornal, não na permanência do livro. Eis porque raras crônicas suportam releitura; é preciso que ocorra o encontro feliz entre o motivo da crônica e algo da sensibilidade do escritor à espera do chamado para vir à superfície (MOISÉS, 1998, p.110).

O Pensamento de Moisés, no entanto, não comunga com o pensamento de alguns estudiosos. Alguns veem na crônica moderna uma leitura agradável, humanizadora e despretensiosa que atrai leitores de todas as idades.

Para José Marques de Melo:

a crônica de costume se valia do real como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (MELO, 2003, p155)

A crônica transita, assim, entre a literatura e o jornalismo, diferenciando-se apenas pelo fato de na literatura abrigar-se no campo ficcional, enquanto no jornalismo, na narração e apreciação dos fatos do cotidiano. Ela surgiu com o intuito de figurar como uma leitura leve, amenizando o impacto dos textos com temas complexos, divulgada nos jornais da corte desde o século XIX e consolidando-se no século XX como gênero integrante dos grandes jornais.

A crônica trouxe para o meio jornalístico a possibilidade de se emitir opiniões e de se refletir sobre temas do cotidiano de forma bem-humorada e/ou irônica. Conforme Pereira, o cronista tem a liberdade de fugir das convenções do texto jornalístico, emitindo críticas sociais de forma despretensiosa e com ar de simplicidade, o que constitui uma das características da crônica moderna. Conforme Pereira, a crônica tem características únicas como gênero por funcionar “como laboratório ficcional. É o seu poder de captação das coisas miúdas do cotidiano que a transforma num espaço de leitura da sociedade”. (PEREIRA, 2002: p. 100).

A crônica tem como uma de suas características, expressar as opiniões do cronista, tais opiniões se materializam através de determinadas marcas de argumentatividade que o escritor utiliza para persuadir, impactar, sensibilizar, convencer etc. o leitor.

No próximo tópico, iremos nos debruçar nos estudos a respeito da argumentação, com vista a assinalar como se processa a argumentatividade no gênero crônica.

### **2.3 Aspectos argumentativos da crônica**

A argumentação na era clássica consistia na arte da eloquência. Para Platão e Aristóteles o discurso deveria ser usado para persuadir e convencer o público a respeito das ideias do orador. Os gregos se especializaram na arte da argumentação

que se preocupava com o uso da linguagem de modo elegante e convincente. Essa habilidade foi denominada como retórica e o seu domínio era sinal de *status* social.

Conforme Espíndola e Silva (2004), os estudos sobre retórica tomaram um novo rumo a partir dos estudos de Perelman, visto que a retórica passou a ter como objeto de estudo o discurso - não demonstrativo, tendo como foco a análise dos raciocínios acerca de um discurso dirigido a um indivíduo, a uma plateia ou a toda humanidade, ou seja, a nova retórica tinha como foco de estudo o discurso dirigido a qualquer tipo de plateia ou até mesmo dirigido a uma só pessoa.

Dentro da Linguística, no entanto, a argumentação passou a ser analisada por outro viés. Surge a tese que postula que a argumentação está intrínseca à língua, por Ducrot e Anscombre. Para esses estudiosos e seus colaboradores, “no valor semântico profundo (significação de certas palavras, expressões e enunciados), há indicações que não são de natureza informativa, são argumentativas” (ESPÍNDOLA E SILVA, 2004, p.16) e, dando continuidade a suas pesquisas, os teóricos passam a afirmação de que a língua é fundamentalmente argumentativa. Assinalam ainda que, se existe algum valor informativo, esse provém da argumentação.

Conforme Espíndola e Silva (2004), o ato de argumentar foi objeto de estudo dos filósofos que se ocupavam do discurso no sentido filosófico. Para a Teoria da Argumentação de Ducrot e Anscombre, o ato de argumentar passa a estar presente em toda forma de interação linguística, ou seja, a argumentação está inscrita no sistema linguístico de todas as línguas.

Baseado nas teorias de Ducrot, Nascimento afirma que:

A argumentação (...) deixa de ser vista como uma simples habilidade para convencer e persuadir, utilizada, principalmente, em determinados textos escritos e falados, e passa a ser compreendida como uma característica intrínseca à linguagem e à interação humana que permite que o falante, ao utilizar a língua, imprima suas intenções e sua subjetividade (NASCIMENTO, 2012, p.51).

Ao se considerar a argumentação como uma característica intrínseca à linguagem, entendemos que toda manifestação linguística é essencialmente argumentativa. Sobre o tema, discorre Koch:

[...] o ato linguístico essencial é a argumentação, “isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo” (KOCH, 2006, p. 17).

Conforme a autora, a argumentação está presente em todas as manifestações linguísticas, uma vez que o falante, ou aquele que se responsabiliza pelo discurso, deixa expresso determinadas orientações discursivas nos enunciados que produz, em razão de terminados fins, também discursivos. Na crônica não poderia ser diferente. Apesar da linguagem leve e aparentemente despretensiosa, muitas vezes com traços humorísticos, o cronista tem em mente atrair o leitor para sua análise crítica do cotidiano e para o convencimento acerca de suas opiniões. Para Bussarello:

Essa interação com o leitor (que passa a ser também escritor) como mecanismo de persuasão para a venda do jornal pode representar, na pretensão de divertir, ou na despretensão aparente do discurso, uma abertura antes para a reflexão sobre a ideologia dominante do que para diversão. (BUSSARELLO, 2004, p. 67)

Moisés (1998) afirma que mesmo se tratando de um texto ficcional, a crônica literária objetiva induzir o leitor a pensar que sua narrativa é verídica, como se fosse uma reportagem. Intencionalmente, ele escolhe de modo criterioso as palavras e a construção das frases para seduzir o leitor e levá-lo assim à reflexão do tema abordado. A linguagem é usada com logicidade, mas alia emoção à razão. O cronista se situa em seu tempo e espaço, compondo uma cronologia esclarecedora de sua relação com o mundo.

Na visão de Cândido (1992), a linguagem despretensiosa e descompromissada da crônica visa ao seu distanciamento da função de informar para divertir. A crítica a respeito dos fatos do cotidiano é feita com poesia, com emoção que não transparece nas reportagens, visto que a crônica migra do jornalismo para a literatura para trazer ao texto as impressões do autor e sua visão do mundo. As intenções argumentativas do cronista consistem em se aproximar do leitor como sendo alguém comum que passa pelas mesmas situações nas questões cotidianas.

O efeito de humor empregado nas crônicas através do viés da ironia explora de forma aparentemente despretensiosa e/ou gozadora os fatos do cotidiano, o qual é cabível no gênero crônica, pois é uma de suas peculiaridades, constituindo-se em

uma manobra argumentativa para levar o leitor a refletir acerca de um tema, em conformidade com a visão do autor. No que diz respeito ao riso como instrumento para reflexão, Bussarelo comenta que:

Escreve-se para uma cultura letrada, por isso, o discurso irônico presente na despretensão pode ser muito mais sarcástico e mordaz que se dito com todas as palavras. Talvez justamente aí esteja a riqueza da crônica, porque trabalha essencialmente com a contrapalavra do interlocutor. (BUSSARELLO, 2004, p.79)

Conforme a autora, esse recurso é utilizado para se expressar as críticas sociais e os comentários mais contundentes amenizados pelo efeito do humor.

Conforme Melo (1985), a crônica é o relato poético do real, margeando a fronteira dos fatos da atualidade e da narração em contexto literário; logo, situa-se entre o jornalismo e a literatura, para retratar os acontecimentos do cotidiano comuns a todos. Utiliza o humor quase sempre para estabelecer as relações entre as pessoas e os acontecimentos. A estratégia argumentativa do cronista consiste em partir de uma aparente “conversa fiada” para abordar temas sérios, com graça e humor, para não deixar transparecer diretamente suas reais intenções e, assim, conseguir persuadir o leitor.

Vista pelo viés literário ou jornalístico, a crônica é carregada de muitas linguagens que se entrecruzam e que são produtoras de vários significados. O cronista traz os discursos de múltiplos sujeitos para seu texto para atrair o leitor e convencê-lo a respeito de suas opiniões. As manobras argumentativas, como a linguagem leve e aparentemente despretensiosa utilizadas pelo cronista, servem para tornar o leitor um parceiro, como um camarada que o cronista encontra para um “bate-papo”.

Para uma análise mais aprofundada, faremos uma análise da crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino, para didaticamente observarmos alguns de seus aspectos, conforme a perspectiva bakhtiniana, a saber: o conteúdo temático, a sua estrutura (o que inclui aspectos da narrativa) e seu estilo (o que inclui aspectos da textualidade).

### Quadro 1: Crônica *O homem nu*

#### O homem nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares. Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada.

Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido. Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria

subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

Fonte: Adaptado de *O homem nu*, Fernando Sabino, 38ª. ed., Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998, p. 192.

Ao observarmos os aspectos estruturais da crônica *O homem nu*, trataremos primeiramente do conteúdo temático, isto é, da sua relação discursiva com a realidade, visto que todo enunciado possui um tema, isto é, um objetivo ou uma finalidade específica. A crônica tem a finalidade de entreter o leitor do jornal (físico ou virtual), ambiente em que prevalece nos textos o objetivo de informar. Ela também pode figurar nos livros, onde circulam as crônicas de autores consagrados. Porém, o seu objetivo, além do entretenimento, repousa também na reflexão sobre os fatos do cotidiano, ora de forma bem-humorada, ora de forma mais reflexiva.

Na crônica *O homem nu*, percebemos como o humor é utilizado para tratar um fato inusitado, porém que poderia ter acontecido com qualquer homem comum, na correria do dia-a-dia. Tudo começa com a prestação da televisão que precisava ser paga: “— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum. ”, até chegar ao momento em que ele se depara totalmente nu no corredor do prédio onde mora. A quebra das convenções sociais e a exposição ao ridículo figuram como tema para reflexão de forma bem-humorada.

Podemos afirmar que a crônica seleciona como conteúdo os fatos simples do cotidiano, da efemeridade da vida urbana na modernidade para refletir sobre eles de

forma crítica ou bem-humorada (o uso do humor não a deixa menos crítica, porém mais leve).

A crônica traz consigo as críticas e as reflexões do autor que procura a todo tempo atrair a atenção do leitor através da sua suposta “conversa fiada” como afirma Melo (2003), para tratar de assuntos corriqueiros, mas que impactam as vidas de todos os cidadãos comuns. Todos os temas (assuntos) podem ser abordados numa crônica ou em qualquer outro gênero, entretanto a forma como se aborda esses assuntos são diferentes, dependendo do gênero. É o que Bakhtin (2010) denomina, como as formas relativamente estáveis do enunciado, portanto cada gênero tem suas características que lhe são peculiares.

Na crônica *O homem nu*, Fernando Sabino cria uma personagem que se vê numa situação extremamente embaraçosa e ridícula. O desventurado homem, que intencionalmente não tem nome, recurso comumente empregado nas crônicas para focar mais no fato acontecido do que nas personagens, tenta adiantar o tempo, pegando o embrulho com o pão que estava no corredor, enquanto aguardava, já despido, a mulher sair do banheiro para tomar seu banho. Então acontece o inesperado. Enquanto ele pega o embrulho com o pão, a porta bate e ele fica preso do lado de fora. Algo que poderia ser apenas um fato banal, em se tratando de um homem qualquer, vivenciando uma situação constrangedora, se não tivesse o olhar crítico do cronista para nos levar a refletir a respeito.

O cronista leva à reflexão acerca das convenções sociais, pois o fato de estar nu leva o indivíduo a entrar em pânico e a ser submetido a uma situação vexatória. A nudez vista como algo censurável e repulsivo para o convívio social. O homem não consegue mais raciocinar ou agir calmamente, o que vai se agravando no decorrer da narrativa. Por outro lado, o fato de estar nu provoca uma confusão enorme no prédio. O homem passa a ser considerado perigoso, condição que o impede de se explicar para uma senhora que reage ao contato, como pode ser visto no trecho a seguir.

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...  
A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:  
— Valha-me Deus! O padeiro está nu!  
E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:  
— Tem um homem pelado aqui na porta! (CONFORME RECORTE  
DO QUADRO 1: O HOMEM NU, p. 45-46)

A situação torna-se patética e provoca o riso para aqueles que estão de fora da situação. Geralmente é assim que as pessoas agem quando veem o outro em uma situação ridícula e embaraçosa, ou seja, as pessoas riem da desventura alheia. Outro fato interessante é que o homem não é reconhecido pela vizinha que o confunde com o padeiro. É como se ao tirar a roupa, ele perdesse também a própria identidade. O fato de estar nu impede que as pessoas o reconheçam ou lhe concedam um momento para uma explicação.

Percebe-se que o autor seleciona um episódio desastroso da vida cotidiana: o fato de um homem estar acidentalmente nu diante dos vizinhos e impedido de entrar em casa, fato que o leva ao total desespero, para refletir na crônica sobre como as convenções sociais afetam drasticamente todos indivíduos e podem provocar reações inesperadas. O fato de sofrer a reprovação da sociedade e a total exclusão do convívio social pode destruir um indivíduo. O tema da crônica situa o leitor nessa situação de vivenciar o pesadelo de romper as convenções sociais e sofrer as consequências da rejeição e do preconceito. Talvez por quase todas as pessoas já terem tido literalmente esse pesadelo de estar nu em público que o autor tenha trazido essa temática para fazer o leitor refletir a respeito do assunto de forma bem-humorada.

Conforme Costa-Hübes:

[...] é importante compreendermos que o tema (ou conteúdo temático) atua nos gêneros para situá-los nas situações interativas, representando as diferentes formas de conceber a realidade. Desse modo, o conteúdo temático diz respeito à maneira como o gênero seleciona elementos da realidade e como os trata na constituição de seu conteúdo temático (COSTA-HÜBES, 2014, p.11).

Em relação à estrutura composicional da crônica, consideramos que talvez a crônica narrativa seja a mais comum. A origem da palavra crônica, como citamos anteriormente, significa no latim uma ordem de acontecimentos que se sucedem numa relação cronológica. A crônica *O homem nu* apresenta-se em sequência narrativa, com foco narrativo em 3ª pessoa: “Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro.” O autor se vale de um narrador observador que narra os fatos, mantendo certo distanciamento deles e da personagem principal. Por se tratar de uma narrativa curta, o autor não se detém na caracterização das personagens. Só o necessário para construir o enredo e

desenvolver o conflito. A esse respeito, trataremos nas considerações a respeito do estilo.

Toda narrativa, conforme Gancho (2003), tem um enredo que inicia com gira um conflito, o qual progride para um clímax, momento de maior tensão, e para o desfecho. Na crônica em estudo, o conflito é iniciado justamente quando ele sai ao corredor despido para apanhar o embrulho com o pão.

Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento (CONFORME RECORTE DO QUADRO 1: O HOMEM NU, p. 45-46).

O conflito progride a cada tentativa que faz o homem de retornar a seu apartamento até que sua mulher resolve sair do banho e abrir a porta. Nesse ínterim, o homem passou por situações hilárias diante dos vizinhos. O momento mais desesperador foi aquele que uma senhora ameaça chamar a radiopatrulha para prender o “tarado”. Esse momento de maior tensão é clímax da crônica. O desfecho, por sua vez, inicia no momento em que a mulher abre a porta, o homem entra e respira, até certo ponto, aliviado. Porém, ao soar da companhia, ele pensa que a polícia está a sua procura, quando, na verdade, era o cobrador da prestação da tevê, fato que ela já havia esquecido na confusão em que se envolvera e que fora inicialmente sua preocupação inicial.

Quanto ao estilo, a crônica, como todo gênero, tem suas características peculiares. Não se trata meramente de uma narrativa curta que aborda temas do cotidiano. É um gênero que utiliza a linguagem informal, próxima da oralidade, geralmente carregada de senso de humor para dialogar com público leitor. A crônica *O homem nu* tem essas características. Ela apresenta predominantemente, a tipologia narrativa, entretanto há muitos trechos de descrição. Permeando ambas as tipologias, há a presença de elementos argumentativos. O autor assume a figura do narrador para deixar passar suas impressões em relação aos fatos ocorridos, deixando transparecer suas opiniões/posicionamentos, quanto às convenções sociais e ao dilema em torno da nudez.

Observemos que o autor cria as manobras argumentativas para construir através do clima de tensão vivenciado pela personagem e pelas suas impressões deixadas através do posicionamento do narrador diante daquela situação. A adjetivação é o recurso principal utilizado pelo autor para caracterizar psicologicamente a personagem.

Nos trechos a seguir, destacamos palavras e expressões que imprimem determinados efeitos de sentido no texto e revelam, ao mesmo tempo, o posicionamento do autor sobre o que está sendo narrado ou descrito:

**Quadro 2: Elementos argumentativos na crônica *O homem nu***

| TRECHO DAS CRÔNICAS                                                                                                                               | ANÁLISE DOS TRECHOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “[...] começava a viver um verdadeiro <b>pesadelo de Kafka</b> , instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror! ”. | <p>Nesse trecho, o autor se utiliza da figura do narrador para exprimir suas impressões sobre a situação em que se encontra o homem: preso do lado de fora do seu próprio apartamento, completamente nu, tentando retornar ao lar sem ser visto.</p> <p>A alusão a Franz Kafka<sup>2</sup> e a sua obra em relação a situação vivida pela personagem, demonstra como o autor da crônica considera aquela situação um terrível pesadelo, algo que foge da lógica e da razão. Ao se referir ao pesadelo de Kafka, o autor remete a questão dos absurdos da existência humana na civilização atual. Ele deixa transparecer certa frustração com a condição humana no mundo moderno. Talvez uma alusão a obra <i>Metamorfose</i>, de Kafka.</p> <p>Para reforçar essa ideia, o autor utiliza os adjetivos “autêntico” e “desvairado”, os quais são modalizadores</p> |

<sup>2</sup> “Franz Kafka (1883-1924) foi um dos escritores mais importantes do século XX. Nasceu em Praga (atual República Tcheca), no seio de uma família judia, e compôs suas obras em alemão. [...] A prosa de Kafka desenvolve-se num mundo de pesadelo, em que predomina a solidão do indivíduo, indefeso diante do poder. O termo Kafkiano se tornou parte do vernáculo de muitos idiomas ocidentais, inclusive o português, para designar situações absurdas e opressivas.

#### **Sinopse de “A Metamorfose”**

A novela publicada em 1915 é uma narrativa fantástica em que o personagem central, Gregor Samsa, ao despertar certa manhã, “depois de um sono intranquilo, achou-se em sua cama convertido em um monstruoso inseto”. Depois desse começo abrupto, a história se desenvolve em torno das mudanças de comportamento que Gregor observa em si e na sua família. (Fonte Edição de Bolso da Saraiva)”.  
 Site: <https://abcdamedicina.com.br/a-metamorfose-franz-kafka-critica-e-analise-da-sociedade-capitalista.html>

|                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                 | utilizados para intensificar como lhe parece absurdamente terrível aquela situação.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet <b>grotesco e mal ensaiado</b> .                            | Para o autor, a <i>performance</i> do homem totalmente despido remetia a uma situação de pânico que ele bem comparou “um ballet <b>grotesco e mal ensaiado</b> ”. Essa expressão modalizadora exprime a total aversão do autor aquela cena narrada. O uso do adjetivo “grotesco” apenas confirma como ele considera o fato ridículo, mas também estapafúrdio. A todo tempo ele utiliza adjetivos para exprimir suas opiniões. Essa comparação metafórica demonstra o total desajuste da personagem, mas também a opinião do autor a respeito do fato. |
| “Maria, a esposa do <b>infeliz</b> , abriu <b>finalmente</b> a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho.” | O elemento modalizador para enfatizar o quanto é terrível a situação da personagem é o adjetivo “infeliz”. Apesar de o homem ter ficado alguns minutos despido nas dependências do prédio, o autor deixa transparecer a angustiante espera à porta com se fosse uma eternidade: o uso do advérbio “finalmente” exprime o fim do “pesadelo”.                                                                                                                                                                                                           |

Fonte: Elaboração Própria, Mamanguape (2018)/ Trechos da crônica O homem nu, SABINO, 1998.

O uso dos adjetivos e de algumas expressões foram os recursos utilizados pelo autor para deixar transparecer suas impressões e opiniões.

Ao narrar os momentos de tensão pelo qual passava o homem, o narrador utilizou uma importante estratégia argumentativa. Ele apresenta cronológica e psicologicamente o nível de estresse vivido pela personagem de forma gradativa entre o momento que o homem se vê despido no corredor até adentrar ao apartamento. Observaremos, a seguir, a gradação acontecida no conflito até atingir o clímax nos trechos do quadro 3, a seguir:

### Quadro 3: Manobras argumentativas<sup>3</sup> para progressão da narrativa

| TRECHO DAS CRÔNICAS                                                                                                    | ANÁLISE DOS TRECHOS                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| I — Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — <b>chamou, em voz baixa</b> .<br>Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro. | Nesse trecho, o autor, através do narrador, utiliza o verbo <i>discendi</i> chamar acompanhado da expressão “em voz baixa”, ou seja, o homem ainda matinha o controle, apesar de estar nervoso. |

<sup>3</sup> Denominamos como *manobras argumentativas* os recursos utilizados por um autor (escolha dos verbos *dicendi*, dos adjetivos, da pontuação etc.) para imprimir a argumentatividade, conforme o efeito de sentido que pretende alcançar.

|                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>II – [...]Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar <b>nas mãos nervosas</b> o embrulho de pão:<br/>— Maria, por favor! Sou eu!</p> | <p>Em continuidade ao apelo do homem na porta do seu apartamento, na segunda vez, ele apresenta as “mãos nervosas”. O uso do ponto de exclamação aparece duas vezes após a fala da personagem, demonstrando a sua exaltação.</p>                                                                                                                                |
| <p>III- — Maria! Abre esta porta! — <b>gritava</b>, desta vez esmurando a porta, <b>já sem nenhuma cautela</b>. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.</p>                                                                         | <p>Na terceira tentativa de suas idas e vindas entre o lanço da escada a porta de seu apartamento, ele demonstra já total desespero. O verbo <i>discendi</i> utilizado desta vez é gritar. O narrador descreve que ele esmurava a porta “sem nenhuma cautela”. Essa progressiva situação de estresse constrói o clímax de forma emocionante e bem-humorada.</p> |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019) /Trechos da crônica O homem nu, SABINO, 1998.

Ao analisar os trechos do quadro 3, percebemos que talvez a intenção do autor fosse que o leitor, juntamente com ele (autor), se pusesse no lugar daquele indivíduo e vivenciasse a mesma situação. Para desenvolver essa atmosfera de tensão na narrativa, o autor se utiliza de alguns verbos e expressões *discendi* que tanto assinalam as falas da personagem, como também expressam a condição psicológica da personagem. O narrador, por sua vez, apresenta comentários para reforçar o nível de estresse do homem, além de empregar a pontuação para esse mesmo fim e assim promover os efeitos de sentido desejados. O efeito de humor da crônica está em toda situação embaraçosa da personagem e da forma como ele tenta fugir daquele momento.

Compreendemos que a crônica, sob as perspectivas do conteúdo temático, da estrutura e do estilo, constitui-se em um gênero híbrido que permeia os campos do jornalismo e literário, embora não seja apenas por essa condição que o gênero seja considerado híbrido, mas também pela sua versatilidade ao abordar diversos temas e por ocupar diversos suportes de veiculação. Teve início nos jornais e livros físicos, mas também circula atualmente nos suportes digitais, cumprindo um papel social importantíssimo que perpassa o objetivo de divertir para conduzir a sociedade a uma reflexão acerca de temas polêmicos e variados.

Aborda temas da atualidade e da agitação da vida moderna. Apresenta-se geralmente como uma narrativa curta, de caráter aparentemente despretensioso, mas com uma forte expressão de subjetividade e de criticidade, por parte do cronista.

Escrita com uma linguagem informal, que apresenta geralmente como característica o uso do humor provocados pelo efeito de sentido da ironia e do sarcasmo, a crônica é produzida para atrair a atenção de um público que não dispõe de muito tempo para a leitura. É nessa conjuntura que se situa o cronista, na capacidade de atrair o leitor para levá-lo à reflexão sobre os fatos do cotidiano.

Concluída essa análise acerca dos gêneros textuais e, particularmente, do gênero crônica, passemos, no próximo capítulo, a uma breve discussão acerca da escrita e do processo de ensino e aprendizagem dessa modalidade da língua.

### III A ESCRITA E AS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

*Aprender a escrever implica aprender não só a compor e construir um texto em termos linguísticos, mas entender por quem, onde, quando, em que condições, com que recursos, e para que fins o texto é escrito. (BONINI, 2006)*

Neste capítulo, traremos algumas considerações acerca da escrita desde o seu surgimento, como segunda modalidade da língua que alcançou, ao longo do tempo, a mesma importância da modalidade oral, com distintas características, como também discutiremos o ensino da escrita e apresentaremos o procedimento metodológico das sequências didáticas do grupo de Genebra.

Nossas considerações acerca da escrita estarão embasadas nas produções teóricas de alguns estudiosos, tais como Mary Aizawa Kato (1993), sobre as modalidades oral e escritas da língua e suas especificidades. Apoiar-nos-emos, ainda, nas considerações dos PCN (1998) e da BNCC (em fase de elaboração), documentos oficiais do MEC que norteiam o ensino brasileiro e em algumas concepções do linguista Luís Antônio Marcuschi (2008) a esse respeito.

Em continuidade, discorreremos sobre o ensino da língua voltado para o estudo do texto com base nas considerações de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2014), como também nas considerações de Irandé Antunes (2003), acerca do ensino da escrita.

Concluindo este capítulo, faremos uma abordagem sobre o procedimento metodológico das sequências didáticas para o ensino de produção dos gêneros textuais, elaboradas pelos professores e pesquisadores Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly e Michèle Noverraz (2011).

#### 3.1 Refletindo sobre a escrita como construto social

O percurso histórico da evolução da linguagem humana, constata que a oralidade perdurou por milênios, sendo a única responsável pela difusão dos conhecimentos dos povos primitivos e servindo como instrumento de preservação da espécie. Conforme Barbosa (2003), aproximadamente entre 3150 a 3000 a.C., a

escrita surgiu para posteriormente se estabelecer como uma segunda modalidade de linguagem para a humanidade. Seu surgimento é um divisor de águas, pois marcou o início da História.

Ao longo dos anos, a escrita passou por diversas fases. Na visão aristotélica, a linguagem oral obtinha primazia sobre a escrita, houve, entretanto, um período posterior em que a escrita foi colocada em prevalência em relação à escrita, devido ao seu mérito de registrar os fatos, difundir a literatura e de se tornar socialmente importante por ser utilizada pelas classes dominantes. Com o surgimento da Linguística Moderna, as atenções dos estudiosos se voltaram para a língua oral; para assim, confrontar os ensinamentos da Gramática Tradicional que visavam apenas à linguagem literária como modelo. As duas modalidades da língua passaram a ser vistas sob nova ótica e valorizadas, mediante suas especificidades.

Para Kato (1993), a escrita e a fala têm diferenças, mas também similaridades que as tornam parcialmente isomórficas, e que vão ser determinadas pelas condições de uso e de produção de ambas. Marcuschi (2010) argumenta que as duas modalidades são distintas e não há por que discutir similaridades e diferenças, visto que cada uma desempenha um papel insubstituível em relação à outra. Assim, não devem ser vistas sob uma visão dicotômica, mas sim observadas em relação ao uso da linguagem, que permeia entre o formal e o informal tanto na modalidade oral como na escrita.

Com relação à escrita, não se pode negar o valor incontestável que vem desempenhando ao longo dos anos, constituindo-se na sociedade contemporânea como ferramenta indispensável para a circulação dos saberes. “[...] sua prática e avaliação social a elevaram a um *status* mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. ” (MARCUSCHI, 2001, p.17). A escrita é um construto social, pela qual se veicula os saberes de ordem sociocultural e científico. Sua aquisição demanda diversos processos de letramento, competindo à escola o seu ensino formal.

Os Parâmetros curriculares Nacionais- PCN (BRASIL,1998) assinalaram, há vinte anos, que havia uma preocupação futurística da geração de 1960 sobre a substituição da escrita por outras tecnologias advindas com o progresso. Havia, na década de 60, uma preocupação com o desaparecimento da escrita e

consequentemente da cultura, que propiciou à humanidade a possibilidade de promover e difundir a ciência e a cultura. Conforme os PCN:

A futurologia dos anos 60 gostava de afirmar categoricamente que o mundo da escrita daria lugar ao mundo da imagem; que a mídia eletrônica destruiria o mundo cultural criado pelo livro impresso que propiciou a História, a Ciência e a Literatura. Mas o que se viu nestes trinta anos aponta em outra direção. Ser um usuário competente da escrita é, cada vez mais, condição para a efetiva participação social. (BRASIL, 1998, p 21)

Os PCN assinalaram que essa preocupação era inconsistente, visto que a aquisição da escrita é condição *sine qua non* para que se garanta a efetiva participação social do indivíduo e seu acesso às tecnologias. A escrita possibilita a propagação do conhecimento humano, além de constituir-se como uma forma de linguagem essencial para a comunicação em nossa sociedade letrada. Os PCN preconizaram a importância do ensino voltado para a pluralidade de linguagens, visto que a apropriação desses diferentes tipos de linguagens garante a pluralidade de conhecimento.

Assim, um dos objetivos expressos na introdução dos PCN para o ensino fundamental é:

[...]utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (BRASIL, PCN, 1998, p. 7/8)

Especificamente tratando da linguagem verbal, os PCN apontam o quanto a língua, nas modalidades oral e escrita, é extremamente importante e imprescindível para que o indivíduo adquira conhecimento e interaja na sociedade contemporânea, pois todo conhecimento e todas as manifestações culturais realizam-se no uso efetivo dos diversos tipos de linguagens, e em especial da linguagem verbal. Quanto maior for o conhecimento linguístico, maior as possibilidades de interação social e de sucesso nos mais variados segmentos da sociedade. Na atual conjuntura social, a falta do conhecimento da norma culta é fator de exclusão social e impossibilita a

ascensão do indivíduo nas esferas cultural, profissional e pessoal. De acordo com os PCN:

A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes.  
(BRASIL, 1998, p. 22)

Nesse sentido, o ensino da LP tem sido amplamente discutido pelos especialistas, devido a importância que exerce na vida das pessoas, visto que o domínio da linguagem verbal garante o pleno exercício da cidadania. Percebemos, entretanto, que no decorrer desses vinte anos da elaboração dos PCN, não houve muito progresso no ensino público a respeito da apropriação dos diferentes usos da linguagem.

Numa tentativa de elevar o nível do ensino no país, o MEC conclamou especialistas, professores da educação básica e a sociedade em geral, (algo questionável, mas que não entraremos no mérito da questão) para elaborar a Base Comum Curricular Nacional-BNCC (BRASIL, 2017), objetivando unificar o currículo da educação básica, como forma de regular o que é ensinado nas escolas brasileiras.

No que diz respeito ao ensino da língua materna, a BNCC reafirma o que preconizam os PCN (1998) acerca da importância da linguagem para efetivação das práticas sociais e amplia o leque do ensino das linguagens. Além do ensino da linguagem verbal, acrescenta o ensino das linguagens que beneficiam as pessoas com deficiência, como também a contemporânea linguagem digital, dentre outras.

Conforme a BNCC:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos. (BRASIL, BNCC, p.59)

No que concerne à LP, a BNCC dialoga com os PCN, reafirmando a importância social da linguagem verbal para o desenvolvimento do indivíduo e para sua inserção social. Podemos afirmar que os documentos oficiais (PCN e BNCC) trazem orientações valiosas para professores com base nas pesquisas linguísticas das últimas décadas.

Nos últimos anos, parece ter havido um consenso entre os linguistas a respeito do processo de ensino da língua: que ele esteja pautado no ensino dos gêneros. A aprendizagem da língua oral e escrita deve acontecer com o trabalho focado nos textos de diversos gêneros: assim como a língua oral acontece interativamente na produção de textos orais, a aquisição da escrita deve se pautar no mesmo processo. Bakhtin (2006) postula que aquisição da língua acontece através dos gêneros discursivos. Se a língua oral passa por esse processo, a língua escrita deve percorrer o mesmo caminho, conforme suas especificidades.

Tanto os PCN (BRASIL,1998) como a BNCC (BRASIL, 2017) comungam da mesma opinião. O ensino da LP deve estar baseado nos gêneros textuais. É um consenso entre ambos documentos, fundamentados na teoria bakhtiniana como também nas pesquisas linguísticas sobre gênero desenvolvidas a partir de então.

Não se pode mais conceber o ensino da língua sem o uso efetivo de textos pertencentes aos diversos gêneros, utilizados em situações reais de uso. Marcuschi, corroborando o pensamento bakhtiniano, afirma que “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Para Kato (1993), independente da modalidade oral ou escrita, é o gênero que vai determinar as escolhas do usuário por uma variação formal ou coloquial. Se é um gênero em que a linguagem informal predomina, quer seja um telefonema para um amigo ou bilhete deixado para um familiar preso à porta da geladeira, predominará a linguagem coloquial. Ambas as modalidades funcionam através dos gêneros. Kato afirma que “as diferenças formais existem muito mais em função de gênero e registro do que em função de modalidade” (KATO, 1993:25). Ou seja, a aprendizagem de ambas as modalidades está condicionada ao uso dos gêneros discursivos.

Porém o ensino da LP tem se pautado, ao longo dos anos, unicamente na tradição gramatical. Quando o aluno consegue decodificar a língua escrita,

imediatamente o ensino se volta para gramática normativa, o que vem provocando o fracasso escolar para muitos alunos.

Vejamos, na próxima seção, o percurso a ser seguido no ensino da escrita.

### **3.2 Linguagem e ensino: o processo de escrita na escola**

Um dos assuntos mais polêmicos acerca do ensino da língua gira em torno de como se deve ensinar a escrita. Muito já tem sido discutido acerca do tema, visto que implica no domínio de uma das modalidades da língua, a qual será de fundamental importância para o desenvolvimento cultural e acadêmico dos estudantes. A fase de alfabetização é complexa, porém em continuidade, nos anos posteriores à alfabetização, todo um processo de aperfeiçoamento deve acontecer para que o aprendiz se torne um leitor proficiente. Durante todo o trajeto do ensino fundamental, a maior preocupação entre os professores, principalmente os professores de língua materna, recai sobre o domínio da escrita.

Para ter uma visão mais aprofundada a respeito da escrita, discorreremos sobre os estudos de Koch e Elias (2014) e de Antunes para analisar as concepções de escrita e as implicações para o ensino da LP.

Conforme Koch e Elias (2014), a visão acerca de língua, texto e escrita pode ter diferentes conceitos. Uma das visões se apoia na pressuposição de que escreve bem quem domina as regras gramaticais. Houve um período que era preciso que os estudantes fizessem uma lista interminável de exercícios envolvendo as regras da GN para dominar a escrita. Baseada nessa perspectiva, todo domínio da linguagem baseava-se no sistema linguístico e/ou social, no qual o indivíduo estava inserido, e o texto era considerado apenas um produto pronto e acabado, produzido pelo escritor e decodificado pelo leitor, com foco no código linguístico.

Em outra concepção, há quem perceba a língua como expressão do pensamento, ou seja, o indivíduo expressa no papel ideias e desejos, enquanto o texto é o produto de sua individualidade, revelando suas intenções. Dessa forma, a escrita é vista como uma atividade, pela qual o indivíduo revela suas ideias, sem levar em consideração a opinião do leitor, nem a interação presente nesse processo; e o texto, um produto no qual consta as revelações feitas por quem o escreveu.

Entretanto há uma outra visão que foca na interação. Nessa concepção, a língua se efetiva dialogicamente, num processo contínuo de reciprocidade. Nessa conjuntura, a escrita é vista como produção textual e a sua realização requer daquele que escreve a ativação de conhecimentos prévios como também a utilização de diversas estratégias, isto é, uma atividade interacionista, na qual “[...] o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu revê ou reescreve o que julga necessário em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional” (KOCH e ELIAS, 2014, p. 34) (grifos das autoras).

Isso significa que o texto não é um produto pronto e acabado que está centrado no escritor, pois é na relação dialógica de construção e reconstrução do texto, que está sendo produzido e dirigido a um leitor, que o processo da escrita se efetiva. São importantes nessa conjuntura, tanto o escritor como o leitor, os quais são atores sociais que se constroem e são construídos pelo texto.

As autoras assinalam que:

O sentido da escrita é produto dessa interação não resultado apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*. (KOCH e ELIAS, 2014, p.35)

O texto não deve ser pensado como um produto pronto e acabado, o escritor como um ser absoluto que expressa o próprio pensamento e o leitor como um mero expectador que assimila o que foi escrito. Corrobora desse mesmo pensamento Antunes (2003), para quem a escrita é uma atividade interacional que não pode ser concebida como uma atividade praticada individualmente, sem a participação de um potencial leitor que está a todo tempo interagindo com o escritor, ou seja, uma atividade interativa que compreende a participação de duas ou mais pessoas envolvidas conjuntamente na sua realização, objetivando os mesmos fins. Conforme Antunes:

Uma visão interacionista da escrita supõe desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão de idéias das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a

*um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. (ANTUNES, 2003, p. 45) (grifos da autora).*

Escrever é uma atividade interacionista que requer do escritor diversas estratégias. Não se escreve aleatoriamente. Antunes (2003) afirma que ao escrever, alguém precisa dizer algo a outro alguém, isto é, existe um objetivo a ser alcançado. Koch e Elias (2014) comungam do mesmo pensamento, pois para as autoras há um propósito por parte de quem escreve, o qual precisa ter em mente: para quem escrever, para que escrever, quando e onde escrever e em que suporte textual essa escrita será veiculada. Para tanto, quem escreve precisa de estratégias para atingir seus objetivos.

As autoras assinalam que, entre essas estratégias está a ativação de conhecimentos prévios de quem escreve. Dentre quais, está o conhecimento linguístico, visto que, para escrever é necessário ter **“conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua** adquiridos ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas[...]” (KOCH e ELIAS, 2014, p.) (grifos das autoras). O conhecimento linguístico é extremamente importante, visto que, sem ele, não se produz o texto que se deseja para os fins propostos. Koch e Elias (2014) afirmam que numa perspectiva interacional, a ortografia é considerada relevante, visto que demonstra uma imagem positiva daquele que escreve; pois, além de evitar problemas de comunicação, é sinal de deferência para com o leitor. É importante que no processo de ensino e aprendizagem, a ortografia seja encarada como uma convenção social da escrita e que para se dirimir dúvidas é apropriado o uso de dicionários.

As autoras chamam a atenção para os impasses na comunicação provocados pelos desvios ortográficos, inclusive em relação à acentuação gráfica, que podem alterar o significado das palavras. Entretanto, é a pontuação a causadora de incoerências que podem modificar o sentido de um texto. Esse conhecimento gramatical é muito importante porque, além de se tratar de um mecanismo que regula a forma de se pontuar a entonação e os deslocamentos sintáticos, é responsável pela visão textual-discursiva presentes no texto que podem indicar, inclusive, a preferência do escritor por determinada construção gramatical e pelo ritmo imposto, quanto a leitura do texto.

Os conhecimentos gramaticais e ortográficos são importantes aliados para se produzir um bom texto; há, porém, outro elemento essencial que é o conhecimento do léxico da língua. Koch e Elias (2014) apontam o léxico não apenas com a visão de uma lista interminável de palavras da língua, “mas, sim, como um conjunto de recursos lexicais que incluem os processos disponíveis na língua para a construção de palavras” (KOCH e ELIAS, 2014, p. 42). As autoras observam que as escolhas lexicais e o contexto no qual as palavras são empregadas podem refletir prestígio ou desprestígio, conforme a intenção de quem escreve.

Além dos conhecimentos gramaticais, ortográficos e lexicais há um outro tipo de conhecimento considerado fundamental para produzir a interação entre quem escreve e lê. É o conhecimento enciclopédico. As autoras afirmam que é necessário haver determinados conhecimentos por parte dos atores envolvidos na prática da escrita para que aconteça a compreensão textual. São conhecimentos de mundo armazenados na memória que são ativados quando há a abordagem de certos temas no texto. Sem a ativação desses saberes não compreenderíamos determinados textos e nem os produziríamos também com a mesma eficácia.

Outro conhecimento de suma importância é o conhecimento de textos, principalmente os de maior destaque cultural, que circulam em nosso convívio social. Esse conhecimento prévio nos faz compreender textos com marcas de intertextualidade, ou seja, textos que se referem a outros textos para produzir diversos efeitos de sentido, conforme a intenção de quem escreve. Ao se levar em consideração que todo texto é uma resposta a outro texto, será possível compreender melhor determinado texto, pois um leitor com uma vasta leitura consegue ter uma visão mais ampla de um texto. Para Koch e Elias (2014), a escrita é uma atividade que requer de quem lê e escreve a retomada sistemática de outros textos de modo implícito ou explícito que possibilitam a compreensão de um certo texto.

Além de todos esses conhecimentos acionados no momento em que se lê ou que se escreve, as autoras ainda tratam de um outro tipo de conhecimento que permitirá a quem escreve fazer as escolhas adequadas ao elaborar seu texto. Para Koch e Elias: “Além dos conhecimentos descritos, a escrita demanda a ativação de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas. ” (KOCH e ELIAS, 2014, p. 45). As autoras tratam minuciosamente desses recursos interacionais e de como eles serão decisivos

para quem escreve, pois determinará suas escolhas e adequações, seja referente a intenção do escritor e as pistas deixadas no texto para que o leitor perceba os reais objetivos do escritor; seja a quantidade de informação a ser veiculada no texto; seja o tipo de linguagem a ser escolhida, isto é, a variante adequada para aquela situação comunicacional. Tudo isso será determinante para que a interação aconteça. Queremos, no entanto, destacar dentre os recursos interacionais a adequação do gênero textual à situação comunicativa, pois ao escrever, escolhemos automaticamente o gênero textual adequado a tal propósito.

Trazendo a contribuição bakhtiniana para a discussão, todo nosso discurso é elaborado a partir de um gênero, visto que, quando iniciamos a produção de um texto, temos em mente qual o gênero textual iremos utilizar. Se necessitamos fazer compras, imaginamos de imediato elaborar uma lista de compras ou se queremos conseguir um emprego, a primeira coisa que vem a nossa mente é a produção de um currículo, logo a escrita tem um objetivo e uma função social específica. Nesse contexto, os gêneros textuais são fundamentais para que as relações interacionais aconteçam adequadamente.

Os PCN assinalam a importância do trabalho com a diversidade de textos, os quais devem ser objeto de ensino em sala de aula:

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que **textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas**. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL: PCN, 1998, p. 23,24) (grifos nossos)

Conforme os PCN (BRASIL, 1998), é necessário contemplar em sala de aula a diversidade de gêneros porque isso implica consequentemente na diversidade de texto. Essa exposição do aluno aos diversos gêneros colabora no desenvolvimento da competência discursiva do aluno. Particularmente em relação à escrita, não se concebe o ensino dessa modalidade sem a prática efetiva da produção textual, vinculada à noção de gênero.

Compartilha dessa visão Antunes, para quem “A escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza. ” (ANTUNES, 2003, p.48). Portanto a escrita, tem diferentes funcionalidades, as quais determinarão as diferentes formas de atender a necessidade de quem produz um texto, essas diferentes funções irão determinar os inúmeros gêneros textuais na concepção do autor.

A visão da escrita como prática interacionista reforça a ideia que escrever é um processo que se faz visando a alguém que vai interagir como leitor. Koch e Elias (2014) afirmam que escrever requer diversos conhecimentos prévios, ou seja, é uma atividade complexa e aponta entre esses conhecimentos diversas funções interacionistas, entre as quais o reconhecimento do gênero a ser utilizado em dada situação de comunicação.

Antunes (2003) deixa claro que “a escrita existe para cumprir *diferentes funções comunicativas* de menor ou maior relevância para a vida da comunidade. (ANTUNES, 2003, p. 47) (grifos da autora). Conforme frisa a autora, em uma sociedade letrada, a escrita desempenha diferentes papéis na vida de seus usuários. Essas diferenças é que vão dá origem a diversos gêneros textuais. Na escola, é preciso que se enfatize o objetivo da escrita que não deve ser, de nenhuma forma, utilizada sem um determinado fim. Ao se trabalhar a escrita é preciso que o aprendiz esteja consciente de que gênero textual será utilizado para aquele evento comunicativo.

A necessidade comunicativa impulsiona o usuário da língua a buscar o gênero adequado à determinada situação de comunicação. Assim, o ensino da escrita adquire funcionalidade para os diversos usos da língua. Para expandir a aprendizagem da escrita e, por conseguinte, a competência discursiva do aluno, é necessário buscar práticas efetivas de ensino gêneros textuais.

Na visão de Antunes (2003), as práticas pedagógicas de ensino da língua sempre foram equivocadas, ao supor que o ensino de análise sintática e de nomenclaturas gramaticais tornaria os alunos aptos a ler e produzir textos eficientemente. Para o autor, a visão interacionista da escrita prevê a existência de um outro sujeito, interagindo no processo da escrita, visto que ninguém escreve sem um objetivo e sem endereçar essa escrita para alguém. Além da funcionalidade social

da escrita, existe ainda a questão das diferentes situações de comunicação que exigem formas diferentes de expressão, essas diferenças dão origem a textos pertencentes a diversos gêneros, que implica na estruturação de diferentes tipos de textos, com suas características peculiares.

A autora explica que:

Como os textos são de autoria de pessoas, delas unicamente provém e a elas unicamente se destinam, tais modelos em que os gêneros de textos se manifestam são resultados de convenções históricas e sociais instituídas por essas mesmas pessoas. São convenções como todas as outras criadas, modificadas ou deixadas de lado sempre que for necessário fazê-lo. Neste âmbito, também se pode constatar a natureza complexa da linguagem, que é, por um lado, prototípica, regidas por modelos e padrões e, por outro lado, flexível, passível de alterações e mudanças. (ANTUNES, 2003, p. 49/50).

Os gêneros textuais estão sujeitos às convenções históricas e sociais, servem aos propósitos comunicativos dos usuários da língua, atendem as mais diversas demandas comunicativas e sofrem alterações, conforme as necessidades de produção de texto. Esse processo demonstra toda complexidade da linguagem, que, apesar de seguir um certo padrão, é passível de alterações. Nessa conjuntura, o ensino da escrita constitui-se num desafio e requer uma sistematização para obter êxito no processo de ensino e aprendizagem.

Para Antunes (2003), a escrita, diferentemente da oralidade, tem condições de produção que permitem um maior tempo para a produção do texto, já que o (s) destinatário (s) do texto não ocupam simultaneamente o mesmo espaço daquele que escreve.

Na ótica da autora:

Essas diferentes condições de produção da escrita dão a quem escreve a possibilidade de conceder uma parcela de tempo maior à elaboração verbal de seu texto, bem como a possibilidade de rever e recompor o seu discurso sem que as marcas dessa revisão e dessa recomposição apareça. Daí a ilusão de que a versão escrita que aparece divulgada – arranjada e bem escrita – corresponde a versão inicial do autor. Daí a outra ilusão – maior ainda – de que a escrita é mais bem elaborada, é mais “certa” do que a fala. (ANTUNES, 2003, p. 51)

Por essas razões, aprender a escrever demanda uma série de procedimentos que o conhecimento de regras gramaticais não pode garantir. Antunes (2003) explicita que há três etapas distintas e intercomplementares, implicadas na produção do texto escrito que requer de quem escreve algumas tomadas de decisões. Essas etapas compreendem desde planejamento, o momento da escrita propriamente dito até a revisão e reescrita do texto. “Cada etapa, cumpre assim, uma função específica, e a condição do texto vai depender de como se respeitou cada uma dessas funções. (ANTUNES, 2003, p. 54).

A primeira etapa é do planejamento, que, na opinião da autora, serve para aquele que escreve ponderar acerca das escolhas a serem realizadas, as quais são: delimitar o tema e escolher o ponto de vista a ser focalizado, eleger os objetivos do texto; definir os critérios de ordenação das ideias e das informações; antever o perfil dos possíveis leitores e as formas linguísticas mais adequadas ao gênero, a situação em que o texto vai circular; decidir quais as estratégias que podem deixar o texto adequado à situação de comunicação.

A segunda fase compreende o momento da escrita propriamente dita. Nessa fase, aquele que escreve vai colocar no papel tudo que foi planejado anteriormente, fazendo as escolhas lexicais e a construção sintática das frases mais adequadas ao gênero textual escolhido.

A terceira fase, para Antunes (2003), é a fase em que se analisa aquilo que foi escrito, levando em consideração o que foi planejado na primeira etapa. Essa fase analítica é de suma importância para obtenção de êxito com a escrita.

Essa fase, na visão da autora é:

[...] para aquele que escreve confirmar se os objetivos foram cumpridos, se conseguiu a concentração temática desejada, se há coerência e clareza no desenvolvimento das idéias, se há encadeamento entre os vários segmentos do texto, se há fidelidade às normas da sintaxe e da semântica — conforme prevêm as regras de estrutura da língua — se respeitou, enfim, aspectos da superfície do texto, como a ortografia, a pontuação e a divisão do texto em parágrafos. É, como disse, a hora da revisão (da primeira, talvez), para decidir sobre o que fica, o que sai, o que se reformula. (ANTUNES, 2003, p. 56)

A fase da revisão e da reescrita é, na verdade, o momento de reflexão, de leitura e releitura, de análise do próprio texto para aquele que escreve e posteriormente reescreve o texto, ajustando-o da melhor forma.

Para a autora, a natureza interativa da escrita determina esses aspectos de produção do texto escrito. Se analisarmos que é necessário, no processo da escrita, todas essas acomodações do texto, perceberemos que esse processo não é contemplado geralmente em sala de aula. Antunes (2003) afirma que o ensino da modalidade escrita ainda está na fase do improviso e do trabalho realizado com pressa, o que torna para os alunos a atividade de produção textual pouco atraente e sofrível pela ausência de um fazer pedagógico sistematizado.

Uma das propostas de como se ensinar a escrita foi apresentada por Dolz Schneuwly & Noverraz (2011), a referida proposta de trabalho visa ao ensino da língua através das sequências didáticas, as quais consistem em um procedimento teórico e metodológico do ensino de língua materna desenvolvidas para o ensino da produção dos gêneros textuais. Os autores da escola de Genebra lançaram essa metodologia de ensino dos gêneros, a qual tem repercutido positivamente. No próximo tópico, abordaremos a proposta das sequências didáticas.

### **3.3 Uma experiência com as sequências didáticas**

Uma forte tendência para o ensino de produção de gêneros textuais é a metodologia de trabalho com sequências didáticas (SD). Passaremos a discorrer a respeito das SD elaboradas por Dolz, Schneuwly, & Noverraz (2011) que propõem um procedimento metodológico a ser realizado com gêneros textuais orais e escritos. Na definição dos autores, "Uma "sequência didática" é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (SCHNEUWLY, DOLZ & NOVERRAZ (2011, p.96).

As SD propostas pelos autores consistem em um conjunto de atividades são organizadas sistematicamente, em torno de um determinado gênero textual oral ou escrito. A proposta das SD visa a um trabalho sistemático com gêneros, os quais os alunos ainda não dominam. É uma metodologia que se presta ao propósito de

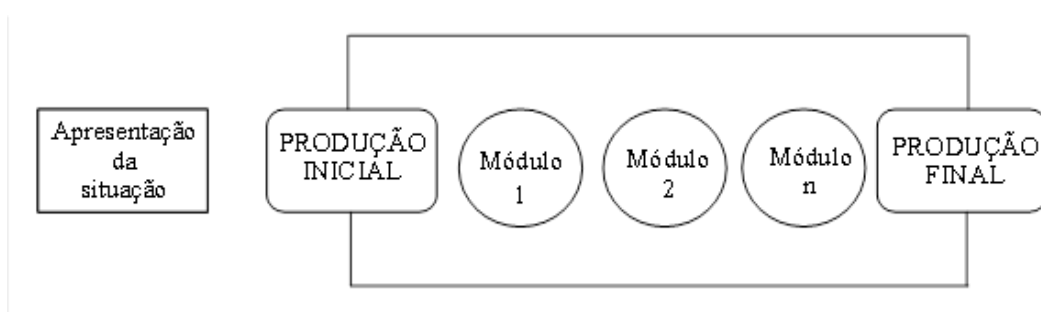
beneficiar os alunos com a aquisição de práticas de linguagem novas ou que eles ainda não conseguiram dominar.

Para os autores:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011: 83).

Segue a estrutura básica das SD propostas pelos autores:

**Figura 2: Estrutura da sequência didática**



Fonte: Estrutura da sequência didática (Dolz, Schneuwly & Noverraz, 2011, p.83)

As SD devem ser desenvolvidas, após a *apresentação da situação*, na qual os alunos tomarão conhecimento da proposta de trabalho a ser desenvolvida. Essa fase deve ser bem detalhada para não deixar os aprendizes com dúvidas. Essa primeira etapa serve para apresentar aos alunos um projeto de comunicação bem definido e que se concretizará, de fato, na produção final. É uma fase na qual os alunos deverão tomar conhecimento do gênero a ser abordado, a quem se dirige sua produção, isto é, os possíveis destinatários, que suporte textual será utilizado e quem participará da produção, se parte da turma ou todos.

Conforme Dolz, Schneuwly & Noverraz (2011), durante a *apresentação da situação*, o professor que pretende aplicar as SD deve focar em duas situações essenciais: 1- *Apresentar um problema de comunicação bem definido*. Para os autores, é preciso apresentar claramente um projeto coletivo de proposta de produção

textual e em que situação de comunicação o aluno está inserido. É preciso saber por que vai escrever e para quem vai endereçar seu texto. Em seguida, o professor deve: 2- *preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos*, pois é preciso focar no conteúdo para que o aluno perceba sua importância e conheçam bem o gênero com que vai trabalhar. Essa fase de reconhecimento do gênero oral ou escrito e da situação de comunicação, na qual ele circula, favorecerá o aluno, dando-lhe a condição necessária para a produção do gênero escolhido.

Após essa etapa, os alunos deverão realizarão a *produção inicial*, etapa muito importante, pois permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas pelo aluno para, assim, elaborar as atividades a serem desenvolvidas nas SD, mediante as dificuldades apresentadas pelos alunos no texto produzido. Nessa fase preliminar, os alunos elaborarão seu texto inicial, já com características próprias do gênero que lhes foi apresentado. Segundo demonstram as experiências com as SD, os alunos conseguem desenvolver seus textos, pelo menos parcialmente, e estes servirão de ponto inicial para o trabalho a ser desenvolvido pelo professor.

Segundo Dolz, Schneuwly & Noverraz:

Esse sucesso parcial é, de fato condição *sine qua non* para o ensino, pois permite circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem e, conseqüentemente, suas potencialidades. É assim que se definem o ponto preciso em que o professor pode intervir melhor e o caminho que o aluno tem ainda a percorrer: para nós esta é essência da avaliação formativa. Desta forma, a produção inicial pode “motivar” tanto a sequência como o aluno. (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p. 100-101)

Conforme os autores, as SD se constituem como um processo de avaliação formativa, na qual o insucesso não é previsto, visto que o aluno, independente do seu nível de desenvolvimento linguístico, alcançará avanços com a metodologia aplicada. Após a *apresentação da situação*, o aluno será capaz de produzir seu texto, inclusive aquele aluno considerado mais “fraco”: mesmo que esse não consiga produzi-lo com todas as características do gênero proposto, revelará para si e para o docente as capacidades já adquiridas e o que ainda precisa ser trabalhado para superar suas dificuldades. Essa é a fase que representa *um primeiro encontro com o gênero*. É considerada como uma etapa reguladora das SD, tanto para o aluno, como para o professor.

Para os autores:

Assim, a seqüência começa pela definição do que é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, apropriando-se dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, estarão mais preparados para realizar a produção final (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p.101).

A *produção inicial*, segundo os autores, é muito importante porque, nessa etapa, acontecerá a *realização prática de uma avaliação formativa e primeiras aprendizagens*. A ela não deve ser atribuída uma nota, o objetivo da *produção inicial* é proporcionar ao professor a oportunidade de observar o texto do aluno, para então elaborar a SD, modulando-a e adequando-a à situação real de sua sala de aula.

A *produção inicial* é apenas o princípio do processo. Com base nela, o professor desenvolverá *módulos* que contemplem os pontos fracos da *produção inicial* do aluno e, assim, fornecer os instrumentos necessários para que ele supere esses pontos fracos. É uma proposta, na qual o professor terá consciência das dificuldades do aluno para produzir determinado gênero, pois: “o movimento geral da sequência didática, vai, portanto, do mais complexo ao mais simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessária ao domínio de um gênero.” (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p.103). No término dos módulos o sentido será o oposto, do complexo para a produção final.

Na construção dos módulos, devem-se levar em consideração três aspectos: as dificuldades de expressão oral ou escrita a serem abordadas; a construção de um módulo para trabalhar particular especificamente um problema; a capacitação do que adquirido nos módulos.

O professor precisa *trabalhar problemas de níveis diferentes* ao construir os módulos, pois deve levar em consideração que o ato de produzir textos é um processo complexo que vai funcionar em vários níveis na mente do aprendiz. Segundo Dolz, Schneuwly e Norrevaz (2011, p. 103), “Em cada um desses níveis, o aluno depara-se com problemas específicos de cada gênero e deve ao final, tornar-se capaz de resolvê-los simultaneamente.”

Na preparação dos módulos, o professor deve estar atento aos diversos fatores que constituem os diferentes níveis, os quais levarão em conta: a *representação da situação de comunicação*, pois o aluno deverá saber qual o

destinatário do seu texto e da sua posição, enquanto autor ou locutor; a *elaboração de conteúdo*, o aluno deverá ser preparado para buscar técnicas de elaboração de conteúdos em conformidade com o gênero escolhido; planejamento do texto, o aluno deverá ser preparado para estruturar seu texto, visando ao destinatário e a estrutura convencional do gênero e, finalmente, a *realização do texto*, momento em que o aluno deve escolher os meios de linguagens mais eficientes para escrever seu texto, observando a escolha do vocabulário, os tempos verbais adequados ao tipo textual.

É preciso que o professor tenha em mente que é necessário *variar as atividades e exercícios* no momento de elaborar os módulos. Para Dolz, Schneuwly & Noverraz (2011), o princípio essencial na elaboração de módulos com vistas na solução de problemas de produção textual é a variedade nos modos de trabalho. O professor precisa lançar mão de variados exercícios que contemplem a leitura e a escrita. Essa diversidade de atividades possibilitará ao aluno acesso a diferentes conhecimentos.

Há três grandes categorias de atividades a serem empregadas nos módulos: *As atividades de observação e de análise de textos*; a segunda: *que são as tarefas simplificadas de produção de textos*; e a terceira: *a elaboração de uma linguagem comum para poder falar dos textos*.

*As atividades de observação e de análise de textos* são atividades fundamentais para compreensão do funcionamento do texto, quer orais ou escritas, elas devem evidenciar os aspectos funcionais do texto. Podem ser utilizados textos completos ou partes de textos, pertencentes ao mesmo gênero ou a gêneros diferentes, conforme o objetivo do professor.

A segunda categoria de exercícios são *as tarefas simplificadas de produção de textos*, esses exercícios são elaborados, contemplando especificamente um aspecto de elaboração textual. São tarefas com critérios bem definidos, que pode ser, por exemplo, a inserção de uma parte que falta a um dado texto, dentre outras.

A terceira categoria, *a elaboração de uma linguagem comum para poder falar dos textos*, o aluno aprende a comentar, a analisar e a melhorar seu próprio texto e dos seus colegas ao longo de todo processo de aplicação da SD.

A realização dos módulos oportuniza ao aluno muitos momentos de contato com a língua escrita. Para Dolz, Schneuwly & Noverraz:

Realizando os módulos, os alunos aprendem também a falar sobre o gênero abordado. Eles adquirem um vocabulário, uma linguagem técnica, que será comum à classe e ao professor e, mais do que isso, a numerosos alunos fazendo o mesmo trabalho sobre os mesmos gêneros. Eles constroem progressivamente conhecimentos sobre o gênero. Ao mesmo tempo, pelo fato de que toma a forma de palavras técnicas e de regras que permitem falar sobre ela, esta linguagem é, também, comunicável a outros e, o que é também muito importante, favorece uma atitude reflexiva e um controle do próprio comportamento. (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p.101)

A realização dos módulos permite ao aluno *capitalizar aquisições*, conforme denominam os autores, essa etapa da SD oportuniza diversas aprendizagens. O aluno apreende progressivamente conhecimentos sobre o gênero em estudo, reflete sobre questões linguísticas, amplia seu vocabulário, dentre outras vantagens.

Na etapa da produção final, os alunos colocarão em prática o que eles aprenderam na aplicação dos módulos. Essa produção pode ser aproveitada pelo professor como avaliação somativa, construída ao longo do processo, na qual o professor avalia de forma responsável, humanista e profissional o progresso obtido pelo aluno. Na visão dos autores: “Somente a produção final constitui, bem frequentemente, a situação real, em toda sua riqueza e complexidade. ” (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p. 86). É a fase ideal para avaliar o quanto o aluno progrediu a partir da produção inicial, conforme as interferências do professor realizadas nos módulos aplicados, até a produção final.

Para que haja uma melhor compreensão acerca do procedimento das SD, há quatro pontos cruciais que devem ser levados em consideração pelo professor. Conforme Dolz, Schneuwly & Noverraz (2011), são eles:

1. Os princípios teóricos subjacentes ao procedimento;
2. O caráter modular do procedimento e suas possibilidades de diferenciação;
3. As diferenças entre os trabalhos com oralidade e com escrita;
4. A articulação entre o trabalho na sequência e outros domínios de ensino de língua. (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p. 107-108)

Conforme os autores, para se aplicar o procedimento das sequências didáticas é preciso levar em consideração alguns princípios teóricos, a saber: as

escolhas pedagógicas, psicológicas e linguísticas que conduziram sua elaboração e as principais finalidades a alcançar.

Quanto aos aspectos pedagógicos, pode-se afirmar que as SD possibilitam o procedimento da avaliação formativa, na qual há o regulamento do processo de ensino e de aprendizagem. As SD constituem-se num procedimento capaz de motivar os alunos a escrever e a expressar-se verbalmente, além de maximizar as oportunidades de realização de diversas atividades, ampliando as chances de os alunos de desenvolverem a competência discursiva.

Acerca das implicações psicológicas do método, os autores argumentam que as SD visam mais que trabalhar no plano superficial da produção textual, sua atuação atinge em sua complexidade “a representação da situação de comunicação, o trabalho sobre os conteúdos e a estruturação dos textos. ” (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p. 108). O seu objetivo maior é transformar é promover a mudanças na maneira de falar e de escrever do aluno, ampliando sua capacidade de uso da linguagem em todos os níveis.

Quanto às escolhas linguísticas, os autores afirmam que toda língua tem formas diversificadas de funcionamento e se adapta às situações de comunicação diversas. As SD devem, portanto, contemplar toda essa variedade através de atividades de produção de texto e discurso, através de formas relativamente estáveis de comunicação, isto é, os gêneros textuais “estes últimos definem o que é *dizível* através de quais estruturas textuais e com que meios linguísticos. Eles constituem o objeto do procedimento.

As finalidades com o procedimento de ensino da escrita e da leitura, através das SD, são base para o ensino da língua.

Segundo Schneuwly, Dolz & Noverraz:

- Preparar os alunos para dominarem sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana, oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para melhorarem suas capacidades de escrever e de falar;
- Desenvolver no aluno uma relação consciente e voluntária com seu comportamento de linguagem, favorecendo procedimentos de avaliação formativa e de auto-regulação;
- Construir nos alunos uma representação da atividade de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho, de uma lenta elaboração. (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p. 109-110)

O procedimento das SD oportuniza ao aluno vivenciar diversas situações complexas que o levem ao domínio da língua, através de uma variedade de atividades desenvolvidas sistematicamente, em torno de determinado gênero. Essa construção de conhecimento oferece ao aluno condições de desenvolver uma relação consciente e significativa com a língua, valorizando sua função social. A exposição do aluno a atividades de escrita e fala, em situações complexas, constroem gradativamente o amadurecimento linguístico.

O trabalho com modularidade é considerado pelos autores como um princípio geral das SD, fundamentada numa perspectiva construtivista, interacionista e social que deve ser relacionada à diferenciação pedagógica. Para os autores, essa atividade permite um trabalho individual que leva em consideração a heterogeneidade da turma. O que poderia ser considerado um problema transforma-se em uma oportunidade de enriquecimento para as aulas, se houver uma certa adaptação.

Para Dolz, Schneuwly & Noverraz:

Deste ponto de vista, as seqüências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das seqüências didáticas (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p.110)

A preparação dos módulos deve levar em conta as necessidades do aluno e a heterogeneidade da turma. Cada módulo deve ser cuidadosamente preparado, visando à progressão das SD. A aplicação dos módulos não deve acontecer aleatoriamente. Há uma ordem para que eles sejam colocados em prática, visto que uma atividade serve como base para realizar uma outra.

Outro aspecto a ser observado é a diferença do trabalho com a oralidade e a escrita. Cada uma tem especificidades próprias. Quanto à produção do texto escrito, há uma diferença na elaboração das SD. O texto escrito, durante o processo de produção é considerado provisório até a elaboração da produção, enquanto está no processo de reescrita. Os autores afirmam que esse trabalho de reescrita é na verdade um objetivo essencial do método, pois é nesse processo que o aluno vai compreender que a escrita é uma tarefa que se constrói progressivamente. No período

entre a produção inicial e a produção final, o aluno amadurece a respeito da atividade escrita.

Vale salientar que as SD visam à aquisição de procedimentos e práticas do oral e da escrita, que precisam contar com outros conhecimentos construídos fora delas. A expressão e a estruturação se entrecruzam para que haja o domínio da língua. Segundo Dolz, Schneuwly & Noverraz (2011), algumas abordagens devem ser consideradas, quanto a aplicação das SD, tais como: a perspectiva textual, a questão gramatical / sintática e a questão ortográfica.

Segundo o grupo de Genebra, a *perspectiva textual* diz respeito ao aperfeiçoamento da escrita e da oralidade, através de atividades que foquem “nos diferentes níveis de processo de elaboração de texto” (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ (2011, p. 114), a partir das características peculiares de cada gênero e suas marcas de organização. As SD focam na textualização e tornam-se complementares em relação à outras abordagens.

No que diz respeito ao plano gramatical e sintático, durante todo o processo da aplicação das SD, o aluno vai se deparar com questões linguísticas de ordem gramatical e sintática que são pertinentes ao gênero em estudo. Isso levará o aluno à análise da estruturação do texto, diante das dificuldades encontradas. No plano gramatical, por exemplo, quanto ao emprego de certo tempo verbal, ou no plano sintático, na má estruturação de uma frase, o aluno refletirá e construirá hipóteses que o conduzam ao emprego adequado de certas formas linguísticas.

Conforme os referidos autores, os problemas encontrados pelo aluno de ordens sintáticas e ortográficas não estão diretamente atrelados à questão dos gêneros textuais, no entanto, na estruturação do texto, o aluno o aluno vai se deparar com esses problemas. O importante é que o aluno compreenda que, durante o processo das SD, ele, individualmente, ou na interação com colegas de sala, precisa revisar seu texto para resolver as questões de natureza ortográfica, sintática ou gramatical.

Quanto à questão ortográfica, é inevitável que ocorra inadequações, porém o professor aproveitará esses desvios ortográficos para trabalhar em sala de aula.

Para os autores:

Neste sentido, os erros encontrados nos textos produzidos ao longo das seqüências são uma fonte de informação preciosa para o professor. Um levantamento dos erros mais freqüentes pode servir como base para a escolha das noções a serem estudadas ou revistas nos momentos consagrados unicamente à ortografia. (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, P.117)

Esse processo promoverá uma aprendizagem efetiva e contextualizada, visto que o trabalho com o ensino de ortografia, de forma descontextualizada, não promove efetiva aprendizagem.

Outra recomendação dos referidos autores para aplicação do procedimento das SD é acerca da escolha dos gêneros a serem trabalhados no ensino fundamental. Primeiramente, é necessário compreender que a aprendizagem é específica para cada gênero. O aluno aprenderá as especificidades de um determinado gênero, sua estrutura e características que não garantem a aprendizagem de um outro gênero, necessariamente.

Para os autores, alguns critérios devem ser considerados para escolha dos gêneros a serem trabalhados no ensino fundamental:

1. correspondam às grandes finalidades sociais atribuídas ao ensino, cobrindo os domínios essenciais de comunicação escrita e oral em nossa sociedade;
2. retomem, de maneira flexível, certas distinções tipológicas, da maneira como já funcionam em vários manuais, planejamentos e currículos;
3. sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem implicadas no domínio dos gêneros agrupados. (DOLZ, SCHNEUWLY & NOVERRAZ, 2011, p.120)

A partir desses critérios, os autores agrupam uma série de gêneros com base nos *domínios sociais de comunicação* e nos *aspectos tipológicos* para sistematizar didaticamente a forma de abordagem do gênero oral ou escrito, as tipologias textuais e as práticas sociais dos gêneros em conformidade com cada ano/ciclo, levando em consideração o desenvolvimento cognitivo do aluno e o contexto curricular, afinal não se pode abordar aleatoriamente os gêneros ou abordar um grande número deles em cada ano/ciclo, de forma desordenada.

O trabalho com os gêneros visa a uma progressão ao longo dos anos de vida escolar do aluno. O desenvolvimento da expressão oral e escrita é promovido

sistematicamente através do processo de ensino/aprendizagem dos gêneros. Entretanto, a progressão não consiste num processo metodológico estanque. O professor precisa adequar o trabalho ao nível de sua turma e as suas necessidades linguísticas.

Podemos afirmar, após a apresentação do procedimento das SD, que essa metodologia se tornou referência entre pesquisadores e professores brasileiros como uma excelente opção para se trabalhar com a produção dos gêneros textuais em sala de aula.

Na visão de Marcuschi, (2008), a metodologia para o ensino dos gêneros através das SD de Dolz, Schneuwly & Noverraz (2011) é bastante produtiva para o trabalho com alunos do ensino fundamental. O autor afirma que: [...] “A proposta parte da idéia de que é possível e desejável ensinar gêneros textuais públicos da oralidade e da escrita e isso pode ser feita de maneira ordenada.” (MARCUSCHI, 2008, p. 213). O referido autor expõe detalhadamente no seu livro o modelo das SD, corroborando a opinião dos estudiosos da escola de Genebra, para os quais o ensino dos gêneros textuais torna-se eficaz, através das atividades sequenciadas. Acerca das SD, afirma Marcuschi que:

Os procedimentos têm caráter modular e levam em conta tanto a oralidade como a escrita. O trabalho distribui-se ao longo de todas as séries do ensino fundamental. A idéia central é a de que se devem criar situações reais com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual, incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para processo de relação entre produtores e receptores. (MARCUSCHI, 2008, p. 213)

Conforme Cristóvão (2009), o procedimento das SD é viável e contribui com o trabalho do ensino dos gêneros textuais. Para a autora, as SD são uma ferramenta de ensino que serve de mediação para o trabalho com gêneros textuais. Pioneira no trabalho com as SD para o ensino dos gêneros com língua estrangeira, a autora aprofundou suas pesquisas no tema, baseadas nas teorias de Bronckart e, posteriormente, nas pesquisas de Dolz, Schneuwly e Norrevaz.

Cristóvão pondera que:

Para garantir um trabalho de colaboração entre professor e alunos, a sequência didática deve contemplar: a) uma esfera de atividade em

que o gênero circule; b) a definição de uma situação de comunicação na qual a produção se insere; c) conteúdos apropriados; d) a disponibilização de textos sociais (de circulação real) como referências para os alunos; e) uma organização geral de ensino que vá ao encontro das transformações desejadas; f) atividades que contribuam para que os objetivos sejam alcançados; g) propostas de percursos e situações que levem o aluno a atingir os objetivos desejados. (CRISTÓVÃO, 2009, p. 309)

Conforme a autora, o trabalho com as SD é colaborativo. É uma parceria entre o professor e os alunos e requer do professor uma série de cuidados para contemplar com toda a atenção o gênero a ser trabalhado, como também a sistematização das atividades a serem desenvolvidas para obter êxito.

Em outra publicação, Cristóvão em parceria com Machado, refletem sobre as pesquisas com as SD e sua propagação no Brasil, no final da década de 1990.

As referidas autoras afirmam que:

Ora, para cumprir toda essa proposta de ensino de gêneros, logo se tornou evidente, para os pesquisadores de Genebra, a necessidade da elaboração de um material didático que propusesse atividades constitutivas da seqüência. No Brasil, após a promulgação dos PCN de língua portuguesa (BRASIL, 1998), que já prevê esse tipo de estudo e de atividades, a obediência aos Parâmetros também passou a ser uma exigência para a aprovação dos livros didáticos submetidos à avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Assim, nos dois casos, estamos diante de um subnível da transposição dos conhecimentos científicos a conhecimentos a serem ensinados, sendo ele talvez o mais importante, pois, no caso brasileiro, as prescrições dos documentos e o trabalho real do professor são mediados pelos livros e materiais didáticos. Surge daí a relevância dos trabalhos científicos e didáticos que visem a efetivar essa transposição. (CRISTÓVÃO & MACHADO, 2006, p. 556)

Além de confirmar a eficácia do trabalho com as SD, as referidas autoras enfatizam a importância do procedimento ao afirmar que, no Brasil, a teoria do grupo genebrino é transposta diretamente da academia para as salas de aula, constituindo-se, talvez, no mais importante exemplo de pesquisa científica que se efetiva prontamente em sala de aula. A mesma autora ainda destaca que o procedimento é ratificado pelos documentos oficiais.

Concluimos, a partir de todo arcabouço teórico analisado, que o trabalho com as SD é de grande relevância para o processo de ensino e aprendizagem da produção dos gêneros textuais, conforme a opinião de diversos estudiosos, além de estar

embasado nos documentos oficiais brasileiros (PCN e BNCC), nos quais é considerado um método eficiente.

No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos desenvolvidos durante a aplicação das SD para o ensino do gênero crônica em uma turma de 9º ano do ensino fundamental.

## IV PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. (DEMO, 2001, p.51-52).*

Neste capítulo, trataremos dos procedimentos que nortearam esta pesquisa, desde a coleta ao tratamento dos dados. Após a exposição das abordagens teóricas nos capítulos anteriores, detalharemos, a partir de agora, os aspectos gerais de nossa pesquisa e o percurso utilizado em sua realização.

Primeiramente, apresentaremos as características da pesquisa; o contexto, no qual realizamos a investigação, os sujeitos envolvidos e a delimitação do *corpus* a ser analisado. Na sequência, discorreremos acerca da aplicação da nossa pesquisa, através da análise da aplicação das sequências didáticas de Schneuwly, Norrevaz & Dolz (2011),

### 4.1 Caracterização da investigação

Esta pesquisa buscou analisar uma intervenção realizada em um problema coletivo, no qual estão envolvidos pesquisadora e participantes, ou seja, professora e alunos; portanto, trata-se de uma pesquisa-ação, a qual é “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2011: p. 20).

Para o referido autor, a pesquisa-ação é uma forma de investigação, de caráter social, que conduz a autorreflexão dos indivíduos envolvidos em determinado processo. Para tanto, a pesquisa se valeu da teoria e da prática para promover uma intervenção no processo de ensino e aprendizagem, no caso na produção escrita do gênero textual crônica.

Essa forma de pesquisa possibilita ao pesquisador da área de educação um suporte metodológico que lhe dá condição de produzir conhecimento para seu próprio benefício, visto que a pesquisa reflete sobre sua própria prática pedagógica, pois “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação

estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico” (THIOLLENT, 2002: p. 75 apud VAZQUEZ e TONUZ, 2006: p. 2).

A referida pesquisa teve uma abordagem descritiva, pois deteve-se na descrição de nossa experiência aplicada em sala de aula. É também qualitativa, de caráter intervencionista. Qualitativa porque voltou-se às questões que envolvem às ciências sociais que abordam temas, cujos fenômenos não são possíveis de mensurar, de acordo com Minayo (1994). A pesquisa qualitativa também se caracteriza pela fase exploratória, o período de investigação que passa pelas seguintes etapas: a escolha do objeto de investigação, a delimitação do problema, a definição de objetivos, a construção do referencial teórico e finalmente a escolha dos instrumentos de coleta dados que compreende toda trajetória delimitada como a fase de investigação, a qual cessa no momento que o pesquisador define toda estratégia de pesquisa e está apto para entrar em campo, conforme as orientações de Minayo (1994).

Finalmente, é intervencionista porque, conforme foi dito anteriormente, a pesquisa-ação visa à solução de um problema que afeta os sujeitos envolvidos na pesquisa. Portanto, aliando a abordagem qualitativa à iniciativa intervencionista, a pesquisa aconteceu num processo de ação-reflexão-ação para atingir seus propósitos.

Mediante o exposto, o desenvolvimento desta pesquisa teve um cunho intervencionista e crítico-analítico, visto que visou não apenas a solução de um problema, mas também a uma autorreflexão sobre nossa prática pedagógica, já que a pesquisa aconteceu em nossa sala de aula, espaço onde se deu o processo de ensino e aprendizagem entre pesquisadora e participantes.

## **4.2 Contextualização da pesquisa**

Com base no que foi exposto, afirmamos que esta pesquisa visou aliar teoria à prática, na busca para solução de um problema, o qual estava relacionado à produção textual do gênero crônica, visto que nossos alunos apresentavam dificuldades de produzir o referido gênero, apesar de apreciarem sua leitura, como

também na transformação de uma realidade que envolvia a pesquisadora e seus alunos participantes da pesquisa. A atuação dessa pesquisa, portanto, concentrou-se na sala de aula de aula, visando à aprendizagem dos alunos, no que diz respeito ao gênero textual em estudo, bem como à reflexão e ao aprimoramento da nossa prática pedagógica. Todo esse processo ocorreu durante todas as fases da pesquisa, desde a escolha do tema até a análise dos dados e contou com a participação determinante dos sujeitos participantes da pesquisa, pois:

Na pesquisa-ação, o pesquisador desempenha um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre o pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo. Os problemas de aceitação dos pesquisadores no meio pesquisado têm que ser resolvidos no decurso da pesquisa. Mas a participação do pesquisador não qualifica a especificidade da pesquisa-ação, que consiste em organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação da ação planejada. (THIOLLENT, 2002, p.14).

Essas características apontam para a natureza desta pesquisa, a qual constituiu-se como pesquisa-ação, cujo tipo é social, de base empírica. Portanto, a pesquisa não se reduziu a localização de um problema, sua descrição e análise. Numa pesquisa-ação, o pesquisador busca, além disso, transformar sua realidade, a partir do problema detectado. O professor-pesquisador tem a oportunidade de repensar suas práticas educacionais, planejando e alterando seus procedimentos metodológicos a partir da aplicação da pesquisa, num processo democrático, no qual os participantes participam do processo transformador, na qualidade de agentes desse processo.

#### **4.3 Local da pesquisa**

A escola onde a pesquisa foi aplicada pertence ao Sistema Municipal de Ensino do município de Bayeux-PB, periferia do município, e está localizada na zona metropolitana de João Pessoa. A escola funciona nos três turnos e atende 433 alunos,

matriculados no ensino fundamental (anos iniciais e finais) e na educação de jovens e adultos – EJA. (BRASIL/EDUCACENSO: 2015).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (2016), doravante PPP, a escola foi fundada em 1979, porém apenas em 1990 foi legalizada, através do projeto de Lei 30/90 de 29/11/1999, após a prefeitura municipal ter adquirido o atual prédio, onde a escola funciona. Passou a oferecer os anos finais do ensino fundamental no ano 2000.

A equipe gestora é composta por dois diretores, dois supervisores e uma secretária escolar. Tem prédio próprio, formado por dez salas de aula, além das salas de leitura, sala de recursos multifuncionais- SRMF e sala de informática, algumas funcionando precariamente, além das dependências administrativas, tais como: sala de direção, secretaria, cozinha, refeitório e banheiros para alunos e funcionários. A quadra de esporte é descoberta e serve para o lazer dos alunos e da comunidade em geral, conforme informações obtidas no PPP (2016).

O nível de aprendizagem da escola é considerado abaixo da média nacional, conforme dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB (BRASIL: IDEB-QEDU, 2015). No ano de 2015, a média alcançada pelos alunos da escola foi 3,9 nos anos iniciais e de apenas 2,6 nos anos finais do ensino fundamental, entretanto a meta a ser alcançada pela escola para os anos finais do ensino fundamental seria de 4,1. Conforme o PPP (2016), a equipe gestora e os docentes da escola reconhecem a necessidade de melhoria na qualidade de ensino e pleiteia oferecer um ensino de qualidade, buscando minimizar os problemas no processo de ensino-aprendizagem.

#### **4.4 Sujeitos da pesquisa**

A pesquisa foi realizada com 20 alunos, na faixa etária de 14 a 17 anos, que cursaram 9º ano do ensino fundamental. Boa parte dos alunos estudou na mesma escola desde o 1º ano, conforme informações colhidas na secretaria da escola.

Quanto à situação socioeconômica, os discentes são filhos de trabalhadores domésticos, do comércio, da construção civil, feira livre e da indústria, porém bom número dos pais são subempregados ou desempregados e recebem o auxílio do

governo federal, o Bolsa Família. São alunos oriundos de lares que têm como peculiaridade, serem, na maioria, chefiados por mulheres.

Conforme dados obtidos no PPP da escola (2015, p. 20/21), os maiores desafios da escola, que comprometem o processo de ensino-aprendizagem, são:

- ✓ A baixa autoestima por parte dos alunos que se acham incapazes de aprender;
  - ✓ A falta de atenção;
  - ✓ A efetiva interação por parte de todos os pais ou responsáveis com o compromisso da educação;
- (PPP, 2016: 20,21)

Apesar de não concordarmos com a generalização da situação dos alunos com relação à baixa autoestima, à falta de atenção às aulas e à indisciplina, consideramos que esses problemas afetam drasticamente a aprendizagem de alguns alunos, visto que eles vivem em um bairro com alta vulnerabilidade social, devido a diversos fatores, entre eles, a questão econômica e a violência, o que se reflete no comportamento e na aprendizagem desses aprendizes.

Na qualidade de professora e pesquisadora, podemos constatar que há dificuldades no processo de ensino-aprendizagem diante de diversos problemas, pelos quais passamos na escola, entretanto acreditamos que é possível desenvolver um bom trabalho, com motivação e novas metodologias que alcancem os jovens aprendizes. A indisciplina e a falta de interesse podem ser amenizadas, a partir de uma ação conjunta da equipe gestora e do corpo docente, como também de novas práticas pedagógicas.

Em nossa convivência diária com os alunos, percebemos que eles têm dificuldades de concentração e que se dispersam com facilidade. Alguns são indisciplinados. Acreditamos que esse comportamento se dá em parte, porque o ambiente de sala de aula não é atrativo, devido à infraestrutura precária e à falta de climatização adequada, o que não favorece a realização das atividades.

Em relação ao trabalho em sala de aula, eles se sentem motivados quando são propostas atividades que fogem da rotina escolar. Os alunos apresentam dificuldades com leitura e escrita, entretanto gostam de atividades com leitura de textos, tais como crônicas e contos, com temáticas que lhes agradem, desde que não se trabalhe atividades escritas de compreensão textual. Para produzir textos, além da

motivação para escrita, partindo de leitura de algum texto que tenha relação com a produção, eles só produzem se souberem que serão avaliados quantitativamente. Alguns apresentam problemas característicos de aprendizes que ainda estão em processo de alfabetização. Boa parte, não utilizam qualquer tipo de pontuação, não fazem a marcação do parágrafo ou empregam a acentuação gráfica.

#### **4.5 A delimitação do *corpus***

O *corpus* desta pesquisa foi constituído pelos textos dos alunos de uma turma do 9º ano do ensino fundamental. Foram produzidos 20 (vinte) textos na versão inicial e vinte textos na versão final. Todos os alunos da turma participaram da pesquisa.

Os critérios adotados para a seleção dos textos que compuseram o *corpus* desta pesquisa foi o seguinte: os alunos deveriam participar de todas as etapas da pesquisa, desde a apresentação da situação inicial à reescrita dos textos (produção final). Escolhemos dez textos, nas versões iniciais e finais, que atenderam a esse critério, dos quais cinco apresentassem um melhor desempenho e os demais que não evoluíram satisfatoriamente nas questões linguístico-discursivas. Os textos escolhidos representam os demais que não foram escolhidos para a análise.

Para seleção do *corpus* levamos em consideração alguns critérios, tais como:

- O consentimento do aluno para participar da pesquisa, bem como sua assinatura no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- A participação do aluno em todas as fases da pesquisa, ou seja, desde apresentação do projeto, desenvolvimento dos módulos de intervenção até a produção final.
- Que a produção textual do aluno estivesse condizente com as características do gênero solicitado pela pesquisadora, ou seja, que o aluno tenha produzido uma crônica, em conformidade com as instruções recebidas.

## **4.6 Aplicação do plano de ação**

A pesquisa foi fundamentada em conformidade com a metodologia da sequência didática produzida por Dolz, Schneuwly & Norrevaz (2011), a qual foi elaborada, levando em consideração as seguintes etapas de desenvolvimento: a apresentação da situação inicial, a produção inicial, os módulos e a produção final.

Para cada uma dessas referidas etapas, foram desenvolvidas atividades específicas e distintas, as quais foram planejadas sistematicamente, com o intuito de conduzir o aluno à produção do gênero crônica, portanto a pesquisa tinha como meta instrumentalizar os alunos para a produção do gênero em estudo, seguindo a proposta da SD de Dolz, Schneuwly & Norrevaz (2011).

Para tanto, o aluno foi estimulado e orientado a conhecer as características do gênero crônica, a familiarizar-se com o referido gênero através de uma série de leituras e atividades desenvolvidas nesse processo, visando à apropriação de conhecimentos linguísticos, das especificidades do gênero e do desenvolvimento da argumentatividade inerentes ao gênero em estudo, o qual permite ao aluno o desenvolvimento de sua criticidade e da percepção do mundo, visto que a crônica conduz o leitor/escritor a uma reflexão acerca do cotidiano e dos problemas sociais.

### **4.6.1 A situação inicial**

A situação inicial foi realizada em dez aulas, distribuídas da seguinte forma: aula 1- O primeiro contato com o gênero crônica; aula 2- O estudo de crônicas de estilos diferentes; aula 3- Os elementos estruturais do gênero crônica; aula 4: Estudos de textos sobre o tema escolhido para produção inicial.

#### **O primeiro contato com o gênero crônica (apêndice A- plano de aula 1)**

Para iniciar o plano de ação, realizamos o primeiro encontro em duas aulas sequenciadas. Primeiramente, partimos de uma conversa informal a respeito dos gêneros textuais e focamos especialmente no gênero crônica em conformidade com a proposta da SD de Dolz, Schneuwly & Norrevaz (2011), que orienta que os

aprendizes devem se apropriar das características do gênero antes de produzi-lo, para tanto essa fase denominada situação inicial é muito importante para o êxito da produção textual.

Na ocasião, distribuímos uma cópia da crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino (anexo D), em seguida, realizamos uma atividade de leitura participativa e de análise do texto. Após a leitura, iniciamos uma discussão acerca das características do gênero em estudo, dos suportes onde ele circula, do papel do cronista e de sua relação com o leitor.

Na sequência, procedemos com a interpretação escrita. Nessa atividade (apêndice A), exploramos as características do gênero em estudo, os elementos da narrativa, as manobras discursivas do cronista na condução da narrativa, sua estratégia para prender a atenção do leitor, bem como sua intenção em convencer o leitor a concordar com suas opiniões.

Após a familiarização com o gênero, aproveitamos este momento para lançar a proposta do projeto de intervenção, apresentando sua importância para o processo de ensino e aprendizagem da escrita. Elencamos as etapas pelas quais o projeto de intervenção passaria, com o intuito de esclarecer e motivar os aprendizes a participarem do projeto. Obtivemos o apoio de todos os alunos, os quais disponibilizaram-se a participar da proposta de intervenção.

Em suma, apresentamos a proposta de produção textual do gênero crônica. Combinamos com a turma que a escolha do tema aconteceria posteriormente e que a própria turma decidiria o tema no decorrer da aplicação da pesquisa.

### **O estudo de crônicas de estilos diferentes (Apêndice A: Plano de aula 2)**

Realizamos o segundo encontro, em duas aulas sequenciadas. Devido à complexidade das atividades, retomamos a conclusão das atividades no dia seguinte, ocupando mais duas aulas.

Iniciamos o encontro, procedendo com a leitura e o estudo dirigido (apêndice A), para a análise de duas crônicas de estilos diferentes: *A volta do filho pródigo*, de Moacyr Scliar, e *A notícia mais triste do Brasil nesta semana*, de Xico Sá (anexos E e F) as quais foram analisadas comparativamente.

Primeiramente, procedemos com a leitura da crônica *A volta do filho pródigo*, de Moacyr Scliar (anexo E). Discutimos sobre os elementos estruturais da crônica, mais uma vez enfatizamos sua função social, como também o meio de circulação e os suportes onde o referido gênero é comumente encontrado. Em seguida, realizamos a leitura da crônica de Xico Sá: *A notícia mais triste do Brasil nesta semana* (anexo F). Apesar de as duas crônicas partirem de uma notícia e circularem em suportes apropriados ao gênero (jornal físico e *site*), elas apresentam estruturas distintas. Para Costa (2009), o gênero crônica pode seguir a tipologia narrativa, dissertativa, entre outras; isso vai do objetivo do autor. A crônica, geralmente, segue a sequência narrativa, bem representada na crônica de Moacyr Scliar. Porém, na crônica de Xico Sá, ele parte da notícia para uma crítica contundente e bem-humorada ao fato, fazendo comentários que trazem ao texto outros fatos e outras personagens. O fato principal é sempre retomado e analisado pelo cronista que busca sensibilizar o leitor com suas opiniões. Conforme Pereira:

O cronista busca retirar de cada acontecimento uma dimensão lógica que possa explicar ao leitor que a crônica não é apenas fragmentos da realidade em forma de pequenas narrativas, mas um conjunto de acontecimentos muitas vezes só compreendidos quando se introduz elementos exterior ao fato. (PEREIRA, 2015, p.79)

Para classificar esse tipo de crônica, recorremos a opinião de dois especialistas: Cândido (1992) explica que esse tipo de crônica pode ser considerado como “Crônica Exposição Poética”, na qual o cronista divaga sobre um acontecimento ou sobre uma personalidade, tecendo uma série de associações; já Coutinho (2003) comenta que esse tipo de crônica pode ser conceituado como metafísica, que é a crônica, cujo autor apresenta reflexões filosóficas sobre acontecimentos ou pessoas.

Nossa intenção, no entanto, não foi discutir a respeito dessas classificações tipológicas da crônica. Essa foi uma informação para nossa compreensão. Apenas apresentamos aos alunos que havia outras possibilidades de sequências textuais para a escrita de uma crônica, mas frisamos que nos deteríamos na escrita de uma crônica tradicionalmente de sequência narrativa.

Após realizar essa leitura comparativa e debater sobre a estrutura de ambas as crônicas, os alunos foram orientados a realizar a interpretação dos textos por meio

de um estudo dirigido. Nessa atividade (apêndice A), além de solicitar que os alunos distinguíssem as tipologias de ambas as crônicas, trabalhamos os elementos da narração na crônica de Moacyr Scliar e alguns aspectos linguísticos em ambas as crônicas dentre os quais, a intertextualidade. Para Koch e Elias (2014), a intertextualidade é fator inerente a todo texto, pois a escrita implica na retomada, de forma explícita ou implícita, de outros textos, conforme o propósito comunicativo de quem escreve.

### **Os elementos estruturais do gênero crônica (Apêndice A: Plano de Aula 3)**

Na sequência da apresentação da situação inicial, no terceiro encontro, realizamos a leitura participativa, a análise linguística e a interpretação da crônica: *O assalto*, de Carlos Drummond de Andrade (Anexo G). Essa atividade foi realizada em duas aulas sequenciadas.

Na oportunidade, distribuímos cópias do texto e da atividade de interpretação (Apêndice A). Após realizar a leitura participativa com a turma, tecemos alguns comentários sobre o texto e estimulamos os alunos a expressar suas opiniões sobre a crônica em estudo. Em seguida, reapresentamos os elementos estruturais da crônica e os elementos da narrativa presentes no texto.

Sobre a narrativa, discorre Gancho a esse respeito:

Assim, a maioria das pessoas é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir; tais elementos de certa forma responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê? (GANCHO, 1991, p. 1).

Após discutir sobre os elementos fundamentais presentes em toda narrativa, enfatizamos também nesse encontro, particularmente, o registro do efêmero e dos fatos do cotidiano com o recurso do humor, características bem peculiares da crônica. Num segundo momento, os alunos realizaram a interpretação do texto, através de um estudo dirigido, em conformidade com o que foi estudado.

Concluído esse momento, discutimos com a turma sobre o tema a ser explorado na produção das crônicas. A turma decidiu escrever sobre o tema: “O uso abusivo do celular pelos adolescentes”.

#### **Estudos de textos sobre o tema escolhido para o desenvolvimento da produção inicial (Apêndice A: Plano de aula 4)**

Nesse encontro realizado em duas aulas sequenciadas, etapa final de preparação para a produção inicial, propusemos a apresentação do vídeo *Escravos da tecnologia*, de Steve Cutts (anexo J), seguida de uma discussão, e a leitura e análise de uma reportagem que contemplou o tema escolhido para produção das crônicas, a saber: *Uso excessivo de celular pode comprometer funcionalidade de neurônios*, de Paloma Oliveto (anexo H). Apresentamos a reportagem no Datashow e realizamos uma leitura participativa.

Em seguida, entregamos aos alunos cópias do texto e da atividade a ser realizada. Orientamos os alunos a extraírem do texto os pontos positivos e os pontos negativos do uso do celular e a registrarem por escrito. Na continuidade, realizamos um debate acerca dos pontos positivos e negativos do uso do referido dispositivo eletrônico e de quando esse uso deve ser considerado abusivo.

Concluída essa fase, marcamos o próximo encontro para produção da primeira versão das crônicas com o tema: “O uso abusivo do celular pelos adolescentes”.

#### **4.6.2 A Produção inicial**

Após o período de reconhecimento das características do gênero crônica e da apropriação do conhecimento acerca do tema a ser explorado, realizado durante as aulas do período denominado situação inicial, os alunos foram orientados a escrever a produção inicial, levando em consideração as instruções recebidas nas aulas anteriores. Essa atividade foi realizada em duas aulas sequenciadas.

Essa foi considerada a primeira tentativa de produção do gênero em questão, conforme as orientações de Dolz, Schneuwly, & Norrevaz (2011). A produção inicial

foi analisada a partir dos critérios adotados por Bakhtin (2010) para caracterizar os gêneros, levando em consideração os seguintes aspectos: a funcionalidade do gênero, o conteúdo temático, o estilo linguístico ou verbal e a estrutura composicional. Além desses aspectos, estabelecemos como foco e critério de análise os fenômenos e manobras argumentativas próprias do gênero crônica.

#### **4.6.3 Elaboração e aplicação dos módulos de intervenção**

Detectados os problemas contidos na produção inicial dos discentes, passamos a elaborar os módulos de intervenção propriamente dita, num total de cinco, os quais foram preparados a partir da observação das dificuldades dos alunos, quanto ao nível de linguagem, às características do referido gênero e à habilidade de criar estratégias de argumentação.

A partir dessas observações, os alunos passaram a receber sistematicamente as devidas orientações mediante as dificuldades que foram evidenciadas na versão inicial de suas produções. Cada módulo foi construído para tratar de um problema específico ou de um grupo de problemas específicos que estiveram diretamente relacionados à funcionalidade, ao conteúdo, à linguagem e à estrutura composicional referentes ao gênero em estudo.

Foram aplicadas atividades de natureza variada, tal como propostas pelos autores da SD: atividades de leitura, análise e comparação de textos. Aplicamos também diferentes atividades de refacção e reescrita para orientar os alunos a escrever a versão final de suas produções.

#### **Módulo 1: Os elementos e a estrutura da narrativa presentes numa crônica**

##### **(Apêndice B: Plano de aula 6)**

Devido ao fato de alguns alunos não terem empregado a tipologia narrativa em seus textos, e de outros apresentarem dificuldade em utilizar alguns elementos da narrativa e/ou a dar progressão a essa narrativa, destinamos esse módulo a explorar novamente esses elementos estruturais para aprofundar o conhecimento dos aprendizes. Nesse encontro, utilizamos duas aulas sequenciadas.

Primeiramente, discutimos sobre as produções que apresentaram o tema proposto, entretanto fugiram da tipologia narrativa. Por essa razão, explicamos aos alunos que iríamos analisar uma crônica para abordar esse assunto.

Para tanto, distribuímos cópias da crônica *O melhor amigo* de Fernando Sabino. Em seguida, procedemos com a leitura participativa do texto e iniciamos uma exposição sobre os elementos da narrativa (enredo, narrador, personagens, tempo e espaço). Na continuidade, os alunos realizaram a interpretação escrita do texto com o objetivo de localizar, na crônica em estudo, os elementos da narrativa.

Após a correção coletiva, encerramos o primeiro módulo.

### **Módulo 2: Os aspectos particulares da narrativa: construção do enredo e das marcas argumentativas presentes em uma crônica** (Apêndice C: Plano de aula 7)

Esse módulo foi aplicado em duas aulas sequenciadas. Retomamos a leitura da crônica *O melhor amigo*, de Fernando Sabino, e realizamos também a leitura de uma crônica de um aluno da turma, sem identificação de autoria.

Iniciamos a aula da seguinte forma: distribuímos cópias desses textos e, na sequência, procedemos com leitura de ambas as crônicas. Após uma discussão sobre os textos a respeito da sequência narrativa e dos elementos da narração, distribuímos uma atividade escrita, na qual os alunos deveriam elencar a continuidade e a progressão discursivas de ambas as crônicas. Os alunos realizaram essa atividade, buscando nos textos os elementos da narrativa e, em particular, a formação do enredo. Conforme Gancho (2002), o enredo constitui a trama, isto é, o esqueleto da narrativa. Sua estrutura, baseada num conflito, constitui-se em: introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Essa atividade apresentou ambos os textos divididos em vários tópicos, com linguagem parafraseada, para que os aprendizes ordenassem a sucessão dos fatos e recompusessem a narrativa de cada texto. Exploramos também as manobras argumentativas para formação do enredo, em ambas as crônicas.

O objetivo dessa atividade foi levar os discentes a compreenderem como se estrutura o enredo. Segundo Cavalcante (2013), numa sequência narrativa, o objetivo maior é prender a atenção do leitor/ouvinte ao que se conta. Nesse processo, a narrativa passa geralmente por sete fases: situação inicial, complicação, resolução,

situação final, avaliação, moral, as quais se adequam à cada gênero narrativo e constituem a formação do enredo. Procuramos apresentar aos alunos as sequências das ações das personagens para formação do enredo.

A análise de ambos os textos serviu para orientar os alunos a melhorar os seus próprios textos, pois eles apresentaram uma melhor compreensão sobre os aspectos da construção do enredo.

**Módulo 3: Aspectos linguísticos e a construção da argumentatividade:  
elementos de coesão, marcação temporal e continuidade discursiva presentes  
numa crônica (Apêndice D – Plano de aula 8)**

Na continuidade ao processo de intervenção, exploramos nesse módulo a leitura e a análise da crônica: *Aprenda a chamar a polícia* de Luís Fernando Veríssimo. Esse encontro foi realizado em duas aulas sequenciadas.

Após a distribuição de cópias do texto, promovemos uma discussão acerca dos elementos de coesão, da marcação temporal e da continuidade discursiva presentes na crônica. Em seguida, partimos para uma leitura participativa e para uma exposição oral acerca da importância dos elementos de coesão e dos marcadores temporais para a progressão do texto.

Conforme Cavalcante (2013), a análise de um texto, sob o ponto de vista da coerência textual, deve se dar de acordo com a situação comunicativa:

Portanto, um texto será bem compreendido quando avaliado sob o ponto de vista pragmático, que tem a ver com a situação comunicativa; sob o ponto de vista semântico-conceitual, que diz respeito à sua coerência; e sob o aspecto formal, que concerne à sua coesão. (CAVALCANTE, 2013, p. 30)

Segundo a autora, ao escrever qualquer texto, o escritor pretende se fazer entendido, isso implica em coerência textual; para que haja a coerência, tanto a coesão como outros fatores corroboram para que haja a compreensão do texto.

Na sequência, realizamos uma atividade escrita, na qual analisamos, além da crônica em estudo, diversos trechos das crônicas produzidas pelos próprios alunos para identificar nessas os problemas de coesão textual e a falta de elementos que indicassem a marcação temporal, os quais facilitam a continuidade discursiva.

Os alunos reescreveram os trechos que necessitavam de ajustes, analisando minuciosamente as possibilidades de reescrita. Posteriormente, realizamos a correção de forma coletiva para dirimir as dúvidas dos alunos.

#### **Módulo 4- Os verbos *discendi* e o discurso relatado**

(Apêndice E: Plano de aula 9)

Uma das maiores dificuldades dos alunos em suas produções foi elaborar o discurso citado. Como diferenciar o registro do discurso do narrador do discurso das personagens. Detectada essa dificuldade, elaboramos o módulo para trabalhar esse aspecto linguístico em duas aulas sequenciadas.

Primeiramente, partimos com a distribuição de cópias do texto. Em seguida, iniciamos a leitura e a análise da crônica *Pneu furado*, de Luís Fernando Veríssimo. Expusemos especificamente como o autor elabora o discurso relatado, com ênfase no emprego pontuação adequada ao registro do discurso direto. Comentamos ainda que a escolha do discurso relatado constitui também o estilo do autor e sua intencionalidade discursiva. Segundo Bakhtin:

O discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado. Por isso transposição literal, palavra por palavra, da enunciação construída segundo um outro esquema só é possível nos casos em que a enunciação direta já se apresenta na origem como uma forma algo analítica – isso, naturalmente, dentro dos limites das possibilidades analíticas do discurso direto. A análise é a alma do discurso indireto (BAKHTIN, 2006, p.162).

Para o autor, a escolha do discurso direto ou do discurso indireto está carregada de intencionalidade. Por esse motivo, exploramos o assunto com os alunos, expondo-lhes que a escolha do discurso relatado é um dos recursos que imprime no texto a argumentatividade desejada pelo autor.

Focalizamos também na escolha dos verbos *discendi* e de como essa escolha é importante, visto que esses verbos se constituem em elementos argumentativos por conseguirem expressar, nas entrelinhas, os sentimentos e as características das

personagens. Explicamos ainda que eles são escolhidos intencionalmente pelo cronista.

Conforme Travaglia, os verbos *discendi* podem desempenhar diversos papéis e funções num texto, de acordo com a intencionalidade do autor, para o linguista, os verbos *discendi* podem:

a) Introduzir falas, permitindo que se descrevam entonações, tons, altura de voz etc., da fala, que não podem ser reproduzidos na língua escrita (sussurrar; sibilar; gritar; pedir num gemido; chamar desesperado, feliz, ansioso, calmamente etc.); b) dizer o tipo de fala que se produz (perguntar, responder, redargüir etc.); c) instituir perspectivas em que se deve tomar a fala (segredar, instilar, acalmar etc.) (TRAVLAGLIA, 2007, p. 164).

Para Travaglia, os verbos *discendi* permitem que sejam expressos diferentes efeitos de sentidos com relação ao próprio discurso relatado. A escolha desses verbos é mais uma manobra argumentativa que permite ao locutor imprimir suas opiniões e impressões sobre o tema abordado no texto. Trabalhamos minuciosamente esse assunto durante a aplicação do módulo 4 com a leitura da crônica *Pneu Furado*, de Luís Fernando Veríssimo, para conscientizar o aluno da importância do uso desses verbos.

Após analisar o referido texto, partimos para análise de algumas crônicas dos alunos, com intuito de detectar problemas com o registro do discurso relatado e com a ausência da pontuação adequada.

Em seguida, realizamos uma atividade escrita com trechos da crônica de Veríssimo e com trechos de algumas crônicas produzidas pelos próprios alunos. A atividade consistiu em reescrever alguns trechos da crônica de Veríssimo, passando do discurso direto para o discurso indireto ou vice-versa e, em seguida, reescrever alguns trechos das crônicas produzidas pelos próprios alunos, reelaborando o discurso direto, a partir do emprego da pontuação adequada, da modificação ou acréscimo dos verbos *discendi* na introdução das falas das personagens.

Foi aplicada, em sequência, uma atividade para melhorar a coesão textual, suprimindo repetições, reestruturando frases, acrescentando marcadores temporais. Também exploramos nessa atividade o discurso relatado e a reescrita de trechos dos

textos dos próprios alunos para ajustar o registro do discurso relatado, utilizando a pontuação e os verbos *discendi* adequadamente.

### **MÓDULO 5: Estilo linguístico e norma culta (Apêndice F: Plano de aula 10)**

Após trabalhar os aspectos estruturais do gênero, os aspectos discursivos e argumentativos nos módulos anteriores, concentramos nosso foco neste módulo nos aspectos estilísticos e no uso da norma culta, visto que as produções apresentaram dificuldades com relação ao desvio ortográfico, à ausência de pontuação, à estruturação dos parágrafos e às concordâncias verbal e nominal.

Como desvios mais comuns, evidenciamos o uso do advérbio ‘mais’ em lugar da conjunção, ‘mas’ e vice-versa. O uso equivocado dos porquês, a ausência da letra r no final dos verbos no infinitivo, a dificuldade do registro do fonema /s/, alguns casos de falta de concordância verbal e/ou nominal.

Conforme Koch e Elias (2014), o conhecimento linguístico é muito importante e é adquirido em diversas práticas comunicativas e sistematicamente na escola. A revisão dos textos é uma fase essencial, pois vai garantir a aquisição de diversos conhecimentos pois “ escrever é uma atividade que exige do escritor **conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico da língua,** ” (KOCH e ELIAS, 2014, p.37-grifos das autoras). Realizamos esse encontro em duas aulas sequenciadas. De início, distribuímos uma atividade com transcrições de trechos de diversas crônicas dos alunos para que eles, oralmente, apontassem as inadequações e as corrigissem, posteriormente, por escrito.

Nessa atividade, foi possível analisar diversos trechos das produções textuais dos aprendizes e resolver problemas de organização de parágrafos, de estruturação de frases, de colocação da pontuação, de correção ortográfica, além dos ajustes de concordância verbal e nominal, em participação conjunta com a turma. Alguns desvios já haviam sido percebidos pelos alunos e corrigidos durante as atividades anteriores.

Ao término da atividade, marcamos a reescrita da crônica para o próximo encontro.

#### **4.7 A produção final**

Neste encontro, distribuímos individualmente a atividade de reescrita da crônica, acompanhada da produção inicial e de um texto com orientações para reescrita, destacando os pontos que necessitavam de ajustes, além das atividades realizadas nos cinco módulos aplicados, as quais recolhêramos no final de cada aula.

Orientamos os alunos a lerem seus textos e as orientações para reescrita antes de iniciar a reescrita do texto. Dependendo da orientação explicitada no texto, sugerimos a consulta prévia da atividade correspondente realizada nos módulos para que se evitasse a repetição do problema.

Em outro momento, a produção final foi avaliada conforme os mesmos parâmetros utilizados para a avaliação inicial, cujo objetivo foi constatar se as características do gênero em estudo foram empregadas. Foi observado de igual modo se os alunos conseguiram desenvolver estratégias de argumentação, necessárias ao gênero crônica.

Fizemos o contraponto para verificar o nível de aprimoramento entre a primeira e a última produção textual para constatar se houve aprendizagem por meio da aplicação das SD. A análise das crônicas produzidas pelos aprendizes será apresentada no próximo capítulo.

## V ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A PRODUÇÃO INICIAL E A PRODUÇÃO FINAL

*Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas. Essa afirmação fica quase óbvia se pensarmos em como uma criança aprende a falar com os adultos com quem convive e com seus colegas de brinquedo e interação em geral. O domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas. (POSSENTI, 2001, p. 36)*

O presente capítulo tem a finalidade de analisar comparativamente a produção inicial e a produção final dos discentes, traçando um confronto entre ambas para constatar se a proposta de intervenção com a SD contribuiu para o aprimoramento dos problemas detectados na produção inicial.

Em conformidade com a proposta da SD de Dolz, Schneuwly & Norrevaz (2011), a produção final foi realizada após a aplicação de cinco módulos, os quais foram sistematicamente elaborados e aplicados após a análise da primeira versão dos textos dos discentes. O principal intuito dos módulos foi resolver ou minimizar os problemas linguísticos e discursivos presentes nessas produções. Durante o processo de intervenção, os alunos foram motivados e orientados a realizar atividades de leitura de textos, análise linguístico-discursiva e reescrita de trechos dos seus próprios textos, nos quais haviam problemas e, conseqüentemente, necessidade de refacção para, em seguida, proceder com a escrita da produção final.

Durante o percurso da intervenção com a SD, buscamos conduzir os alunos a refletir sobre seus próprios textos, principalmente sobre os problemas mais significativos e contumazes presentes neles. Esse processo permitiu o desenvolvimento de uma consciência linguística e de construção do conhecimento. Nele, o aluno não apenas escreveu o próprio texto, mas também o analisou, o explorou e, assim, ampliou seus conhecimentos linguístico-discursivos.

Em contrapartida, na qualidade de professora de língua materna, nossa prática pedagógica foi enriquecida com essa experiência, pois colocou-nos no patamar de professora mediadora e também produtora de conhecimentos, visto que no processo de avaliação que realizamos desde a fase da situação inicial da SD até a proposta de reescrita da produção final, percebemos que na relação professor/ aluno e no processo de ensino e aprendizagem o conhecimento foi produzido. Os discentes

se envolveram na análise de seus próprios textos como produtores ativos e conscientes de que o texto não é um produto pronto e acabado, mas passível de alterações para se obter uma melhor expressividade.

Os resultados obtidos mediante a intervenção serão apresentados no decorrer deste capítulo. Para proceder com a análise comparativa das produções textuais, selecionamos 10, dentre as 20 produções textuais produzidas pelos discentes nas versões iniciais e finais que haviam participado de todas as etapas da SD, conforme expusemos no capítulo anterior. Para manter o anonimato dos participantes, empregamos uma legenda a saber: para produção inicial – PI e para produção final – PF. Identificamos numericamente esses textos de 1 a dez 10 precedidos das siglas PI e PF, dessa feita, os textos PI1 e PF1 pertencem ao mesmo autor e, assim, sucessivamente. Para efetuar a análise comparativa, procedemos com a transcrição das dez produções textuais nas versões iniciais e finais, as quais foram utilizadas de forma parcial no decorrer dessa análise.

Constatamos que a versão final das produções textuais apresentaram outros problemas linguísticos que não evidenciáramos na análise das produções textuais na versão inicial; no entanto, detivemo-nos naqueles problemas encontrados durante a análise dessas primeiras versões, visto que foram esses problemas que conduziram a elaboração dos módulos para o estudo sistemático desses problemas.

### **5.1 As características do gênero - estrutura, elementos da narrativa, construção do enredo**

Podemos afirmar que as produções textuais dos alunos na versão final apresentaram significativas mudanças, quanto à estrutura, no que diz respeito aos elementos da narrativa e à construção do enredo, visto que alguns alunos ao produzirem a primeira versão dos textos, mantiveram o tema: Uso abusivo do celular pelos adolescentes, entretanto fugiram da proposta original do gênero, que seria produzir uma crônica. Outros alunos seguiram a sequência narrativa mesclada com a expositiva, enquanto alguns tiveram dificuldade no desenvolvimento do enredo.

No quadro 4, apresentamos o primeiro parágrafo das produções nas versões iniciais e finais. Estabeleceremos o contraponto para verificar quais textos seguiram a

sequência narrativa na versão inicial e se conseguiram ajustar a sequência na versão final. Analisamos ainda se os textos que optaram pela sequência narrativa, conseguiram apresentar a primeira parte do enredo (a apresentação ou introdução) de forma clara e objetiva.

**Quadro 4: Introdução das crônicas**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI1</b>  | As pessoas ultimamente estão querendo mostrar falsas aparências pelo celular por que querem ser curtidas querem mostrar uma falsa perfeição aquela que não existe.                                                                                                                                                                                            | <b>PF1</b> | Minha Colega deixou de usar redes sociais por conta que vasou uma foto dela. E essa pessoa que a pediu a foto ele postou em várias redes sociais daí as pessoas começaram a falar mal dela e xingá-la.                                                                                                             |
| <b>PI 2</b> | No dia 10 de setembro ele veio para a escola é ficou muito triste pois estava quase todo, mexendo no celular, aí um falou:                                                                                                                                                                                                                                    | <b>PF2</b> | Um dia desses ele veio pra escola e ficou muito triste, pois estavam quase todos mexendo no celular. Aí alguém falou:                                                                                                                                                                                              |
| <b>PI3</b>  | A menina que usa muito o celular que a mãe dela ficava com medo por que ela não queria ir pra escola não saia do quarto para comer, brinca, fala com a mãe o que estava acontecendo                                                                                                                                                                           | <b>PF3</b> | A menina que usavam muito o celular.<br>A mãe dela ficavam triste por que ela não ir para escola.<br>Não saia do quarto para comer e brinca e não queria falar com a mãe, perguntou ao médico o que estava acontecendo                                                                                             |
| <b>PI4</b>  | O celular nunca era pra inventa neste mundo os jovens morre por besteira pelo que as pessoas fala vi ver uma falsa aparencias na rede social as pessoas de hoje só se fala pelo celular nunca sair para ver a paisagem e viver o mundo o mundo real ter mais amor nas pessoas que vocês fala mal fique feliz com a sua aparência nunca ouvir as pessoas fala. | <b>PF4</b> | Era uma vez um garoto que era viciado no celular e que não gostava de ficar sem ele esse garoto até parou de ir para escola. Tiver um dia que a mãe dele ficou com muita raiva e vendeu o celular do garoto aí. Ele saiu de casa e fala pra mãe, que vai embora de casa o garoto não ligou pra quem mãe dele falou |
| <b>PI5</b>  | Um dia eu e meus amigos saímos para tomar banho de piscina.                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <b>PF5</b> | Eu e outros amigos estava na sala jogando no celular.                                                                                                                                                                                                                                                              |

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI6</b>  | O uso abusivo dos celulares e muito permanente na vida de todos os jovens no Brasil. Segundo estudos são os usuário que passam mais tempo mexendo nos celulares é não presta atenção nas ruas, em casa, etc                                                                                                                                          | <b>PF6</b>  | Certo dia, uma amiga minha chamada Karol, só vivia no celular, na Escola, no trabalho, até nas ruas, não largava o celular, pra nada nem pra tomar banho                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>PI7</b>  | Os aparelhos celulares hoje em dia se transformaram em uma ferramenta que fornece satisfação para os adolescentes, as pessoas estão cada vez mais ligados nos smartphones, as pessoas estão cada vez mais distantes uma das outras, o abuso executivo do celular está isolando as pessoas é isso vem causando consequências para a saúde das pessoas | <b>PF7</b>  | Os aparelhos celulares hoje em dia se transformaram em uma ferramenta que fornece satisfação para os adolescentes.<br>Um certo dia, eu estava ajudando a minha mãe a arrumar a casa, pois iríamos nos mudar, infelizmente eu e ela discutimos, pois eu só fazia as coisas com o celular na mão, minha mãe ficou muito preocupada comigo, então resolveu me chamar para conversar. |
| <b>PI8</b>  | O uso abusivo do celular Pelos jovens e adolescentes Pode causar varios Pontos negativos os adolescentes Podem se suicidar Por vaziar fotos nuas elas ficam deprimidas e acabam Pulando de cima de um Predio o uso abusivo do celular causa vários doenças como depressão, ansiedade, insônia e impulsividade                                        | <b>PF8</b>  | Certo dia, eu fui na casa do meu amigo, ele estava mexendo no celular                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>PI9</b>  | Em um dia fui visitar uma amiga e acabei passando o dia inteiro com ela. percebi muitas coisas estranhas dentro da quela casa. Assim que cheguei lá percebi que A casa estava Completamente bagunçada, a menina estava mexendo no celular.                                                                                                           | <b>PF9</b>  | Um dia fui visitar uma amiga e acabei passando o dia todo com ela, percebi que ali avia algo de errado dentro daquela casa e vi que a casa estava completamente bagunçada e minha amiga sem preocupação alguma, mexendo no celular.                                                                                                                                               |
| <b>PI10</b> | Uma certa vez tinha uma amiga que era muito viciada em celular que ela so comia com o celular na mão pra todo canto era com o celular                                                                                                                                                                                                                | <b>PF10</b> | Uma certa, vez tinha uma amiga que era muito viciada em celular. Que ela só era com o celular na mão, comia com o celular para todo canto era com o celular mexendo, não queria que ninguém pegasse.                                                                                                                                                                              |

| TEXTO | PRODUÇÃO INICIAL                       | TEXTO | PRODUÇÃO FINAL |
|-------|----------------------------------------|-------|----------------|
| PI10  | mexendo não queria que ninguém pegasse | PF10  |                |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019).

Constatamos, a partir da análise da introdução das crônicas, que boa parte dos discentes produziram as versões iniciais de suas crônicas, fugindo da sequência narrativa e optando pela expositiva, o que descaracterizou o gênero, aproximando-o de um artigo de opinião. Observamos, nessa amostra (especificamente nas PI1, PI4, PI6, PI7, PI8) que os discentes foram bastantes influenciados pela reportagem sobre o tema proposto para produção da crônica: *Uso excessivo de celular pode comprometer funcionalidade de neurônios*, de Paloma Oliveto (anexo H), última leitura realizada antes da produção inicial, e seguiram a mesma sequência do referido gênero.

Para solucionar esse problema, partimos para estudo das características do gênero crônica, da estrutura e dos elementos da narrativa, com a análise de crônicas, nas quais exploramos esses conteúdos. Segundo GANCHO (2002), toda narrativa apresenta cinco elementos. As personagens vivem o desenrolar dos fatos (enredo), em determinado tempo e lugar, conduzidos pela figura do narrador. Já o enredo, é a parte que apresenta o desencadeamento dos fatos, é a trama ou intriga e é composto por começo meio e fim.

Conforme Garcia (2003), o enredo é composto progressivamente por três ou quatro estágios. O primeiro é a exposição ou apresentação, na qual o narrador introduz algumas circunstâncias da história narrada, situando o fato no tempo e lugar em que ele acontece, estágio em que se dá a apresentação/introdução de alguma (s) personagem (ns). O segundo estágio é denominado de complicação, momento em que se inicia o conflito, o qual é seguido pelo clímax (fase de maior tensão/ ápice da história), estágio que é definido por Garcia (2003) como fator progressivo da narração. Por último, o quarto estágio, que é o desfecho/desenlace, fase em que se dá a solução do conflito.

Para Gancho (2003), o enredo é formado tradicionalmente pela apresentação ou introdução, o desenvolvimento ou complicação, o clímax (momento de tensão) e o desfecho ou conclusão.

Conforme apresentado no quadro 4, evidenciamos que, a partir da intervenção com os módulos 1 e 2, quase todos os alunos conseguiram produzir a segunda versão de seus textos em sequência narrativa, com exceção do aluno da PI7 que iniciou sua produção inicial com um longo parágrafo expositivo e, na segunda versão, por sua vez, apenas reduziu o primeiro parágrafo, escrito em sequência expositiva, antes de desenvolver a narrativa.

Os alunos que optaram desde a primeira versão pela sequência narrativa a saber: PI2, PI3, PI5, PI9 e PI10 mantiveram a sequência, embora tenham feito algumas alterações, as quais, na continuação, apresentaremos as análises individualmente. Dessa feita, orientamos aos alunos a iniciar o texto, apresentando as personagens e a situação inicial do fato a ser narrado para situar o leitor no tempo e no espaço em que a narrativa iria acontecer.

É possível observar, no quadro 4, que no primeiro parágrafo das produções iniciais, em que prevaleceu a sequência narrativa (PI2, PI3, PI5, PI9 e PI10), os alunos conseguiram apresentar as personagens, os marcadores temporais e espaciais, com exceção da PI3, visto que o discente não informou, no primeiro parágrafo, o lugar onde os fatos se desenrolaram nem utilizou um marcador temporal.

Analisando comparativamente a PI2 e a PF2, observamos que, no primeiro parágrafo da PI1, o discente apresentou a personagem principal (ele) e utilizou como marcador temporal uma data: “ **No dia 10 de setembro** ele veio para a escola e ficou muito triste pois estava quase todo, mexendo no celular[...]”, na reescrita o aluno substituiu a data específica por um marcador temporal indefinido: “**Um dia desses** ele veio pra escola e ficou muito triste, pois estavam quase todos mexendo no celular”.

Nas PI3 e PF3, conforme mencionamos anteriormente, o discente não apresentou, em ambas, o marcador temporal. O parágrafo inicial é mais extenso e já deu início ao desenvolvimento da trama: “ A menina que usa muito o celular que a mãe dela ficava com medo por que ela não queria ir pra escola não saia do quarto para come, brinca, fala com a mãe o que estava acontecendo”; no entanto, na PF3, ele reorganiza o parágrafo inicial, deixando nesse parágrafo apenas a apresentação das personagens e o início do conflito: “A menina que usavam muito o celular. A mãe dela ficavam triste por que ela não ir para escola”.

Quanto à PI5 e à PF5, constatamos que o aluno, conforme demonstração no quadro 4, empregou em ambas as versões a sequência narrativa, entretanto sua

produção inicial fugiu do tema proposto: “ Um dia eu e meus amigos saímos para tomar banho de piscina. ”. Após as recomendações que fizemos através de um bilhete orientador (apêndice G) para que introduzisse como tema em sua narrativa o uso abusivo do celular, o problema foi sanado. No primeiro parágrafo da PF5, além do tema proposto, o discente introduziu as personagens e o espaço onde os fatos seriam narrados: “Eu e outros amigos estava na sala jogando no celular”.

Quanto à PI9 e à PF9, podemos constatar no quadro 4 que, tanto na PI9 como na PF9, o aluno conseguiu situar o leitor, apresentando no primeiro parágrafo: as personagens (a narradora-personagem e a amiga), o tempo (através do marcador temporal “ um dia”) e o espaço (a casa da amiga) onde os fatos se desenrolaram, além de introduzir a complicação ou conflito, através da expressão: ” percebi que avia ali algo errado”. Como consequência, a amiga, cuja casa estava “bagunçada”, encontrava-se concentrada nas redes sociais.

É interessante que, na PF9, o discente substituiu a expressão 'coisas estranhas' por 'algo errado' para condenar a atitude da amiga e acrescentou também a expressão 'minha amiga sem preocupação nenhuma', para demonstrar a situação psicológica da personagem que apresentava total desinteresse com a situação do ambiente em sua volta, o que tornou a apresentação do conflito mais tenso, prometendo um embate entre as personagens. Assim, o autor do texto construiu um narrador que se posicionou sobre os fatos, expressando sua opinião.

Já a PI10 e a PF10 apresentaram poucas alterações, conforme demonstração no quadro 4. O discente apresenta em ambas as versões um marcador temporal: “Uma certa vez”, a personagem principal: “uma amiga que era muito viciada em celular” e já a introdução do conflito: “Que ela só era com o celular na mão, comia com o celular para todo canto era com o celular mexendo”.

Quanto aos aprendizes que não conseguiram empregar a sequência narrativa ou a empregaram de forma parcial, na versão inicial de suas produções, mesclando-a com a sequência expositiva, a saber: PI1, PI4, PI6, PI7 e PI8, ao reescreverem seus textos, lograram êxito; pois conseguiram empregar totalmente a sequência narrativa e apresentaram, no parágrafo inicial, as personagens, a expressão de temporalidade e o espaço (local onde os fatos se desenrolam), conforme demonstração no quadro 4.

Na PI1, o aluno usou a sequência expositiva nos parágrafos iniciais do seu texto. O primeiro parágrafo foi construído assim: “as pessoas ultimamente estão querendo mostrar falsas aparências pelo celular por que querem ser curtidas querem mostrar uma falsa perfeição aquela que não existe.” Após a aplicação dos módulos 1 e 2 (apêndice B e C) e das recomendações por escrito para reescrita do texto (apêndice G), o discente conseguiu construir o texto em sequência narrativa integralmente, a partir do primeiro parágrafo: “Minha Colega deixou de usar redes sociais por conta que vasou uma foto dela. E essa pessoa que a pediu a foto ele postou em várias redes sociais daí as pessoas começaram a falar mal dela e xingá-la”.

Podemos perceber que já no primeiro parágrafo, o discente apresentou na PF1 a personagem principal, o espaço onde aconteceram os fatos, que é o espaço digital (redes sociais), e o conflito.

Quanto à PI4, que havia sido elaborada totalmente em sequência expositiva, comparando-a à PF4, constatamos que o aprendiz a elaborou em sequência narrativa, desenvolveu toda narrativa, sucintamente, num único parágrafo, conforme apresentamos no quadro1.

A PI6 teve o parágrafo inicial escrito em sequência expositiva, conforme demonstração no quadro 4: “ O uso abusivo dos celulares e muito permanente na vida de todos os jovens no Brasil. Segundo estudos são os usuários que passam mais tempo mexendo nos celulares é não presta atenção nas ruas, em casa, etc.”. Já a PF6 foi elaborada totalmente em sequência narrativa, conforme transcrição do primeiro parágrafo da PF6: “Certo dia, uma amiga minha chamada Karol, só vivia no celular, na Escola, no trabalho, até nas ruas, não largava o celular, pra nada nem pra tomar banho”. O discente apresenta no primeiro parágrafo a personagem central (“Karol”), o marcador temporal (“certo dia”) e o espaço onde o fato se desenrolaria.

Constatamos que, na PF7, o primeiro parágrafo foi mantido em sequência expositiva. O discente apenas resumiu o primeiro parágrafo que era extenso, conforme transcrição no quadro 4. Na segunda versão, o primeiro parágrafo foi estruturado assim: “Os aparelhos celulares hoje em dia se transformaram em uma ferramenta que fornece satisfação para os adolescentes”. A partir do segundo parágrafo, o aluno iniciou a narrativa, apresentando as personagens, o marcador temporal e o início do conflito, conforme transcrição a seguir: “ Um certo dia, eu estava

ajudando a minha mãe a arrumar a casa, pois iríamos nos mudar, infelizmente eu e ela discutimos, pois eu só fazia as coisas com o celular na mão, minha mãe ficou muito preocupada comigo, então resolveu me chamar para conversar”.

Finalmente a PI8 foi construída integralmente em sequência expositiva, já a versão final foi reescrita em sequência narrativa. O primeiro parágrafo da PI8 foi produzido desta forma: “O uso abusivo do celular Pelos jovens e adolescentes Pode causar varios Pontos negativos os adolescentes Podem se suicidar Por vaziar fotos nuas elas ficam deprimidas e acabam Pulando de cima de um Predio o uso abusivo do celular causa várias doenças como depressão, ansiedade, insônia e impulsividade”. Já a PF8 foi totalmente produzida em sequência narrativa, dividida em diversos parágrafos, visto que o aluno desenvolveu um diálogo para dar continuidade discursiva ao seu texto. No primeiro parágrafo: “Certo dia, eu fui na casa do meu amigo, ele estava mexendo no celular”, o aluno conseguiu apresentar o marcador temporal (certo dia), a personagem principal (o amigo) e o espaço (casa do amigo).

Consideramos que obtivemos êxito quanto à exploração da estrutura do gênero e dos elementos da narrativa nos módulos 1 e 2 (apêndice B e C respectivamente), haja vista que boa parte dos discentes conseguiu imprimir em seus textos esses elementos, garantindo as características essenciais do gênero crônica: uma narrativa em que se aborda um assunto do cotidiano, na qual os elementos estruturantes devam ser apresentados sucintamente por se tratar de uma narrativa curta.

### **5.1.1 Desenvolvimento do enredo: conflito e clímax**

No quadro 5, a seguir, transcrevemos trechos das crônicas referentes ao desenvolvimento, ou seja, a parte em que se deu a complicação dos fatos (conflito) até a progressão para o clímax.

Segundo Gancho (2002), o desenvolvimento da narrativa é a parte do enredo onde se desenvolve o conflito. Já o clímax, é o ponto máximo que o conflito atinge, o qual serve de referência para as outras partes do enredo.

Nesta análise comparativa, observamos se os alunos conseguiram desenvolver essa etapa de suas narrativas.

**QUADRO 5: Desenvolvimento do enredo das crônicas**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI1</b>  | Minha colega deixou de usar redes Sociais por conta que vasou uma foto dela e essa pessoa que a pediu a foto posto em várias redes daí as pessoas começaram a zombar dela falar dela e chingar então ela começa, a ficar em depressão, insônia a não querer mais comer não tinha vontade de fazer mais nada até uma dia ela chegar a uma conclusão que não queria mais saber de nada que iria aguentar todos e foi para a escola                                                                                                                                                           | <b>PF1</b> | Minha Colega deixou de usar redes sociais por conta que vasou uma foto dela. E essa pessoa que a pediu a foto ele postou em várias redes sociais daí as pessoas começaram a falar mal dela e xingá-la.<br><br>Então a garota começou a ficar com depressão, insônia a não querer mais comer, não tinha vontade de fazer mais nada.<br>Até um dia ela chega a uma conclusão que não queria mais saber de nada. Disse que iria aguentar a todas as piadinhas e foi para escola                                                                                                                   |
| <b>PI 2</b> | Mas ele ficou só imaginando, por que tem muito fake. e as vezes muitas pessoas dizem sé uma pessoa e é outra, só depois a pessoa descobre; aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.<br>“É o que é muito linda, ela tem o olho mas azul e é bem branquinha”.<br>“Depois eu quero conhecer, viu.” falou o colega.<br>Dias depois ele descobri que não era o que ele queria, Por que ele saiu com ela e descobriu um segredo dela, hum qual foi, ele falou.<br>“ Foi assim a gente saiu, formos passeiar logo agente já estava se dando bem até que ela falou,<br>- Eu sou homem. | <b>PF2</b> | Mas ele ficou só imaginando, por que tem muito fake. E as vezes alguém diz ser uma pessoa e é outra. Só com um tempo a pessoa descobre. Aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.<br>-Ela é muito linda e ela tem o olho mas azul e é bem branquinha.<br>-Depois eu quero conhecer. Falou o colega.<br>No dia seguinte ele descobriu que não era o que ele pensava, porque ele saiu com ela e descobriu um segredo dela.<br>- Hum... Qual foi?<br>Ele falou:<br>-Foi assim: a gente saiu, formos passeiar logo a gente já estava se dando bem até que ela falou,<br>- Eu sou homem. |
| <b>PI3</b>  | Ela ficavam o dia todo no celular a mãe não sabia o que faze pidia ajuda ao amigo é também o médico o médico disse que era uma fase da vida que depois ela ia pecebe que ela pedel a noção mas depois ela volto a estuda a fala com os amigo                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <b>PF3</b> | Não saia do quarto para comer e brinca e não queria falar com a mãe, perguntou ao médico o que estava acontecendo.<br><br>Ela ficavam o dia todo, no celular a mãe não sabia o que fazer pediu ajuda ao amigo da escola é também o médico disse que era uma fase da vida que depois ela voltou a estuda e fala com os amigo.                                                                                                                                                                                                                                                                   |

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI3</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <b>PF3</b> | - A mãe ficou mas feliz.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>PI4</b> | Serto dia eu vei uma menina meixedo no celular na rua e passa um ladrão e roubo ele não presto a tesão que vei atran dele                                                                                                                                                                                                                                  | <b>PF4</b> | Tever um dia que a mãe dele ficou com muita raiva e vendeu o celular do garoto aí. Ele saiu de casa e fala pra mãe, que vai embora de casa o garoto não ligou pra queamãe dele falou                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>PI5</b> | Corremos para que o dono da casa não capturasse nós. conseguimos escapar mais porém um de nós esqueceu o celular. tentamos voltar para pegar o celular mais o dono da casa havia chamado a policia todos esperamo passar alguns dias para pegar o celular.<br>Chegou o dia de ir pegar o celular o dono da casa estava em casa e acabou capturando agente. | <b>PF5</b> | - oque aconteceu - disse eu<br>- nada não<br>- Porque está estranho?<br>- estou normal.<br>Voltei a mexer no celular com os outros meninos.<br>Ele veio com o celular na mão todo triste.<br>- Oque houve – disse eu<br>- meu celular caiu e quebrou estive a noite toda mexendo nele minha vista ficou embaçada e deixei cair.                                                                                   |
| <b>PI6</b> | aí teve um dia que Karol foi tomar banho e tava tomando banho e quando chegava um mensagem Karol toda molhada foi responder Karol respondeu a primeira mensagem e volto pra o chuveiro ai do nada chegou outra mensagem é Karol foi responder e acabou escorregando com o celular na mão, mas Karol solto o celular e o celular caio dentro da privada     | <b>PF6</b> | Teve um dia, que Karol tava tomando banho quando chegou um mensagem.<br>Karol toda molhada foi responder a primeira mensagem e volto pra o chuveiro.<br>Depois, de minutos chegou outra mensagem. Karol respondeu e acabou escorregando com o celular na mão.<br>O celular caio dentro da privada. Karol ficou triste e comedo.<br>Triste porque o celular era novo. E comedo porque a mãe vai ficar muito brava. |
| <b>PI7</b> | Certo dia desses eu estava ajudando minha mãe arrumar a casa pois iriamos se mudar, infelizmente a gente discutiu pois eu fazia as coisas com o celular na mão, minha mãe fica muito preocupada comigo querendo saber o porque desse meu vicio, meu uso irregular do celular.                                                                              | <b>PF7</b> | Ela disse:<br>- #####, o que está acontecendo? Você não larga esse celular.<br>Eu respondi:<br>- Nada mãe!<br>Ela respondeu:<br>- Como nada? Você passa a madrugada toda nesse celular. Não me ajuda com nada, já acorda com o celular na mão, se continuar assim irei tomar seu celular                                                                                                                          |

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI8</b>  | Um dia um amigo meu estava na frente de casa com o celular e acabaram roubando o celular dele                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <b>PF8</b>  | <p>Ele respondeu</p> <p>- Porque o celular faz parte de mim.</p> <p>Ele não queria mas sair de casa só ficava no quarto</p> <p>Ai eu chamei ele:</p> <p>- Vamos para frente da sua casa.</p> <p>Ele respondeu</p> <p>-Vamos</p> <p>Fomos para frente da casa dele e ele levou seu celular</p> <p>- Guarde seu celular você vai ser roubado</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>PI9</b>  | <p>Acabei ficando um pouco encomodada e fiz a ela uma pergunta. “Amiga você não arruma essa casa “? ela respondeu “Eu estou mexendo no celular” respondi a ela normalmente “ok” fui cumprimentar-me a mãe dela, coitada tava Cheia de serviso ela me chamou para cozinha e disse “ Olhe minha filha não faz nada nessa casa você não sabe como soffro, faço tudo sozinha.” [...]a senhora quer a minha ajuda? ela respondeu: quero sim.</p> <p>[...] cheguei nela e disse, “ Amiga vamos sair” ? Ela respondeu: “não quero estou nas minhas redes sociais”.</p> <p>Eu disse: amiga você não Sai desse celular o dia inteiro. Ela: “ Mas se eu quero ficar aqui vou ficar aqui.”</p> | <b>PF9</b>  | <p>Acabei ficando um pouco incomodada e fiz a ela uma pergunta:</p> <p>- Amiga, você não nada nessa casa?</p> <p>Respondeu a amiga:</p> <p>- Eu estou mexendo nas minhas redes sociais.</p> <p>Respondi a ela normalmente: Ok!</p> <p>Fui cumprimentar a mãe dela, coitada estava cheia de serviso, ela me chamou para cozinha e disse:</p> <p>- Olhe, minha filha não faz nada nessa casa, você não sabe como soffro, faço tudo sozinha.</p> <p>Perguntei:</p> <p>- A senhora quer a minha ajuda?</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>- Quero sim!</p> <p>Cheguei nela e disse: [...]</p> <p>- Amiga, vamos sair?</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>- Não quero estou nas minhas redes sociais.</p> <p>Eu disse:</p> <p>- Amiga, você não sai desse celular o dia inteiro.</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>- Mas se eu quero ficar aqui, vou ficar aqui!</p> |
| <b>PI10</b> | A mãe dela só fazia Briga falando menina larga esse celular minha filha e ela não queria saber se fosse na escola era broca também a diretora mandou chamar a a                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <b>PF10</b> | <p>A mãe dela só fazia brigar, sempre reclamava:</p> <p>- Menina larga esse celular, minha filha!</p> <p>Ela não queria saber. Se fosse na escola era bronca também. Certo dia,</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

| TEXTO | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | TEXTO | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PI 10 | <p>A mãe tentando falar com ela mas não teve jeito falou que iria vender o celular dela mas ela não acreditou achou que era brincadeira e sempre nem ai para o que a mãe falava.</p> <p>Ai um certo dia ela foi comer o celular ia caindo ela tentou pegar não aconteceu nada com o celular mas ela foi para o Banheiro ai nesse dia ela não conseguiu livra o celular caio no balde de água nesse dia ela não conseguiu salvar o celular entrou água</p> | PF 10 | <p>- Essa menina não tem jeito não sei mais o que fazer com ela estou pensando em pegar esse celular e vender.</p> <p>A mãe tentou falar com ela mais não teve jeito. Falou com muita raiva:</p> <p>- Vou vender o seu celular, e ela não acreditou achou que era brincadeira e sempre nem aí para o que a mãe falava.</p> <p>Ai um certo dia, ela foi comer com o celular, o celular ia caindo ela tentou pegar mais não aconteceu nada com o celular, mas aí ela foi para o banheiro e aí ela não aconteceu nada com o celular, mas aí ela não conseguiu livra e acabou caindo dentro do balde de água nesse exato dia ela não conseguiu livra o celular.</p> |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019).

Ao verificar comparativamente o desenvolvimento do enredo das crônicas dos discentes, na versão inicial e final, podemos afirmar que houve um significativo avanço na elaboração da narrativa, no que diz respeito à construção do enredo e à progressão para o clímax, visto que nas PI1, PI2, PI5, PI6, PI7, PI8, PI9 e PI10, comparadas as suas respectivas produções finais, constatamos que os alunos conseguiram apresentar marcadores temporais na continuidade discursiva, elaboraram diálogos que enriqueceram a narrativa e reestruturaram parágrafos, conforme demonstração no quadro 5, acima.

Para analisar especificamente como os discentes desenvolveram suas narrativas, de que forma promoveram a continuidade discursiva, como introduziram marcadores temporais e elaboraram diálogos em suas produções textuais, destacamos alguns recortes do quadro 5, nos quais observamos detalhadamente algumas dessas transcrições para evidenciarmos algumas mudanças.

O quadro 6, a seguir, apresenta o recorte da PI6/PF6 extraído do quadro 5.

**Quadro 6: Desenvolvimento do conflito – PI6/PF6**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI6</b> | aí teve um dia que Karol foi tomar banho e tava tomando banho e quando chegava um mensagem Karol toda molhada foi responder Karol respondeu a primeira mensagem e volto pra o chuveiro <b>ai do nada</b> chegou outra mensagem é Karol foi responder e acabou escorregando com o celular na mão, mas Karol solto o celular e o celular caio dentro da privada | <b>PF6</b> | <p>Teve um dia, que Karol tava tomando banho quando chegou um mensagem.</p> <p>Karol toda molhada foi responder a primeira mensagem e volto pra o chuveiro.</p> <p><b>Depois de minutos</b> chegou outra mensagem. Karol respondeu e acabou escorregando com o celular na mão.</p> <p>O celular caio dentro da privada. Karol ficou <b>triste</b> e <b>comedo</b>.</p> <p>Triste porque o celular era novo.</p> <p>E comedo porque a mãe vai ficar <b>muito brava</b>.</p> |

Fonte: Elaboração própria (MAMANGUAPE, 2019, grifos nossos).

Relacionando a PI6 com a PF6, verificamos que o discente distribuiu o único parágrafo do desenvolvimento de sua produção final em seis parágrafos, manobra que contribuiu para organizar o desenvolvimento do conflito. O discente acrescentou também um marcador temporal no terceiro parágrafo para situar o leitor no tempo que se desenrolam os fatos: “depois de minutos” em substituição a expressão “ai do nada”. Houve mudanças na colocação da pontuação (uso de vírgulas e pontos) e da coesão textual que comentaremos posteriormente.

As mudanças linguístico-discursivas empregadas pelo discente tornou o texto mais inteligível, com progressão gradativa para o clímax: “O celular caio dentro da privada. Karol ficou triste e comedo. /Triste porque o celular era novo. / E comedo porque a mãe vai ficar muito brava.” O clímax aconteceu no momento da exposição das características psicológicas da personagem (triste e com medo) após a quebra do celular, pois a ela temia a reação da mãe - ficaria “com raiva” - e estava triste por ter perdido o celular. O uso desses adjetivos que caracterizam a filha e da locução adjetiva que caracteriza a mãe (com raiva) são elementos argumentativos fundamentais para o desenvolvimento do conflito e, conseqüentemente, para o momento de maior tensão (clímax). Constatamos, portanto, que as mudanças realizadas pelo discente e a manutenção dos adjetivos tiveram aspectos positivos.

Observamos o desenvolvimento do enredo da PI9 e da PF9, no recorte apresentado no quadro 7, a seguir.

**Quadro 7: Desenvolvimento do conflito – PI9/PF9**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI9</b> | <p>Acabei ficando um pouco encomodada e fiz a ela uma pergunta. “Amiga você não arruma essa casa “? ela respondeu “Eu estou mexendo no celular” respondi a ela normalmente “ok” fui cumprimentar-me a mãe dela, coitada tava Cheia de serviso ela me chamou para cozinha e disse “ Olhe minha filha não faz nada nessa casa você não sabe como soffro, faço tudo sozinha.” [...]a senhora quer a minha ajuda? ela respondeu: quero sim.</p> <p>[...] cheguei nela e disse, “ Amiga vamos sair” ? Ela respondeu: “não quero estou nas minhas redes sociais”.</p> <p>Eu disse: amiga você não Sai desse celular o dia inteiro. Ela: “ Mas se eu quero ficar aqui vou ficar aqui.”</p> | <b>PF9</b> | <p>Acabei ficando um pouco <b>incomodada</b> e fiz a ela uma pergunta:</p> <p>-Amiga, você não nada nessa casa?</p> <p>Respondeu a amiga:</p> <p>-Eu estou mexendo nas minhas redes sociais.</p> <p>Respondi a ela normalmente: Ok!</p> <p>Fui cumprimentar a mãe dela, coitada estava cheia de serviso, ela me chamou para cozinha e disse:</p> <p>- Olhe, minha filha não faz nada nessa casa, você não sabe como soffro, faço tudo sozinha.</p> <p>Perguntei:</p> <p>- A senhora quer a minha ajuda?</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>- Quero sim!</p> <p>Cheguei nela e disse:</p> <p>[...]</p> <p>- Amiga vamos sair?</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>- Não quero estou nas minhas redes sociais.</p> <p>Eu disse:</p> <p>- Amiga, você não sai desse celular o dia inteiro.</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>- Mas se eu quero ficar aqui, vou ficar aqui!</p> |

Fonte: Elaboração própria (MAMANGUAPE, 2019, grifos nossos).

É possível perceber que o aluno redistribuiu os dois parágrafos da produção inicial em seis parágrafos na produção final (PF9), fato que se deve à organização do

discurso direto e ao emprego da pontuação adequada: uso dos dois pontos e travessão para marcá-lo. Essa manobra permitiu que a continuidade discursiva se tornasse mais visível com a disposição dos parágrafos e facilitasse a leitura do texto.

Quanto ao desenrolar dos fatos, percebemos que o conflito se desenvolveu em torno da discussão do narrador-personagem e de sua amiga que insistia em permanecer concentrada nas redes sociais. O uso do adjetivo “incomodada”, utilizado pelo narrador-personagem, é fundamental para o desenvolvimento do conflito, um elemento argumentativo importante para conduzir o narrador à discussão com a amiga. O clímax se deu no momento em que essa personagem falou para a narrador-personagem em tom desafiante: ” - Mas se eu quero ficar aqui, vou ficar aqui! ”. O ponto de exclamação, que na produção inicial não havia sido empregado, revelou a irritação da personagem e a tensão entre ambas, visto que o tom da conversa mudou. Esse recurso permitiu intensificar o momento do clímax. Também contribuiu para criar o efeito de intensificação a repetição do dêitico espacial e modalizador delimitador “aqui”, o qual imprimiu mais expressividade ao enunciado.

Enquanto houve progressos nas produções supracitadas, nas PI3/ PF3 e nas PI4 /PF4, os discentes não conseguiram desenvolver o conflito. Não acrescentaram mais informações ou elementos que pudessem aumentar a tensão até atingir o clímax da narrativa. Também não optaram pela elaboração do discurso direto, o qual poderia revelar para o leitor mais informações acerca das personagens. Os fatos foram apresentados de forma muito sucinta, conforme podemos observar no recorte da transcrição da PI3 e na PF3, no quadro 8.

**Quadro 8: Desenvolvimento do conflito – PI3/PF3**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                    | TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                      |
|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI3</b> | Ela ficavam o dia todo no celular a mãe não sabia o que fazer pedia ajuda ao amigo é também o médico o médico disse que era uma fase da vida que depois ela ia perceber que ela pediu a noção mas depois ela voltou | <b>PF3</b> | Não saia do quarto para comer e brincar e não queria falar com a mãe, perguntou ao médico o que estava acontecendo.<br>Ela ficavam o dia todo, no celular a mãe não sabia o que fazer pediu ajuda ao amigo da escola é também o médico disse que era uma fase da vida |

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL              | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                  |
|------------|-------------------------------|------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI3</b> | a estuda a fala com os amigo. | <b>PF3</b> | que depois ela voltou a estuda e fala com os amigo.<br>- A mãe ficou mas feliz. |

Fonte: Elaboração própria (MAMANGUAPE, 2019).

Comparando a PI3 e a PF3, verificamos que o discente havia construído o desenvolvimento do conflito em um único parágrafo e que na PF3 organizou-o em três parágrafos, acrescentando à narrativa o seguinte trecho: “Não saia do quarto para comer e brinca e não queria falar com a mãe, perguntou ao médico o que estava acontecendo. ”, entretanto conflito e desfecho se iniciam no mesmo parágrafo sem que o discente apresentasse uma progressão para um momento de maior tensão (o clímax ) e sem acrescentar outros elementos que desenvolvessem a narrativa.

Quanto à PI4 e à PF4, o discente modificou o enredo na segunda versão, criando outra narrativa, conforme transcrição do recorte do quadro 5, apresentado no quadro 9, a seguir.

#### Quadro 9: Desenvolvimento do conflito das PI4/PF4

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                          | TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                     |
|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI4</b> | Serto dia eu vei uma menina meixedo no celular na rua e passa um ladrão e roubo ele não presto a tesão que vei atran dele | <b>PF4</b> | Tever um dia que a mãe dele ficou com muita raiva e vendeu o celular do garoto aí. Ele saiu de casa e fala pra mãe, que vai embora de casa o garoto não ligou pra queamãe dele falou |

Fonte: Elaboração própria (MAMANGUAPE, 2019).

Em ambas as versões, o discente não conseguiu dar progressão à narrativa, desenvolvendo o enredo e apresentando novos elementos que colaborassem com a formação do conflito até atingir o clímax. Na PI1, o aluno condensou o conflito e o clímax no mesmo parágrafo. Não houve o desenvolvimento progressivo do conflito, visto que não ele acrescentou detalhes sobre as personagens, tampouco elaborou

diálogos para que o leitor obtivesse mais informações sobre a trama. Fato que também acontece na PF4.

### 5.1.2 Conclusão das crônicas – o desfecho

O desfecho ou desenlace corresponde à situação final de uma narrativa, ou seja, é a parte que apresenta a solução para o conflito; a qual pode ser boa ou má, conforme Gancho (2002). O desfecho pode ser feliz, surpreendente, cômico, trágico etc. e precisa impactar o leitor de forma surpreendente, inesperada, bem-humorada ou conforme o efeito de sentido que o autor pretenda provocar.

No quadro a seguir, confrontamos o desfecho das crônicas dos aprendizes na versão inicial e final.

**QUADRO 10: Conclusão das crônicas: o desfecho**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI1</b>  | <p>ela veio pra casa chorando escreveu uma cartinha para mãe dela amigos e o namorado e disse que não aguentava mas pegou 2 cartelas de remedio sim! Ela se suicidou Glória Maria. bullying. [...]</p> <p>O suicídio está sendo diário ultimamente em várias cidades está ficando muito comum pessoas tirando brincadeira de mal gosto e usando os celulares para isso por isso vários adolescentes estão e suicidando por causa disso estão tirando a suas próprias vidas.</p> | <b>PF1</b> | <p>Então ela veio correndo da escola chorando e foi para casa, ela realmente não aguentava mais e decidiu escrever uma carta para os amigos e familiares.</p> <p>A mãe dela achava que ela ficava muito tempo no seu celular falava pra ela todos os dias:</p> <p>- Filha saia desse celular e venha ficar com sua mãe um pouco.</p> <p>A garota disse:</p> <p>- Não mãe estou muito melhor mexendo no meu celular me deixa.</p> <p>Sua mãe disse:</p> <p>- Ok, filh</p> |
| <b>PI 2</b> | <p>Aí ele "É o que como isso.</p> <p>-Por que, você não gosta, porisso eu não queria conta.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <b>PF2</b> | <p>Aí ele:</p> <p>- É o que. como é isso?</p> <p>- Por que, você não gosta? – Perguntou ele (ou ela) – por isso eu não queria contar.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI2</b> | <p>Ele logo se levanta dá o famoso pulo pra trais é fala. “Como sé você tem peito e até a bunda de mulher, sair me esquecer.</p> <p>- Mas eu gosto de você, não vá por favo. diSSI ela.</p> <p>- Quando ele falou pra mim eu morrer de rir dele, “Poriso eu não mecho em fase Por que ela pra chegar em você uso um fake que é um fase falso; tem que saber meche no celular e usar com sabedoria por que muitos não saber.”</p> | <b>PF2</b> | <p>O rapaz enganado dá o famoso pulo pra trais e pergunta contrariado:</p> <p>- Como se você tem peito e até a bunda de mulher? saia me esquesa.</p> <p>- Mas eu gosto de você, não vá por favo: disse ela (ou ela).</p> <p>- Quando ele falou pra mim eu morrer de rir dele, “ ficou com um homem”. Falou o colega sorrindo dele.</p> <p>Poriso eu não mexo muito em Face, Por que ela pra chega em você uso o famoso fake que é um Face falso; tem que saber mexer no celular e usar com sabedoria, por que muitos não sabem.</p> |
| <b>PI3</b> | <p>mas depois ela volto a estuda a fala com os amigo.</p> <p>A mãe fico mas feliz porque a filha volto ao normal eu fiquei pesado na vida, que o celular e bom mas trais mal a pessoa.</p>                                                                                                                                                                                                                                       | <b>PF3</b> | <p>- A mãe ficou mas feliz.</p> <p>Por que a filha voltou ao normal percebeu que o celular prejudicar a vida da pessoa e trais muito problema e doença que prejudica muito.</p> <p>- A menina ficou alegri de mais porque parou de mexer no celula ela começou a estuda e da valor avida.</p>                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>PI4</b> | <p>erto dia eu vei uma menina meixedo no celular na rua e passa um ladrão e roubo ele não presto a tesão que vei atran dele mas isso e pra ela saber que nunca meixe no celular no meio da rua ele ficou trinte por perde o celular e fique pesado nisto e aprendi que nunca fique co o celular na rua</p>                                                                                                                       | <b>PF4</b> | <p>Quando fez um ano fora de casa, o menino ficou solitário e ele viu a mãe fala pro garoto filhou vota pra casa, chorado o menino falou eu votou mãe e peder desculpa tudo que ele fez aí a mãe ficou feliz com o garoto</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>PI5</b> | <p>Dono: porquê vocês pularam para minha casa?</p> <p>Lucas: desculpe pulamos para tomar banho e nós divertir. isso não vai mais acontecer!</p> <p>[...]conseguimos pegar o celular é o dono da casa fez uma brincadeira que ia ligar para polícia.[...]</p> <p>Dono: fiquem calmos não vou ligar pra ninguém, mas nunca mais faça isso. por causa de um celular quase fomos presos tomem cuidado.</p>                           | <b>PF5</b> | <p>Reclamamos com ele para que diminuísse o uso abusivo do celular. Se continuar vamos dizer a seus pais.</p> <p>Saiu chateado e a gente ficou preocupado com o que podia acontecer.</p> <p>Um tempo depois ele voltou com 100 reais: havia vendido o seu celular</p> <p>Pois estava causando problemas.</p> <p>Agora ele passou a vender celulares.</p>                                                                                                                                                                            |

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI6</b> | <p>[...]porque a mãe ia fica muito brava por que Karol queimor o celular.</p> <p>Isso é pra todos saberem que não devemos usar o celular na hora do banho, nem na hora das refeições nem na Escola só devemos usar o celular numa precisão.</p>                                                                                                                                                                       | <b>PF6</b> | <p>[...]porque a mãe vai ficar muito brava.</p> <p>A mãe de Karol chegou do trabalho e perguntou:</p> <p>- Filha, cadê seu celular?</p> <p>E Karol comedo respondeu:</p> <p>- Mãe, te peço desculpas!</p> <p>A mãe perguntou:</p> <p>- Por que, filha?</p> <p>Karol muito nervosa falou:</p> <p>- Sem querer eu fui tomar banho e levei o celular, quando do nada escorregou da minha mão!</p> <p>Respondeu a mãe:</p> <p>- Filha eu não tinha nem terminado de pagar o celular!</p> <p>Karol triste falou:</p> <p>- Me desculpa, mãe!</p> <p>Respondeu a mãe:</p> <p>- Eu te desculpo mas, não vou comprar mais celular nenhum pra você!</p> <p>Karol muito triste:</p> <p>- Tá certo, mãe.</p> |
| <b>PI7</b> | <p>Não consigo viver mas sem o celular, ele até faz parte de mim.</p> <p>Até um desses eu ser assaltada...exatamente isso. Roubaram o meu celular é a primeira coisa que gritar porque iria perder tudo, redes sociais, fotos, numero, tudo.</p> <p>Mas estou usando o da minha irmã com ela, é isso vem causando mais brigas porque as duas querem mecher no celular. Mas assim eu to indo ne, até ganhar outro.</p> | <b>PF7</b> | <p>Eu respondi:</p> <p>-Nada mãe!</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>-Como nada? Você passa a madrugada toda nesse celular. Não me ajuda com nada, já acorda com o celular na mão, se continuar assim irei tomar seu celular.</p> <p>Eu fiquei com raiva, porém não queria ficar sem o celular, então, deixei o celular um pouco de lado e comecei a ajudar a minha mãe.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>PI8</b> | <p>Um dia um amigo meu estava na frente de casa com o celular e acabaram roubando o celular dele mais como a tecnologia esta avançada na mesma hora ele foi no Armazem Paraiba onde ele comprou o celular e bloqueiou o aparelho o bandido ficou só com a carcaça e não teve mais utilidade para ele</p>                                                                                                              | <b>PF8</b> | <p>- Não tenho medo de ladrão de repente passou uma moto e levou seu celular</p> <p>Ele disse:</p> <p>- Que azar o ladrão levou meu celular mas tem como recupera-lo o rastreador estava ligado.</p> <p>Ele foi no armazém Paraíba rastreou o celular e conseguiu recupera-lo</p> <p>Ele disse:</p> <p>- Nunca mais vou ficar distraído assim com o celular eu podia ter perdido a vida.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI8</b>  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <b>PF8</b>  | Ele nunca mais foi a mesma pessoa não ficava distraído com o celular na rua                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>PI9</b>  | <p>Me precipitei e disse: mas isso não estar certo, Cê vai ficar louca , peguei e puxei o braço dela e levei ela para fora da casa dela, e saímos. Comecei a falar: Olha amiga desculpa por ter tirado você de sua propria casa, mas você já estar passando dos limites.</p> <p>Simplesmente sua mãe me chamou e falou varias coisa, você não faz nada em casa cheguei la e estava tudo revirado, se você quiser Ser a minha amiga vai ter que mudar.</p> <p>Ela disse: ok amiga não vou mais usar o celular, eu sei de tudo isso que causa doença e varias coisas, eu te prometo que vou ajudar minha mãe em casa. Olhou para mim e disse: muito obrigada amiga Sorrindo para mim me deu um abraço apertado e voltou pra casa, me mandou mensagem depois de alguns dias e disse melhorei bastante amiga so tenho a agradecer. Fim</p> | <b>PF9</b>  | <p>Me precipitei e disse:</p> <p>- Mas isso não está certo, Cê vai ficar louca, peguei e puxei o braço dela e levei ela para fora da casa dela, e saímos.</p> <p>Comecei a falar:</p> <p>- Olha, amiga, desculpa por ter tirado você de sua propria casa, mas você já estar passando dos limites.</p> <p>Sua mãe me chamou na cozinha e me falou várias coisas, você não faz nada em casa. Cheguei lá e estava tudo revirado, se você quiser ser minha amiga ainda, vai ter que mudar.</p> <p>Ela disse:</p> <p>- ok, amiga, não vou mais usar o celular, eu sei que errei, sei também que causa doença e varias coisas.</p> <p>Olhou pra mim e disse:</p> <p>- Obrigado, amiga. Sorrindo para mim me deu um abraço e voltou para casa.</p> <p>Me mandou mensagens depois de alguns dias e disse que melhorou bastante e me agradeceu por tudo.</p> <p><b>Fim!</b></p> |
| <b>PI10</b> | <p>Ai um certo dia ela foi comer o celular ia caindo ela tentou pegar não aconteceu nada com o celular mas ela foi para o Banheiro ai nesse dia ela não conseguiu livra o celular caio no balde de água nesse dia ela não conseguiu salvar o celular entrou água ela saiu do Banheiro loca chorando por que o celular tinha caído na água falando para mãe dela a mãe dela de Graças a Deus o celular cai na água pensou que tudo ia melhora mais pensou tudo errado</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <b>PF10</b> | <p>Ai um certo dia, ela foi comer com o celular, o celular ia caindo ela tentou pegar mais não aconteceu nada com o celular, mas aí ela foi para o banheiro e aí ela não aconteceu nada com o celular, mas aí ela não conseguiu livra e acabou caindo dentro do balde de água nesse exato dia ela não conseguiu livra o celular. E acabou entrado água ela saiu do banheiro loca chorando pois tinha entrado água falando para a mãe dela a mãe dela deu graças a Deus pois o celular da filha tinha entrado água, mais aí a mãe pensou que iria melhorar, mais na verdade, piorou tudo.</p> <p>Agora ela tá usando o celular da mãe.</p>                                                                                                                                                                                                                              |

Ao relacionar o desfecho das crônicas dos discentes na versão inicial e final, percebemos que algumas produções textuais não apresentaram um desfecho condizente com o respectivo conflito, já que não houve verossimilhança entre clímax e desfecho. Conforme Gancho (2002), cada parte do enredo precisa ser verossímil, isto é, verdadeiro para leitor que pactua com o autor o que seja ou não aceitável naquela narrativa. O desfecho precisa ser coerente com o que foi apresentado no conflito inicial e no clímax.

Na PI1 e na PF1, por exemplo, percebemos em ambas as versões um desenvolvimento progressivo e coerente do enredo até atingir o clímax. Diferentemente, o desfecho empregado na PI1 é suprimido na PF1. Após o clímax, acontece uma quebra na narrativa e o texto perde a continuidade discursiva e se torna inverossímil, conforme transcrição no quadro 7 acima.

Em ambas as produções, o clímax se dá quando a garota chega transtornada à casa. Na PF1, o discente foi mais enfático que na PI1, pois acrescentou a combinação dos advérbios “realmente”, “não” e “mais” ao verbo “aguentar” para dar maior expressividade ao fato e, assim, exprimir a situação psicológica da personagem, conforme trecho da PF1, a seguir: “ Então ela veio **correndo** da escola **chorando** e foi para casa, ela **realmente não aguentava mais** e decidiu escrever uma carta para os amigos e familiares. ”.

Enquanto na PI1, o clímax apresentado progride para um desfecho trágico, com o suicídio da garota, o que seria um dos desfechos possíveis, ou seja, verossímil, devido à condição psicológica da personagem; na segunda versão, o aprendiz modifica o desfecho. Após chegar à casa transtornada, a adolescente segue tranquila para o quarto para usar o celular, apresentando uma incoerência com os fatos narrados anteriormente, ou seja, tornando o desfecho inverossímil, conforme trecho, a seguir, extraído do quadro 7: “ A mãe dela achava que ela ficava muito tempo no seu celular falava pra ela todos os dias: / - Filha saia desse celular e venha ficar com sua mãe um pouco. / A garota disse: / - Não mãe estou muito melhor mexendo no meu celular me deixa. / Sua mãe disse:/ - Ok, filha”. Esse desfecho da PF1 não condiz com a situação apresentada no clímax. Portanto, se compararmos à versão inicial, percebemos que a mudança realizada na versão final não foi positiva.

Ao verificar a PI2 e a PF2, observamos que a narrativa explora um fato humorístico, no qual um adolescente se envolve num relacionamento amoroso com

alguém que posta um falso perfil nas redes sociais, registrado no quadro 2: Há vários personagens no texto tratados por “ele” ou “ela”, o que dificulta a identificação.

O discente apresentou um desfecho com caráter humorístico, em ambas as versões, conforme registrado no quadro 7; entretanto, a crônica apresentou um enredo que foi prejudicado pela incoerência provocada na identificação do discurso do narrador e das personagens, problema esse que ocorre durante o desenvolvimento da narrativa e que prossegue até o desfecho, visto que no discurso final há dúvidas quanto a quem pertença as falas, se ao narrador ou a uma das personagens. Essa questão de textualidade, abordaremos no tópico seguinte.

Para observar melhor o desfecho, apresentamos, no quadro 11, o recorte da PI2 e da PF2:

**Quadro 11: Desfechos da PI2 e da PF2**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI 2</b> | <p>[...]</p> <p>Ele logo se levanta dá o famoso pulo pra trais é fala. “Como sé você tem peito e até a bunda de mulher, sair me esquecer.</p> <p>- Mas eu gosto de você, não vá por favo. dissí ela.</p> <p>- Quando ele falou pra mim eu morrer de rir dele, “Poriso eu não mecho em fase Por que ela pra chegar em você uso um fake [...]</p> | <b>PF2</b> | <p>[...]</p> <p>O rapaz enganado dá o famoso pulo pra trais e pergunta contrariado:</p> <p>- Como se você tem peito e até a bunda de mulher? saia me esquesa.</p> <p>- Mas eu gosto de você, não vá por favor: disse ele (ou ela).</p> <p>- Quando ele falou pra mim eu morrer de rir dele, “ ficou com um homem”. Falou o colega sorrindo dele.</p> <p>Poriso eu não mexo muito em Face, Por que ela pra chega em você uso o famoso fake [...]</p> |

Fonte: Elaboração própria (MAMANGUAPE, 2019).

A PI2 e a PF2 foram elaboradas respectivamente, buscando imprimir o efeito de sentido humorístico. A narrativa gira em torno do caso de um adolescente que marca um encontro em certa rede social sem conhecer pessoalmente a pessoa. Desde o primeiro parágrafo, o autor deixa a pista que aquele perfil na rede social poderia ser um *fake* (falso perfil).

O elemento usado no desfecho da crônica é o elemento surpresa, de acordo com o trecho: “No dia seguinte ele descobriu que não era o que ele pensava, porque

ele saiu com ela e descobriu um segredo dela. ”. A continuidade discursiva nesse trecho é garantida pela expressão temporal: “no dia seguinte”. Na continuação, a personagem central descobre que a garota com quem ele se relacionava virtualmente era um homem, conforme transcrição a seguir: “O rapaz enganado dá o famoso pulo pra trás e pergunta contrariado /-Como se você tem peito e até a bunda de mulher? saia me esquesa.”

Após o episódio, ele relata o fato a um colega que zomba dele: “ ‘ ficou com um homem’. Falou o colega sorrindo dele. ”. Conforme se pode perceber, a progressão do desfecho da PF2 foi positiva, pois um dos recursos mais empregados no gênero crônica é o efeito de humor.

De acordo com Cândido:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 1992, p. 14).

A crônica do discente (PF2) apresenta o recurso do humor, defendido por Candido, o qual colabora para que o desfecho de seu texto seja inusitado e surpreendente.

Correlacionando a PI7 com a PF7, corroboramos que, apesar de todo progresso, nos aspectos linguístico-discursivos, alcançado na PF7 em contraponto com a PI7, visto que o texto foi totalmente escrito em sequência narrativa (quadro 1), com adequação do registro do discurso direto (quadro 7), não consideramos positiva a forma como a aluna conduziu o desfecho de sua crônica na versão final. A narrativa foi concluída da seguinte forma: “Eu fiquei com raiva, porém não queria ficar sem o celular, então, deixei o celular um pouco de lado e comecei a ajudar a minha mãe”. Esse desfecho não promoveu nenhum fato inusitado, reflexivo, humorístico ou surpreendente, aspecto esperado no desfecho de uma crônica.

Ao analisar a PI7, constata-se que o texto termina com o narrador-personagem, informando que a situação em sua casa havia se agravado. De forma leve e bem-humorada, o narrador-personagem conta que sofreu um assalto e que

havia perdido seus arquivos, fotos etc. e que, a partir de então, estava usando o celular da irmã, numa disputa que estava gerando outros problemas, conforme transcrição a seguir: “Até um desses eu ser assaltada...exatamente isso. Roubaram o meu celular é a primeira coisa que gritar porque iria perder tudo, redes sociais, fotos, numero, tudo. / Mas estou usando o da minha irmã com ela, é isso vem causando mais brigas porque as duas querem mecher no celular. Mas assim eu to indo ne, até ganhar outro. ”

Esse desfecho da PI7 com a ocorrência de um assalto que ocasionou a criação de um novo problema: a disputa do narrador-personagem pelo uso do celular da irmã, é mais interessante, pois acrescentou à narrativa um fato novo: expectativa do narrador -personagem de ganhar um outro aparelho celular; porém essa parte foi subtraída pela aluna. O trecho final da PI7 poderia ter sido apenas melhorado, quanto aos aspectos linguísticos (ortografia) ao invés de ter sido suprimido. A impressão que causa é que a PF7 ficou incompleta ao se comparar com a PI7.

Já nas PI5/PF5, PI6/PF6, PI8/PF8, PI9/PF9 e PI10/PF10, percebe-se comparativamente que houve uma acentuada melhora na apresentação do desfecho das versões finais dessas crônicas em relação as produções iniciais, conforme observaremos individualmente.

A PI5 fugiu do tema proposto, conforme exemplificação com o trecho a seguir: “Um dia eu e meus amigos saímos para tomar banho de piscina. /Mas passamos por uma situação constrangedora, nós pulamos para nós divertir quando todo mundo estava distraído o dono da piscina chegou na casa e viu agente. ” O discente estruturou sua crônica, narrando um episódio em que o narrador- personagem e seus amigos pularam um muro de uma casa para tomar banho de piscina. Nesse momento, o dono da casa chega e uma das personagens esqueceu lá seu celular: “Corremos para que o dono da casa não capturasse nós. conseguimos escapar mais porém um de nós esqueceu o celular. tentamos voltar para pegar o celular mais o dono da casa havia chamado a policia todos esperamo passar alguns dias para pegar o celular.”

Após as devidas orientações através de um bilhete orientador (apêndice G), o discente empregou na versão final o tema proposto: “Eu e outros amigos estava na sala jogando no celular. / Um de nossos amigos abriu a porta, meio estranho passou cautelosamente para outro quarto. ”

Há um fato interessante a respeito da PF5. O discente questionou, antes da reescrita, se poderia seguir o “modelo” da crônica *O melhor amigo*, de Fernando

Sabino. Esclarecemos que não seria possível plagiar a crônica, entretanto ele poderia basear-se no texto. Sua iniciativa foi exitosa, pois ele conseguiu abordar o tema proposto para produção da crônica fazendo uma analogia à referida crônica, inclusive, conseguiu imprimir em seu texto o suspense em relação à atitude do menino ao sair da casa do colega com o celular quebrado em analogia à personagem da crônica de Fernando Sabino que sai de casa também contrariado, conduzindo o seu bichinho de estimação, obrigado pela própria mãe a se livrar dele. Tempo depois, o garoto volta com o dinheiro da venda do animal, ou seja, o desfecho é marcado por um elemento surpresa, totalmente inesperado pelo leitor.

Conforme Koch e Elias:

Para a atividade de escrita, o produtor precisa ativar “modelos” que possui sobre práticas comunicativas [...] configuradas em textos, levando em conta elementos que entram em sua composição (modo de organização) além de aspectos do conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação. (KOCH e ELIAS, 2014, P. 43)

Como na crônica de Fernando Sabino, na crônica do aluno, a personagem (um garoto) causa preocupação ao narrador-personagem porque saiu chateado e em silêncio da casa dele com o próprio celular quebrado, volta tempos depois com dinheiro, pois havia conseguido vender o celular quebrado e, a partir de então, negociaria com celulares, conforme podemos observar no seguinte trecho: “ - meu celular caiu e quebrou estive a noite toda mexendo nele minha vista ficou embaçada e deixei cair. / Reclamamos com ele para que diminuísse o uso abusivo do celular. Se continuar vamos dizer a seus pais. / Saiu chateado e a gente ficou preocupado com o que podia acontecer. / Um tempo depois ele voltou com 100 reais: havia vendido o seu celular /Pois estava causando problemas. / Agora ele passou a vender celulares”.

O resultado foi positivo. O desfecho foi interessante, inesperado e com uma pitada de humor. Para Cândido:

A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (CÂNDIDO, 1992, p. 15).

Segundo assinala o autor, a linguagem leve, os temas do cotidiano narrados com uma dose de humor são fatores necessários para que uma crônica seja bem-sucedida.

Ao realizar a análise da PI6 e da PF6, detectamos que houve uma significativa mudança na construção do enredo. A PI6 apresenta uma narrativa mesclada com a sequência expositiva. O clímax e o desfecho são elaborados sem expressividade, que se resume a: “ porque a mãe ia fica muito brava por que Karol queimou o celular”, seguido de um comentário em que a autora critica o uso excessivo do celular: “Isso é pra todos saberem que não devemos usar o celular na hora do banho, nem na hora das refeições nem na Escola só devemos usar o celular numa precisão. ” No entanto, no desfecho da PF6, a aluna consegue desenvolver um diálogo, no qual é construído o clímax da narrativa, em torno da quebra do celular da garota no banheiro e a expectativa pela reação da mãe, como se pode ver no quadro 7. No desfecho a filha sai prejudicada, pois a mãe se mantém taxativa ao afirmar que não compraria mais outro celular para filha.

Com as PI8 e a PF8 aconteceu semelhantemente o mesmo que houve com as PI6 e a PF6 respectivamente, visto que não houve uma progressão verossímil do clímax para o desfecho na PI8; entretanto, na PF8, o discente conseguiu desenvolver, a partir da criação de um diálogo, o clímax e o desfecho. Um amigo (o narrador) convence o outro a deixar o celular e sair de sua casa para conversar na rua. Ele sai, porém, leva consigo o celular, apesar dos avisos do narrador-personagem, e acaba sendo assaltado. Posteriormente, ele bloqueia o aparelho na loja e se torna uma pessoa assustada por conta da violência: “Ele disse:/ - Que azar o ladrão levou meu celular mas tem como recupera-lo o rastreador estava ligado. / Ele foi no armazém Paraíba rastreou o celular e conseguiu recupera-lo / Ele disse:/ Ele nunca mais foi a mesma pessoa não ficava distraído com o celular na rua”.

Na versão inicial, não há um desenvolvimento dessas fases, a narrativa não progrediu, pois não havia informatividade para tanto. Já na reescrita, o aluno conseguiu aprimorar seu texto.

Ao analisar comparativamente as PI9 e PF9, percebemos que em ambas as versões a aluna conseguiu desenvolver a contento o clímax e o desfecho. Houve uma melhor apresentação na PF9, devido ao aprimoramento dos aspectos linguísticos e discursivos. O clímax da crônica acontece durante uma conversa séria entre a

narradora-personagem e a amiga, que passa, todo o tempo, manuseando o celular. Com a ajuda da mãe, a narradora consegue retirar a garota de casa. Ela tenta convencer a amiga a mudar de atitude e consegue ser bem-sucedida. Houve uma progressão satisfatória entre clímax e desfecho, visto que houve coerência entre conflito, clímax e desfecho, ou seja, uma progressão verossímil. Sem verossimilhança, o texto narrativo perde o sentido, segundo Gancho (2002).

Quanto às PI10 e PF10, afirmamos que o clímax e o desfecho na PI10 foram desenvolvidos, porém, uma questão ficou em aberto no desfecho da PI10: “a mãe dela de Graças a Deus o celular cai na água pensou que tudo ia melhora mais pensou tudo errado”. Nas orientações apresentadas no bilhete orientador que escrevemos para a discente, questionamos o que a mãe pensou de errado, pois faltavam informações necessárias para uma conclusão do desfecho. Na reescrita do texto, a aluna acrescentou no desfecho da PF10 a seguinte informação: “mais aí a mãe pensou que iria melhorar, mais na verdade, piorou tudo. **Agora ela tá usando o celular da mãe**” (Grifo nosso). Essa nova informação tornou o desfecho mais engraçado e surpreendente, ao se analisar o comportamento da mãe durante a narrativa. Consideramos satisfatório o desfecho da produção final, o qual é condizente com o estilo do gênero crônica.

Constatamos que houve evolução na construção dos desfechos das crônicas na versão final, graças à intervenção realizada após a produção da versão inicial das crônicas. Após evidenciarmos os problemas na estrutura dos textos, aplicamos os módulos que trataram da estrutura do texto narrativo, a saber: os módulos 1 e 2 (Apêndices B e C).

## **5.2 Fatores de textualidade: elementos de coesão e coerência, marcadores temporais e espaciais, continuidade discursiva e o discurso relatado**

Após trabalhar a estrutura do gênero e as suas características no primeiro e segundo módulos, seguimos a proposta de intervenção com as SD, tratando dos aspectos da textualidade, dos elementos que promovem a continuidade discursiva, tais como os marcadores textuais, e do emprego do discurso relatado.

Aplicamos os módulos 3 e 4 visando à preparação dos aprendizes para o aprimoramento das versões iniciais de seus textos, quanto a esses aspectos.

No terceiro módulo, foram explorados os fatores de textualidade, a saber: a coesão e a coerência, como também a marcação temporal e a continuidade discursiva que também implicam no processo de coesão e coerência. Ao analisar a versão final dos textos, percebemos que havia a necessidade de elaborar um módulo para minimizar os problemas referentes a esses fatores. Para tanto, partimos do estudo da crônica de Luís Fernando veríssimo: “Aprenda a chamar a polícia” para analisar conjuntamente com os aprendizes quais elementos foram usados pelo autor para tornar o seu texto coeso e coerente, isto é, claro, objetivo e sem ambiguidades, e quais os marcadores temporais foram empregados para dar continuidade à narrativa.

Em seguida, foram apresentados a eles trechos de seus próprios textos, nos quais havia a necessidade de ajustes para eliminar problemas de coesão e acrescentar marcadores temporais, onde fosse necessário, para garantir ao texto a continuidade discursiva.

Analizamos no quadro 12 as crônicas que partiram desde a produção inicial da sequência narrativa para confrontar de que forma os discentes melhoraram esses aspectos em seus textos.

#### **QUADRO 12: Marcadores temporais e espaciais, elementos de coesão e coerência**

| <b>TEXTO</b> | <b>PRODUÇÃO INICIAL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | <b>TEXTO</b> | <b>PRODUÇÃO FINAL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI1</b>   | [...] um dia ela chegar a uma conclusão que não queria mais saber de nada que iria aguentar todos e foi para a escola chegando lá foi mais difícil do que ela pensava então ela veio pra casa chorando escreveu uma cartinha para mãe dela amigos e o namorado e disse que não aguentava mas pegou 2 cartelas de remedio sim! Ela se suicidou Glória Maria. | <b>PF1</b>   | [...] <p>Até um dia ela chega a uma conclusão que não queria mais saber de nada. Disse que iria aguentar a todas as piadinhas e foi para escola, chegando lá, foi mais difícil do que ela imaginava.</p> <p>Então ela veio correndo da escola chorando e foi para casa, ela realmente não aguentava mais e decidiu escrever uma carta para os amigos e familiares. [...]</p> <p>- Filha saia desse celular e venha ficar com sua</p> |

| TEXTO | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | TEXTO | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PI1   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | PF1   | <p>mãe um pouco.</p> <p>A garota disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não mãe estou muito melhor mexendo no meu celular me deixa.</li> </ul> <p>Sua mãe disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ok, filha.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| PI2   | <p>Mas ele ficou só imaginando, por que tem muito fake. e as vezes muitas pessoas dizem sé uma pessoa e é outra, só depos a pessoa descobre; aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.</p> <p>“É o que é muito linda, ela tem o olho mas azul e é bem branquinha”.</p> <p>“Depois eu quero conhecer, viu.” falou o colega.</p> <p>Dias depois ele descobri que não era o que ele queria, Por que ele saiu com ela e descobriu um segredo dela, hum qual foi, ele falou. [...]</p> | PF2   | <p>Mas ele ficou só imaginando, por que tem muito fake. E as vezes alguém diz ser uma pessoa e é outra. Só com um tempo a pessoa descobre.</p> <p>Aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ela é muito linda e ela tem o olho mas azul e é bem branquinha.</li> <li>- Depois eu quero conhecer.</li> </ul> <p>Falou o colega.</p> <p>No dia seguinte ele descobriu que não era o que ele pensava, Porque ele saiu com ela e descobriu um segredo dela.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Hum... Qual foi?</li> </ul> |
| PI3   | <p>Ela ficavam o dia todo no celular a mãe não sabia o que faze pidia ajuda ao amigo é também o médico o médico disse que era uma fase da vida que depois ela ia pecebe que ela pedel a noção mas depois ela volto a estuda a fala com os amigo</p>                                                                                                                                                                                                                                          | PF3   | <p>Ela ficavam o dia todo ,no celular a mãe não sabia o que fazer pediu ajuda ao amigo da escola é também o médico disse que era uma fase da vida que depois ela voltou a estuda e fala com os amigo.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| PI4   | <p>Serto dia eu vei uma menina meixedo no celular na rua e passa um ladrão e roubo ele não presto a tesão que vei atran dele</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | PF4   | <p>Tever um dia que a mãe dele ficou commuita raiva e vendeu o celular do garoto aí. Ele saiu de casa e fala pra mãe, que vai embora de casa o garoto não ligou pra queamãe dele falou</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| PI5   | <p>Corremos para que o dono da casa não capturasse nós. conseguimos escapar mais porém um de nós esqueceu o celular. tentamos voltar para pegar o celular mais o dono da casa havia chamado a policia todos esperamo passar alguns dias para pegar o celular.</p> <p>Chegou o dia de ir pegar o celular o dono da casa estava em casa e acabou capturando</p>                                                                                                                                | PF5   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- oque aconteceu - disse eu</li> <li>- nada não</li> <li>- Porque está estranho?</li> <li>- estou normal.</li> </ul> <p>Voltei a mexer no celular com os outros meninos.</p> <p>Ele veio com o celular na mão todo triste.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- oque houve – disse eu</li> <li>- meu celular caiu e quebrou estive a noite toda mexendo nele minha vista ficou embaçada</li> </ul>                                                                                                                                        |

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI5</b> | agente.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <b>PF5</b> | e deixei cair.<br>Reclamamos com ele para que diminuísse o uso abusivo do celular. Se continuar vamos dizer aos seus pais                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>PI6</b> | [...]aí teve um dia que Karol foi tomar banho e tava tomando banho e quando chegava um mensagem Karol toda molhada foi responder Karol respondeu a primeira mensagem e volto pra o chuveiro ai do nada chegou outra mensagem é Karol foi responder e acabou escorregando com o celular na mão,                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <b>PF6</b> | Teve um dia, que Karol tava tomando banho quando chegou um mensagem.<br>Karol toda molhada foi responder a primeira mensagem e volto pra o chuveiro.<br>Depois, de minutos chegou outra mensagem. Karol respondeu e acabou escorregando com o celular na mão.                                                                                                                                              |
| <b>PI7</b> | Certo dia desses eu estava ajudando minha mãe arrumar a casa pois iríamos se mudar, infelizmente a gente discutiu pois eu fazia as coisas com o celular na mão, minha mãe fica muito preocupada comigo querendo saber o porque desse meu vício, meu uso irregular do celular.[...] Até um desses eu ser assaltada...exatamente isso. Roubaram o meu celular é a primeira coisa que gritar porque iria perder tudo, redes sociais, fotos, numero, tudo. Mas estou usando o da minha irmã com ela, é isso vem causando mais brigas porque as duas querem mecher no celular. Mas assim eu to indo ne, até ganhar outro. | <b>PF7</b> | Um certo dia, eu estava ajudando a minha mãe a arrumar a casa pois iríamos nos mudar, infelizmente eu e ela discutimos, pois eu só fazia as coisas com o celular na mão, minha mãe ficou muito preocupada comigo, então resolveu me chamar para conversar.<br>[...]<br>Eu fiquei com raiva, porém não queria ficar sem o celular, então, deixei o celular um pouco de lado e comecei a ajudar a minha mãe. |
| <b>PI8</b> | Mais o celular como traz Pontos negativos também trazem Pontos Positivos comunicação mais rápida Pode se falar com Pessoas distantes [...]<br>Um dia um amigo meu estava na frente de casa com o celular e acabaram roubando o celular dele [...]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | <b>PF8</b> | Eu perguntei para ele:<br>- Por que você não larga esse celular?<br>Ele respondeu<br>- Porque o celular faz parte de mim<br>Ele não queria mas sair de casa só ficava no quarto<br>Ai eu chamei ele:<br>- Vamos para frente da sua casa<br>Ele respondeu<br>- Vamos                                                                                                                                        |

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI8</b>  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <b>PF8</b>  | <p>Fomos para frente da casa dele e ele levou seu celular</p> <p>- Guarde seu celular você vai ser roubado</p> <p>Ele respondeu:</p> <p>- Não tenho medo de ladrão de repente passou uma moto e levou seu celular</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>PI9</b>  | <p>Acabei ficando um pouco encomodada e fiz a ela uma pergunta. “Amiga você não arruma essa casa “? ela respondeu “Eu estou mexendo no celular” respondi a ela normalmente “ok” fui cumprimentar-me a mãe dela, coitada tava Cheia de serviso ela me chamou para cozinha e disse “ Olhe minha filha não faz nada nessa casa você não sabe como soffro, faço tudo sozinha.” Eu respondi “entendo o seu lado pois ela não é a primeira menina que faz a mesma coisa, a senhora quer a minha ajuda? ela respondeu: quero sim.</p>                 | <b>PF9</b>  | <p>Acabei ficando um pouco incomodada e fiz a ela uma pergunta:</p> <p>-Amiga, você não faz nada nessa casa?</p> <p>Respondeu a amiga:</p> <p>-Eu estou mexendo nas minhas redes sociais.</p> <p>Respondi a ela normalmente: Ok!</p> <p>Fui cumprimentar a mãe dela, coitada estava cheia de serviso, ela me chamou para cozinha e disse:</p> <p>- Olhe, minha filha não faz nada nessa casa, você não sabe como soffro, faço tudo sozinha.</p> <p>Perguntei:</p> <p>- A senhora quer a minha ajuda?</p> <p>Ela respondeu:</p> <p>- Quero sim!</p>                         |
| <b>PI10</b> | <p>A mãe dela só fazia Briga falando menina larga esse celular minha filha e ela não queria saber se fosse na escola era broca também a diretora mandou chamar a mãe na escola e a mãe falou essa menina não tem jeito não sei mais oque fazer com ela estou pensando em pegar esse celular dela e vender a mãe dela falando coma diretora da escola.</p> <p>A mãe tentando falar com ela mas não teve jeito falou que iria vender o celular dela mas ela não acreditou achou que era brincadeira e sempre nem ai para o que a mãe falava.</p> | <b>PF10</b> | <p>A mãe dela só fazia brigar, sempre reclamava:</p> <p>- Menina larga esse celular, minha filha!</p> <p>Ela não queria saber. Se fosse na escola era bronca também. Certo dia, a diretora mandou chamar a mãe dela na escola, e a mãe disse:</p> <p>-Essa menina não tem jeito não sei mais o que fazer com ela estou pensado em pegar esse celular e vender.</p> <p>A mãe tentou falar com ela mais não teve jeito. Falou com muita raiva:</p> <p>- Vou vender o seu celular, e ela não acreditou achou que era brincadeira e sempre nem aí para o que a mãe falava.</p> |

Ao analisar a PI1 em equiparação à PF1, evidenciamos que de início houve significativas mudanças, quanto à organização dos parágrafos e à adequação da pontuação, as quais corroboraram para promover a coerência na disposição dos fatos e na condução da continuidade discursiva. No trecho “um dia ela chegar a uma conclusão que não queria mais saber de nada que iria aguentar todos...” da PI1, em contraponto a expressão “**Até** um dia ela chega a uma conclusão que não queria mais saber de nada. Disse que iria aguentar a todas as piadinhas e foi para escola, ” (grifo nosso), o emprego da preposição até é um marcador temporal que determina o término de uma fase, elemento não utilizado na primeira versão.

A aluna consegue também eliminar uma incoerência ao substituir a expressão “ aguentar todos” por “aguentar a todas as piadinhas”. Ela imprime, inclusive, um tom pejorativo no uso do diminutivo “piadinha”, demonstrando aversão à prática do bullying, constituindo-se assim num elemento de argumentatividade. Os problemas da crônica, na verdade, surgiram na incoerência entre o clímax e o desfecho, conforme comentamos anteriormente ao analisar o desfecho das crônicas.

Observando a PI2, constatamos que, apesar da narrativa ter começo, meio e fim; ser uma narrativa curta que apresenta, com humor, um fato do cotidiano, ou seja, ter todos os ingredientes para ser uma crônica bem-sucedida, podemos afirmar que, quanto a um fator de textualidade, ele apresenta incoerência que compromete a compreensão do texto, visto que o autor não conseguiu resolver a confusão estabelecida em torno da atribuição das falas do narrador e das personagens, como também a dificuldade de atribuir a quem pertence o discurso relatado pelo uso inespecífico do pronome “ele” e da possível indefinição do foco narrativo. Por exemplo, é difícil saber com exatidão quem chega em sala de aula e encontra os colegas: “Um dia desse, **ele** veio pra escola e ficou muito triste”; quem tem um encontro amoroso frustrado: “No dia seguinte **ele** descobriu que não era o que **ele** pensava “; que narra para quem o encontro frustrado: “ -Foi assim: a gente saiu, fomos passear logo a gente já estava se dando bem. “ (Grifos nossos).

Segundo Gancho:

Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária para designar a função do narrador na história: foco narrativo e ponto de vista (do narrador ou da narração). Tanto um quanto outro

referem-se à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narrados. Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados à primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular). (GANCHO, 2002, p. 26)

O discente tentou solucionar o problema da identificação das personagens quando substituiu o pronome **ele**, na versão inicial, pela expressão “**o rapaz enganado**”, na versão final, no seguinte trecho do desfecho: “-Por que, você não gosta? – Perguntou ele (ou ela) – por isso eu não queria contar. / **O rapaz enganado** dá o famoso pulo pra trás e pergunta contrariado: [...]”; conforme nossas considerações no bilhete orientador, para que resolvesse a incoerência, entretanto não houve êxito total na reescrita, visto que o problema persiste, conforme podemos verificar, no trecho: “-Quando **ele** falou pra **mim eu** morrer de rir dele, “ficou com um homem”. Falou **o colega** sorrindo **dele**”, a impressão que um potencial leitor posse ter é que houve uma mudança no foco narrativo, visto que quem é esse “eu” que surge dizendo: “falou para mim”? Ou seja, o narrador observador (em terceira pessoa) passa a se posicionar como narrador personagem (em primeira pessoa), caracterizando, assim, uma incoerência quanto a determinação do foco narrativo.

Para Charlotte (1997), o texto precisa ser coerente microestruturalmente, na relação que as palavras desempenham na formação das frases; e macroestruturalmente, quando se vê o todo do texto para que se torne compreensível para o interlocutor. “Para que um texto seja microestruturalmente ou macroestruturalmente coerente, é preciso que haja no seu desenvolvimento uma contribuição semântica constantemente renovada. (CHAROLLES, 1997, p.57).

Retomando a PF2, o aluno finaliza o texto, com uma recomendação: “Poriso **eu** não mexo muito em Face, Por que ela pra chega em você uso o famoso fake [...]”, discurso que não é possível atribuir ao narrador ou ao colega da personagem (o rapaz enganado), tornando o trecho incoerente.

Acerca da coerência textual, Koch e Travaglia assinalam que:

Ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto. Assim ela pode ser vista também como ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor do texto (que o interpreta para compreendê-lo) tem para calcular o seu sentido. A coerência seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. Essa unidade é sempre apresentada como

uma unidade de sentido no texto, o que caracteriza a coerência como global, isto é, referente ao texto como um todo. (KOCH e TRAVAGLIA, 1999, p. 11).

Koch e Travaglia (1999) afirmam ainda que coesão e coerência estão intrinsecamente ligadas, aquela no plano semântico e está no plano gramatical, as quais se aliam para dar significância ao texto. Esses critérios de textualidade são indispensáveis para a questão da inteligibilidade do texto. Ainda segundo Koch:

... a coerência se relaciona com a coesão do texto, pois por coesão se entende a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. Ao contrário da coerência, que é subjacente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas. (KOCH e TRAVAGLIA, 1999, p. 11).

Conforme explicam as autoras, a coerência está relacionada à coesão, e a ausência desta, prejudica aquela. Enfim, o texto infelizmente ficou incoerente, apesar das recomendações que apresentamos no bilhete orientador (apêndice G), embora em outros aspectos o discente tenha evoluído, tais como se pode perceber na disposição com que ele apresenta o discurso relatado, como no exemplo a seguir (quadro 13).

**Quadro 13: Elementos de textualidade e o uso do discurso relatado – PI2/PF2**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI 2</b> | <p>Mas ele ficou só imaginando, por que tem muito fake. e as vezes muitas pessoas dizem sé uma pessoa e é outra, só depos a pessoa descobre; aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.</p> <p>“É o que é muito linda, ela tem o olho mas azul e é bem branquinha”.</p> <p>“Depois eu quero conhecer, viu.” falou o colega.</p> | <b>PF2</b> | <p>Mas ele ficou só imaginando, por que tem muito fake. E as vezes alguém diz ser uma pessoa e é outra. Só com um tempo a pessoa descobre.</p> <p>Aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ela é muito linda e ela tem o olho mas azul e é bem branquinha.</li> <li>- Depois eu quero conhecer.</li> </ul> <p>Falou o colega.</p> |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019)

Percebemos que o discente empregou a pontuação adequada ao registro do discurso relatado e organizou os parágrafos, modificou o marcador temporal “dias depois” pelo marcador “no dia seguinte” e adequou o tempo do verbo descobrir: “descobri” para “descobriu”, contribuindo assim com a progressão discursiva.

Em relação as PI3/PF3, observamos que o aluno modificou a narrativa na versão final, conforme amostragem no quadro 14, apesar de contemplar os elementos da narrativa e de apresentar começo, meio e fim, o discente não conseguiu acrescentar elementos que promovessem a informatividade aos textos, em ambas as versões, com também apresentou nas duas versões problemas de textualidade, conforme analisamos no exemplo do quadro14.

**Quadro 14: Elementos de textualidade e o uso do discurso relatado – PI3/PF3**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                   | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                            |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI3</b> | Ela ficavam o dia todo no celular a mãe não sabia o que faz <b>pidia ajuda ao amigo é também o médico o médico disse que era uma fase</b> da vida que depois ela ia pecebe que ela pedel a noção mas depois ela volto a estuda a fala com os amigo | <b>PF3</b> | Ela ficavam o dia todo ,no celular a mãe não sabia o que fazer <b>pediu ajuda ao amigo da escola é também o médico disse que era uma fase</b> da vida que depois ela voltou a estuda e fala com os amigo. |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019)

Após a produção inicial, orientamos o aluno a evitar a repetição da palavra “médico”, reconstruindo a frase. Apesar de ter eliminado a repetição da referida palavra, o trecho continuou incoerente; visto que o aluno não conseguiu eliminar algumas duplicidades de sentido. Acreditamos que, nesse trecho do quadro 14, a intensão do aluno ao empregar a palavra *também* teve o intuito de se referir a ambas as personagens. A mãe pediu ajuda tanto ao amigo como ao médico e não para afirmar que ambas as personagens emitiram a mesma opinião ao afirmar que aquela fase da vida da garota passaria logo.

Segundo Costa Val:

a coesão é a manifestação linguística da coerência; advém da maneira, como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói – se através de mecanismos gramaticais e lexicais. A coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão a expressão desse nexos no plano linguístico. É importante registrar que o nexos é indispensável para que uma sequência de frases possa ser reconhecida como texto (COSTA VAL, 1999, p. 6-7)

Conforme expõe a autora, só é possível considerar um texto, uma sequência de frases com nexos e isso falta ao texto em análise. Os problemas de textualidade também comprometem esse trecho: “**uma fase** da vida que depois ela **voltou** a estuda e fala com os amigo. ” O fator linguístico, nesse caso, está comprometendo a compreensão da frase com o emprego dos tempos verbais e a ausência de pontuação. O discente queria dizer que depois daquela fase a garota voltou ao normal (estudar e se relacionar com os amigos) ou que o médico afirmara que, depois daquela fase, ela voltaria a sua vida normal.

Além dos fatores de textualidade, a informatividade está comprometida, devido à ausência da progressão discursiva que poderia ter sido resolvida com o acréscimo de marcadores temporais e com a elaboração de diálogos.

Considerando que a aquisição da escrita é processual, que requer um maior envolvimento entre os sujeitos participantes do processo e que isso demanda tempo, não seria possível avançar drasticamente na aprendizagem do referido discente apenas numa única intervenção com a SD, visto que, “A escrita é uma atividade processual, isto é, uma atividade durativa, um percurso que vai se fazendo pouco a pouco ao longo de nossas leituras, de nossas reflexões, de nosso acesso a diferentes fontes de informação[...]” (ANTUNES, 2006, p.167).

Dando prosseguimento às análises dos textos dos discentes, ao examinar comparativamente a PI4 e a PF4, observa-se que o aluno não conseguiu empregar totalmente a sequência narrativa na PI4. O texto apresenta inicialmente a sequência expositiva e apresenta diversos problemas linguísticos e de textualidade. Embora tenha conseguido empregar a sequência narrativa na reescrita e o texto tenha apresentado os elementos estruturais da crônica, ele apresenta problemas de textualidade: falta de coesão e de coerência em diversos trechos, provocados principalmente pela ausência de pontuação, como no seguinte trecho “Era uma vez um garoto que era viciado no celular e que não gostava de ficar **sem ele esse garoto**

até parou de ir para escola”. A pontuação, fator linguístico, contribui para a coerência textual. A ausência da pontuação também dificulta a compreensão desse trecho: “Ele saiu de casa e fala pra mãe, que **vai embora de casa o garoto não ligou** pra queamãe dele falou [...]”.

Outro fator de incoerência é a falta de informatividade, exemplificado no trecho que segue: “Quando fez um ano fora de casa, o menino ficou solitário e **ele viu a mãe fala pro garoto** filhou vota pra casa, chorado o menino falou eu votou mãe e peder desculpa tudo que ele fez aí a mãe ficou feliz com o garoto”. Nesse trecho, não há detalhes do que aconteceu com o garoto. Por que ficou solitário, onde ficou por um ano, ou seja, o desenvolvimento do conflito até chegar a esse momento do clímax: o encontro da mãe e do filho.

A falta de progressão discursiva para detalhar esse encontro não permite que o clímax seja elaborado com suspense e emoção que o momento exige. O desfecho poderia ser apresentado com maior ênfase, com mais detalhes e informações. A falta de organização no registro do discurso direto (ausência da pontuação adequada) compromete a compreensão do texto. O aluno compreendeu as características do gênero, entretanto acreditamos que esse problema decorre da falta amadurecimento linguístico, o que é um sério problema, haja vista, que se trata de um aluno que finalizou o 9º ano de ensino fundamental.

Ao confrontar as PI5 e a PF5, constatamos que, na PI5, o aluno seguiu a sequência narrativa, percebemos que em ambas o aluno não teve dificuldades com os elementos de textualidade. Na PF5, a narrativa iniciou apresentando o marcador espacial e as personagens: “**Eu e outros amigos** estava **na sala** jogando no celular. / Um de nossos amigos abriu a porta, **meio estranho** passou **cautelosamente** para **outro quarto**. ” e foi desenvolvida a partir da elaboração de diálogos e teve progressão devido á escolha dos verbos e do emprego adequado dos tempos verbais: “ - o que aconteceu - disse eu/ - nada não/ - Porque está estranho? - estou normal. / **Voltei a mexer** no celular com os outros meninos. ”.

Apesar de não utilizar marcador temporal, a expressão ““voltei a mexer” corrobora para continuidade discursiva. No desfecho, um marcador temporal contribui para promover a compreensão do espaço de tempo entre a saída do garoto sua volta: “ Saiu chateado e a gente ficou preocupado com o que podia acontecer. / **Um tempo depois** ele voltou com 100 reais: havia vendido o seu celular Pois estava causando

problemas.” Em seguida, o discente emprega um outro marcador temporal para trazer à narrativa uma nova informação acerca da personagem, reportando-se a uma situação presente: / **Agora** ele passou a vender celulares”.

Outro aspecto fundamental para construção da argumentatividade e da progressão discursiva no texto foi o uso dos adjetivos: “cautelosamente”, no início da narrativa, para demonstrar uma característica da personagem e chamar a atenção do narrador-personagem, e dos adjetivos grifados no trecho a seguir: “Saiu **chateado** e a gente ficou **preocupado** com o que podia acontecer, os quais foram decisivos atingir o clímax.

Ao realizar o contraponto entre as PI6 e a PF6, ponderamos que houve um significativo avanço com relação à coesão e à coerência do texto. No trecho: “aí teve um dia que Karol foi tomar banho e tava tomando banho e quando chegava um mensagem” a aluna repete a expressão “tomar banho” e “tomando banho” no mesmo período. Esse problema de coesão é resolvido na reescrita: “Teve um dia, que Karol tava tomando banho quando chegou uma mensagem.” Ela também elimina uma marca da linguagem oral, “aí”, tornando o texto mais coeso. A correção do tempo verbal em: quando chegou” para substituir a expressão “quando chegava” garantiu mais coerência à narrativa.

A aluna imprime argumentatividade ao seu texto, ao elaborar um diálogo entre mãe e filha, promovendo continuidade discursiva e fazendo uso de adjetivos e locuções adjetivas importantes para exprimir o aspecto psicológicos da personagem em sua produção final: “E Karol **comedo** respondeu:[...] Karol muito **nervosa** falou:[...] Karol **triste** falou:[...]”. O que consideramos como positivo na reescrita de seu texto, pois o uso dos adjetivos foi fundamental para criar o clima máximo de tensão na narrativa, o clímax, sem os quais não seria possível evidenciar o aspecto psicológico da personagem Karol.

Ao analisar as PI7 e a PF7, verificamos que a aluna conseguiu empregar em ambas versões um elemento argumentativo importante, o advérbio *infelizmente*, o qual é um modalizador afetivo de ordem subjetiva (CASTILHO E CASTILHO, 1993), que é usado para exprimir sua opinião acerca do conflito entre a narradora-personagem e a própria mãe. Além do emprego do adjetivo preocupada na expressão: “minha mãe ficou muito preocupada...”, aliado ao advérbio muito para intensificar o nível de preocupação do narrador-personagem, e da expressão adjetiva “com raiva”

no segmento: “fiquei com raiva”. A expressão “com raiva” poderia ser substituída pelo adjetivo enraivecida ou brava, ou seja, a expressão tem valor semântico de adjetivo e confere ao texto marca argumentativa. Através da qual a discente exprime o sentimento das personagens. Esse recurso enriquece a narrativa por atribuir, inclusive, características psicológicas às personagens.

Na etapa de apresentação da situação inicial das SD, na terceira aula, abordamos, nas atividades presentes no apêndice A, as questões referentes ao emprego dos adjetivos e de sua importância como recurso para se exprimir um julgamento e definir psicologicamente as personagens. Entre a mãe preocupada e a filha com raiva se expõe o conflito psicológico em que ambas estão e demonstra a insatisfação do adolescente por ter seu acesso ao celular cerceado. Constatamos que esse aspecto foi explorado, a contento, pela aluna.

Em relação a PI8 e a PF8, observamos o seguinte contraponto: o aluno conseguiu que o seu texto progredisse em sequência narrativa, contextualizando os problemas apresentados no primeiro parágrafo da sua produção inicial, o qual seguiu a sequência expositiva, explorando o tema conforme o que havia sido discutido em sala de aula. Na etapa da apresentação da situação das SD, em que realizamos um estudo de texto que compõe o apêndice A, contemplamos o tema a ser desenvolvido na produção das crônicas. Na oportunidade, foi discutido os aspectos positivos e negativos do uso celular, como também o comportamento dos adolescentes que consideram o celular como uma extensão do próprio corpo.

Em sua crônica, o aprendiz conseguiu transferir essa questão na fala da personagem: “- Porque o celular faz parte de mim”, em resposta à pergunta em tom de crítica do narrador-personagem: “ Por que você não **larga** esse celular? ” (Grifo nosso). Apesar da ausência de adjetivos no texto, com a exceção do adjetivo “distraído”, utilizado tanto pelo narrador como por seu amigo para atribuir um julgamento pelo fato deste estar na rua, manipulando o celular. Percebem-se os aspectos argumentativos entremeados nesse diálogo, como por exemplo com o emprego do verbo largar que, nesse contexto, é utilizado com caráter pejorativo, com tom de reprovação ao uso excessivo do referido dispositivo.

Já a continuidade discursiva da PF8 é quase toda realizada através do diálogo estabelecido entre as duas personagens, algo que não fazia parte da estrutura da PI8, e da indicação dos espaços ocupados pelas personagens no decorrer da conversa,

que acontece de dentro para fora da casa, terminando na rua com o assalto. O emprego do discurso relatado foi determinante para a continuidade discursiva na segunda versão do texto, conforme pode ser visto no quadro 10, visto que na versão inicial foi insuficiente. Acreditamos que a crônica apresenta uma estrutura satisfatória porque apresentou os elementos estruturais da narrativa bem definidos e empregou o discurso relatado (o discurso direto) de forma que contribuiu para imprimir mais informatividade e expressividade ao texto. Consideramos que tanto a aplicação dos módulos 2 e 3 (apêndice C e D) trouxeram conhecimentos linguísticos ao aluno, como também as recomendações do bilhete orientador, contribuíram para o aprimoramento da crônica, visto que sugerimos ao aluno para que introduzisse diálogos ao seu texto.

Na análise comparativa entre a PI9 e a PF9, ponderamos que tanto a coesão quanto a coerência textual, que foram comprometidas na versão inicial pela ausência de pontuação adequada, se tornaram possíveis na versão final através da organização do discurso relatado, visto que a aluna optou pelo discurso direto, mas não conseguiu organizá-lo na primeira versão. A análise desse aspecto nas PI9/PF9 encontra-se na próxima seção.

Quanto aos elementos argumentativos, o aluno empregou alguns adjetivos em ambas as versões que foram fundamentais para o desenvolvimento da trama. De início, ela começa a narrativa empregando o adjetivo *incomodada*, o qual funciona argumentativamente para expressar que a narradora- personagem não está de acordo com a situação em que se encontra a amiga que ela foi visitar. O outro adjetivo de carga semântica importante é *coitada*, utilizada para caracterizar a mãe da amiga. O julgamento reforça o descontentamento do narrador-personagem em relação a atitude da amiga que não sai de casa e nem realiza tarefas domésticas porque não consegue sair das redes sociais. O uso dos adjetivos é imprescindível para formação do conflito, clímax e desfecho da crônica, pois é o nível de descontentamento das personagens (narradora e mãe da amiga) que permite a construção do enredo. Ponderamos que a PF9 foi bastante satisfatória e teve resultados positivos, se confrontarmos as duas versões.

Finalmente, ao verificar a PI10 e a PF10 quanto aos aspectos de discursivos, podemos considerar que houve uma significativa evolução na PF10 relacionando-a à primeira. Semelhante ao caso das PI9 e PF9, a coesão e a coerência textual dependeu da PI10 estava comprometida pela ausência da organização do discurso relatado,

(tema que abordaremos na próxima seção) dificultando, assim, a compreensão do texto. Esse problema foi resolvido na reescrita do texto.

Os marcadores temporais foram empregados na PF10, garantindo uma melhora na continuidade discursiva. No trecho: “ela não queria saber se fosse na escola era broca também a diretora mandou chamar a mãe”, comparado a: “Ela não queria saber. Se fosse na escola era bronca também. **Certo dia**, a diretora mandou chamar a mãe dela na escola” (grifos nossos), percebemos que a expressão em destaque contribuiu para situar o leitor na narrativa e tornou o texto mais coerente, sem citar que a pontuação do trecho, ou seja, o emprego de pontos para separar as frases e da vírgula antes do marcador temporal contribuiu para a valorização desse aspecto.

Quanto aos aspectos argumentativos, a autora conseguiu imprimir na segunda versão do texto, mais expressividade. No trecho: “- Menina larga esse celular, minha filha! ”, percebe-se uma dose de humor de uma mãe histérica e preocupada com a filha. A pontuação também contribuiu para tanto com o uso do ponto de exclamação após a expressão “minha filha!” confere esse efeito de sentido. Outro elemento importante é a apresentação de aspectos psicológicos na PF10. Para demonstrar o descontentamento com a atitude da filha, a autora faz a seguinte mudança no trecho da PF10: “ A mãe tentou falar com ela mais não teve jeito. A mãe falou **com muita raiva**: ” (grifo nosso) em contrapartida ao que está escrito na PI10: “ A mãe tentando falar com ela, mas não teve jeito...”. Embora tenha substituído equivocadamente o advérbio *mais* pela conjunção *mas* (não houve prejuízo semântico), o trecho ganhou expressividade. A repetição do substantivo *mãe* também não nos parece uma falta de coesão. Funcionou como um elemento enfático. Podemos constatar que o resultado obtido na PF10 foi satisfatório.

Ao concluir essa etapa da análise, afirmamos que houve acentuada melhora, de forma geral, nas produções finais em contrapartida com as produções iniciais. As PF1, PF2, PF3, PF4 e PF7 apresentaram resultados insatisfatórios quantos aos aspectos de textualidade, informatividade, continuidade discursiva em relação à versão inicial, principalmente as PF3 e PF4. Já as PF5, PF6, PF8, PF9 e PF10 apresentaram significativos avanços em relação às versões iniciais.

### 5.3 O discurso relatado e o emprego dos verbos *discendi*

A estruturação do discurso relatado se constitui em um importante elemento de coesão e coerência e do seu funcionamento linguístico-discursivo, a qual pode imprimir maior expressividade no desenrolar da narrativa.

Analisaremos neste tópico se os discentes conseguiram reestruturar o discurso relatado, particularmente o registro do discurso direto, empregando adequadamente a pontuação, como também se escolheram adequadamente os verbos *discendi*. Apresentaremos alguns trechos das produções iniciais e das produções finais para contrapô-los. Apenas nas PI3/PF3 e PI4/PF4 não houve registro de discurso direto. No quadro 15, observamos alguns trechos para realizar um confronto.

**QUADRO 15: Discurso relatado**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                                                    | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI1</b> |                                                                                                                                                                                                                                                     | <b>PF1</b> | <p>A mãe dela achava que ela ficava muito tempo no seu celular falava pra ela todos os dias:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Filha saia desse celular e venha ficar com sua mãe um pouco.</li> </ul> <p>A garota disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não mãe estou muito melhor mexendo no meu celular me deixa.</li> </ul> |
| <b>PI2</b> | <p>[..]aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.</p> <p>“É o que é muito linda, ela tem o olho mas azul e é bem branquinha”.</p> <p>“Depois eu quero conhecer, viu. ” falou o colega.</p>                                                | <b>PF2</b> | <p>Aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ela é muito linda e ela tem o olho mas azul e é bem branquinha.</li> <li>- Depois eu quero conhecer. Falou o colega.</li> </ul>                                                                                                                     |
| <b>PI5</b> | <p>Chegou o dia de ir pegar o celular o dono da casa estava em casa e acabou capturando agente.</p> <p>Dono: porquê vocês pularam para minha casa?</p> <p>Lucas: desculpe pulamos para tomar banho e nós divertir. isso não vai mais acontecer!</p> | <b>PF5</b> | <p>- oque aconteceu - disse eu</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- nada não</li> <li>- Porque está estranho?</li> <li>- estou normal</li> </ul>                                                                                                                                                                                                 |

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                 | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                       |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI6</b>  | [...] mas Karol solto o celular e o celular caio dentro da privada e Karol ficou triste e comedo.<br>Triste porque o celular era novo e comedo porque a mãe ia fica muito brava por que Karol queimor o celular. | <b>PF6</b>  | Karol muito nervosa falou:<br>-Sem querer eu fui tomar banho e levei o celular, quando do nada escorregou da minha mão!<br>Respondeu a mãe:<br>-Filha eu não tinha nem terminado de pagar o celular! |
| <b>PI7</b>  |                                                                                                                                                                                                                  | <b>PF7</b>  | Ela disse:<br>- Beatriz, o que está acontecendo? Você não larga esse celular.<br>Eu respondi:<br>- Nada mãe!                                                                                         |
| <b>PI8</b>  |                                                                                                                                                                                                                  | <b>PF8</b>  | Eu perguntei para ele:<br>- Por que você não larga esse celular?<br>Ele respondeu<br>- Porque o celular faz parte de mim                                                                             |
| <b>PI9</b>  | ." Eu respondi "entendo o seu lado pois ela não é a primeira menina que faz a mesma coisa, a senhora quer a minha ajuda? ela respondeu: quero sim.                                                               | <b>PF9</b>  | Perguntei:<br>- A senhora quer a minha ajuda?<br>Ela respondeu:<br>- Quero sim!                                                                                                                      |
| <b>PI10</b> | A mãe dela só fazia Briga falando menina larga esse celular minha filha e ela não queria saber se fosse na escola era broca também.                                                                              | <b>PF10</b> | A mãe dela só fazia brigar, sempre reclamava:<br>- Menina larga esse celular, minha filha!<br>Ela não queria saber                                                                                   |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019)

Ao examinar os trechos no quadro 15 percebe-se que houve uma acentuada mudança na forma como os discentes registravam o discurso direto em suas narrativas da produção inicial e da produção final. Alguns alunos destacavam o discurso direto, numa situação de diálogo, fazendo uso das aspas, como é o caso das PI2 e PI9; já o discente da PI5 seguiu o estilo do texto teatral, no qual os diálogos das personagens trazem, no início, seus nomes seguidos de dois pontos. Nas PI1, PI6, PI7 e PI8, os aprendizes não fizeram uso do discurso relatado em seus textos. Após a aplicação do módulo 3 (apêndice D), em que discutimos acerca do discurso relatado, a partir da análise da crônica "Aprenda a chamar a polícia" (anexo J), e das produções iniciais dos próprios alunos, percebemos que as dificuldades foram amenizadas.

Continuamos os estudos no módulo 4, disponível no apêndice E, em que exploramos o discurso relatado e os verbos *dicendi* especificamente por constatar que todos os discentes apresentaram dificuldades com o registro do discurso direto.

Nas atividades propostas, examinamos minuciosamente, na crônica de Luís F. Veríssimo, *Pneu furado*, (anexo M) como o autor registra o discurso relatado na forma direta, ou seja, quando as personagens ganham voz e dialogam. Analisamos ainda a escolha dos verbos *discendi* para cada intervenção com as falas das personagens. Ressaltamos ainda que o verbo *discendi* pode ser aplicado antes dessas enunciações, desde que se faça o uso adequado da pontuação (dois pontos e travessão). Em seguida, realizamos diversas atividades (apêndice A) tanto a partir da crônica de Luís F. Veríssimo, como das próprias crônicas dos alunos para adequação do discurso direto através da reescrita de diversos trechos.

Essas atividades visavam ao aprimoramento do uso do discurso direto nas versões iniciais das crônicas dos aprendizes, como também da introdução dessa modalidade de discurso nas produções que não optaram por ela.

O resultado nas versões finais foi satisfatório, conforme exemplificação a seguir:

**QUADRO 16: Discurso relatado – PI9/PF9**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                 | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                  |
|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI9</b> | “Eu respondi “entendo o seu lado pois ela não é a primeira menina que faz a mesma coisa, a senhora quer a minha ajuda? ela respondeu: quero sim. | <b>PF9</b> | Perguntei:<br>- A senhora quer a minha ajuda?<br>Ela respondeu:<br>- Quero sim! |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019)

Nos trechos apresentados no quadro 16, o aluno teve êxito no registro do discurso relatado na atividade de reescrita, visto que empregou adequadamente a pontuação; pois, na produção final, usou os dois pontos após o verbo *discendi* e introduziu, com travessão, a fala da personagem. Procedimento que não havia sido realizado na produção inicial. Além disso, escolheu, a contento, os verbos *discendi*, visto que empregou o verbo perguntar, antes da indagação da personagem ( a mãe),

e o verbo responder, ao introduzir a resposta da outra personagem(a filha). Essa manobra argumentativa tornou o texto mais coeso e conseqüentemente mais coerente.

Constatamos que os alunos que não haviam empregado o discurso direto, a saber as PI1, PI3, PI6, PI7 e PI8, optaram por introduzi-lo nas versões finais de suas crônicas, com exceção da PI4, conforme se vê no exemplo do quadro 15. Explicitamos aos discentes que não havia obrigatoriedade de introduzir o discurso direto nesses textos, entretanto, em algumas situações, seu emprego contribui para dar mais expressividade no desenrolar da narrativa e na caracterização das personagens. Explicamos que se trata de uma questão de estilo.

Na PF6, por exemplo, o emprego do discurso relatado melhorou a continuidade discursiva e contribuiu com a construção do clímax, demonstrando o nervosismo da personagem para explicar à mãe que o celular havia quebrado. O emprego do discurso direto e o acréscimo da expressão “muito nervosa” ao junto ao verbo *discendi* falar (falou) melhorou a expressividade e a informatividade do fato narrado, conforme transcrição no quadro 17, a seguir:

**QUADRO 17: Discurso relatado – PI6/ PF6**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                                                                 | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                         |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI 6</b> | [...] mas Karol solto o celular e o celular caio dentro da privada e Karol ficou triste e comedo.<br>Triste porque o celular era novo e comedo porque a mãe ia fica muito brava por que Karol queimor o celular. | <b>PF 6</b> | Karol muito nervosa falou:<br>- Sem querer eu fui tomar banho e levei o celular, quando do nada escorregou da minha mão!<br>Respondeu a mãe:<br>- Filha eu não tinha nem terminado de pagar o celular! |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019)

De forma geral, apesar de ter ainda havido ocorrências em que a pontuação foi inadequada para ao registro do discurso relatado, corroboramos que os discentes obtiveram êxito nesse aspecto, visto que houve amadurecimento linguístico e aprendizado, conforme observamos nos quadros 16 e 17, nos quais os discentes empregaram na versão final de suas produções para assinalar o discurso direto.

Conforme mencionamos no início dessa análise, o êxito alcançado só foi possível após evidenciarmos a dificuldade dos alunos e elaborarmos os módulos 3 e 4 (apêndice D e E), nos quais foram explorados o discurso relatado e a pontuação especificamente no módulo 4. Consideramos que o resultado nesse aspecto foi satisfatório.

#### **5.4 Aspectos linguísticos – uso da norma culta**

Ao verificar as produções iniciais e as versões iniciais, notamos que havia vários desvios no que concerne à ortografia, à pontuação, à concordância verbal e à concordância nominal. Houve algumas inadequações que foram recorrentes e comuns a quase todas as produções textuais. Alguns desses desvios foram apresentados na primeira versão das produções textuais, porém não reapareceram na versão final dos textos.

A ortografia é um dos importantes aspectos a se explorar no ensino sistemático da produção de textos; pois, conforme Koch: “sob uma perspectiva interacional, obedecer às normas ortográficas é um recurso que contribui para construção de uma imagem positiva daquele que escreve[...]” (KOCH, 2014, p. 8). Não deve ser considerado o principal aspecto, todavia é imprescindível para o sucesso na escrita de um texto observar as convenções ortográficas.

Os desvios ortográficos mais recorrentes nas produções textuais foram:

- Grafar a expressão a gente em lugar do substantivo agente e vice-versa;
- Grafar as formas dos porquês indistintamente;
- Grafar os verbos mexer e xingar e suas variantes com ch (uso do x/ch);
- Grafar palavras com letras minúsculas ou maiúsculas indistintamente;
- Não empregar os acentos gráficos ou empregá-los inadequadamente;
- Grafar verbos no infinitivo sem o -r final.

A ausência de pontuação foi outro problema bastante recorrente nas produções textuais, ou o uso inadequado dela. Esse problema merece atenção especial, visto que a pontuação é um recurso imprescindível para coerência textual.

Segundo Koch, “a pontuação é recurso que funciona como um sinalizador a mais a ser considerado na produção de sentido” (KOCH, 2014, p.9). Por essa razão, ao tempo que foi estudado o discurso relatado nos módulos 3 e 4 (apêndices C e D respectivamente), aplicamos atividades específicas com o uso da pontuação relacionada ao registro do discurso direto. No entanto, havia a necessidade de se explorar o uso da pontuação em outras circunstâncias no texto. Por essa razão, aplicamos no módulo 5 atividades de reescrita, na qual os discentes conjuntamente reescreveram os textos para corrigir os desvios ortográficos e a ausência de pontuação. Podemos afirmar que com a aplicação do módulo 5 (apêndice F), houve uma melhor utilização desse recurso gráfico.

Quanto às inadequações relativas à concordância nominal e à concordância verbal, procedemos da mesma forma: através da reescrita do texto dos próprios alunos, realizando a correção conjunta e participativa na sala de aula. Algumas ocorrências não foram registradas na produção final e outros casos de inadequações de concordância verbal e concordância nominal surgiram.

No quadro 18, analisamos como os discentes procederam para solucionar alguns casos de inadequações ortográficas registradas na produção inicial:

**QUADRO 18: Emprego de “a gente”/ “agente”**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                     | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                             |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|----------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI6</b> | Chegou o dia de ir pegar o celular o dono da casa estava em casa e acabou capturando <b>agente</b> . | <b>PF6</b> | Saiu chateado e <b>a gente</b> ficou preocupado com o que podia acontecer. |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019, GRIFOS NOSSOS)

No exemplo do quadro 18, na reescrita da versão final, o discente registrou adequadamente a expressão a gente, já em outra ocorrência.

No quadro 19, a seguir, observamos algumas ocorrências em que os porquês forma empregados.

### QUADRO 19: Emprego dos porquês

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                    | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                          |
|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI6</b> | Dias depois ele descobriu que não era o que ele queria, <b>Por que</b> ele saiu com ela e descobriu um segredo dela | <b>PF6</b> | No dia seguinte ele descobriu que não era o que ele pensava, <b>porque</b> ele saiu com ela e descobriu um segredo dela |
| <b>PI5</b> | Dono: <b>porquê</b> vocês pularam para minha casa?                                                                  | <b>PF5</b> | - <b>Porque</b> está estranho?                                                                                          |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019, GRIFOS NOSSOS)

Nos trechos do quadro19, verificamos que na PI6 a aluna registrou por que (separado) em lugar de porque (junto). O problema foi corrigido na produção final.

Já no caso da PI5 e da PF5, em trechos diferentes, o aluno persistiu no uso inadequado dos porquês, mesmo após a aplicação do módulo 5 (apêndice F).

Observamos, no quadro 20, as ocorrências do uso do x e do ch para grafar o fonema /x/.

### QUADRO 20: Uso do x/ch: grafia dos verbos mexer e xingar

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                        | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                             |
|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI2</b>  | No dia 10 de setembro ele veio para a escola é ficou muito triste pois estava quase todos, mechendo no celular [...]    | <b>PF2</b>  | Um dia desse, ele veio pra escola e ficou muito triste, pois estavam quase todos mexendo no celular.                       |
| <b>PI10</b> | [...]e essa pessoa que a pediu a foto posto em várias redes daí as pessoas começaram a zombar dela falar dela e chingar | <b>PF10</b> | E essa pessoa que a pediu a foto ele postou em várias redes sociais daí as pessoas começaram a falar mal dela e xingar-la. |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019, GRIFOS NOSSOS)

Houve outras ocorrências em que o verbo mexer aparece grafado com ch, entretanto não estão incluídas entre as produções textuais que compõem o *corpus*. No caso transcrito no quadro 20, o discente além de corrigir o desvio ortográfico do verbo mexer também reestruturou o parágrafo e reorganizou a pontuação com o emprego de ponto e de vírgulas.

No quadro 21, a seguir, verificamos que nas produções iniciais havia muitos casos, nos quais os alunos deixaram de acentuar graficamente algumas palavras, na reescrita dos textos foram resolvidos alguns casos, entretanto surgiram outros registros de palavras sem acento gráfico, nos quais não nos deteremos, visto que foram trabalhadas as ocorrências de ausência dos registros de acentos gráficos nas produções iniciais.

**QUADRO 21: Acentuação gráfica**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                    | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                       |
|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI2</b>  | No dia 10 de setembro ele veio para a escola é ficou muito triste pois estava quase todos, mexendo no celular [...] | <b>PF2</b>  | Um dia desse ele veio pra escola e ficou muito triste, pois estavam quase todos mexendo no celular.  |
| <b>PI10</b> | Uma certa vez tinha uma amiga que era muito viciada em celular que ela só comia com o celular na mão                | <b>PF10</b> | Uma certa, vez tinha uma amiga que era muito viciada em celular. Que ela só era com o celular na mão |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019, GRIFOS NOSSOS)

Já nos exemplos do quadro 22, os discentes registram os verbos no infinitivo sem o emprego do -r final nas versões iniciais.

**QUADRO 22: Emprego do –r final nas formas verbais no infinitivo**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                 | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                           |
|-------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI6</b>  | a mãe ia <b>fica</b> muito brava por que Karol queimor o celular.                                                                                | <b>PF6</b>  | E comedo porque a mãe vai <b>ficar</b> muito brava.                                                                                                                      |
| <b>PI10</b> | A mãe dela só fazia <b>Briga</b> falando menina larga esse celular minha filha e ela não queria saber se fosse na escola era <b>broca</b> também | <b>PF10</b> | A mãe dela só fazia <b>brigar</b> , sempre reclamava:<br>- Menina larga esse celular, minha filha!<br>Ela não queria saber. Se fosse na escola era <b>bronca</b> também. |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019, GRIFOS NOSSOS)

Verificamos que, no quadro 22, as ocorrências dos verbos no infinito sem o –r final foram corrigidas, embora na PI6/PF6, a aluna continue grafando a expressão com medo na produção final como se fosse uma só palavra. A forma verbal caiu também está grafada de forma incorreta, com o registro de –o em lugar de -u. Compreendemos que as questões ortográficas não foram solucionadas em sua totalidade. Esse conhecimento requer do discentes mais experiências linguísticas de escrita e reescrita. No caso da PI10/PF10, percebemos que houve uma boa evolução, visto que o discente, além de grafar corretamente o infinitivo do verbo brigar, na PF10, corrigiu a grafia da palavra “bronca” e organizou o único parágrafo da PI10 em três parágrafos após adequar a pontuação registrar o discurso direto.

Na produção final apareceram outros desvios ortográficos e gramaticais, entretanto não seria possível analisá-las, visto que fugiria ao nosso propósito. Quanto à ausência do –r final dos verbos no infinito foi resolvida em ambos os casos apresentados no quadro 22 e em outros registros que não fizeram parte deste *corpus*.

Observamos, no quadro 23, o uso indevido de letras minúsculas e maiúsculas.

**QUADRO 23: Emprego de letras maiúsculas**

| TEXTO      | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                  | TEXTO      | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                                                      |
|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI9</b> | Ele foi no Armazem Paraiba onde ele comProu o celular e bloquiou o aParelho                                                                       | <b>PF9</b> | Ele foi no armazém Paraíba rastreou o celular e conseguiu recupera-lo                                                                                                                                               |
| <b>PI8</b> | Assim que cheguei lá percebi que A casa estava Completamente bagunçada, a menina estava mexendo no celular.<br>Acabei ficando um pouco encomodada | <b>PF8</b> | [...]percebi que ali havia algo de errado dentro daquela casa e vi que a casa estava completamente bagunçada, e minha amiga sem preocupação alguma, mexendo no celular.<br>Acabei ficando um pouco incomodada [...] |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019, GRIFOS NOSSOS)

Alguns alunos empregaram letras maiúsculas indiscriminadamente em suas produções iniciais, em início de frases, nomes próprios e no interior das palavras. Nos exemplos destacados no quadro 23, o discente emprega na primeira versão a letra

maiúscula inadequadamente no interior da oração, entretanto corrige o desvio ortográfico na produção final.

Houve também o uso de letras minúsculas em ocorrências em que deveria ser empregado letras maiúsculas, após a aplicação das atividades no módulo 5 (apêndice F), algumas ocorrências dessa natureza foram corrigidas, em outros casos persistiram: “- **o** que houve – disse eu / - **meu** celular caiu e quebrou estive a noite toda mexendo nele minha vista ficou embaçada e deixei cair. Além do uso inadequado da letra inicial minúscula, no começo da oração, o aluno não registrou o ponto final.

No quadro 24 observamos a questão da pontuação.

**QUADRO 24: Pontuação**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                                                                                                     | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                                                                                                                               |
|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI2</b>  | até uma dia ela chegar a uma conclusão que não queria mais saber de nada que iria aguentar todos e foi para a escola chegando lá foi mais difícil do que ela pensava | <b>PF2</b>  | Até um dia ela chegar a uma conclusão que não queria mais saber de nada. Disse que iria aguentar a todas as piadinhas e foi para escola, chegando lá, foi mais difícil do que ela imaginava. |
| <b>PI10</b> | “Amiga você não arruma essa casa “? ela respondeu “Eu estou mexendo no celular                                                                                       | <b>PF10</b> | Acabei ficando um pouco incomodada e fiz a ela uma pergunta:<br>-Amiga, você não nada nessa casa?                                                                                            |

Fonte: Elaboração Própria (MAMANGUAPE, 2019)

Um dos aspectos linguísticos mais importantes para produzir um texto com clareza e coerência é a pontuação. A versão inicial das produções textuais dos alunos apresentou muitos problemas de pontuação, os quais foram minimizadas na reescrita, entretanto aconteceram outras ocorrências.

De acordo com Koch e Elias:

Em se tratando de conhecimentos gramaticais, um dos tópicos que merecem atenção é a pontuação, entendida não apenas com a função de marcas contornos entonacionais e deslocamentos sintáticos, mas, sim, numa visão textual-discursiva. (Koch e Elias, 2014, p. 39)

Conforme assinalam as autoras, a pontuação é um importante aspecto que merece toda atenção, pois constitui-se também como elemento de textualidade. Nos trechos apresentados no quadro 24, os discentes conseguiram adequar a pontuação, como no trecho da PF2, em que o discente realizou o recuo da margem para marcar o início do parágrafo, grafou a palavra inicial com letra maiúscula e empregou o ponto final no término dessa oração inicial do parágrafo, além de ter empregado a vírgula adequadamente, fato que na PI2 tornou o respectivo trecho do texto mais coeso e apresentável.

No exemplo das PI6/PF6 principalmente na pontuação concernente ao registro do discurso direto, o discente adequou o registro do diálogo, empregando os dois pontos e o travessão antes da fala das personagens.

No quadro 25, a seguir, observamos alguns casos concernentes ao emprego da concordância nominal.

**QUADRO 25: Concordância nominal**

| TEXTO       | PRODUÇÃO INICIAL                                                                   | TEXTO       | PRODUÇÃO FINAL                                                                        |
|-------------|------------------------------------------------------------------------------------|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>PI2</b>  | Certo dia desses eu estava ajudando minha mãe arrumar a casa pois iríamos se mudar | <b>PF2</b>  | Um certo dia, eu estava ajudando a minha mãe a arrumar a casa, pois iríamos nos mudar |
| <b>PI10</b> | Simplesmente sua mãe me chamou e falou várias coisa                                | <b>PF10</b> | Sua mãe me chamou na cozinha e me falou várias coisas                                 |

Fonte: Elaboração Própria (Mamanguape, 2019)

Nos trechos do quadro 25, os alunos conseguiram adequar a concordância nominal em ambos os casos, nas PI2/ PF2 e PI10/PF10, após a aplicação do módulo 5, embora outras ocorrências de inadequação de concordância nominal tenham persistido.

## 5.5 Resultados obtidos na análise

Após o término das análises das produções textuais dos alunos, nas versões iniciais e finais, constatamos que a intervenção com a proposta da SD de Schneuwly,

Noverraz e Dolz (2011), foi uma experiência muito importante, pois proporcionou aos alunos a oportunidade de trabalhar a escrita de forma sistematizada e de obter diversos conhecimentos linguístico-discursivos, contextualizados no processo de produção de seus próprios textos.

Em contrapartida, consideramos que a experiência da pesquisadora também foi enriquecedora, pois além de proporcionar a oportunidade de trabalhar uma proposta de produção textual escrita, planejada conjuntamente com os alunos, oportunizou um trabalho de avaliação qualitativa, de forma continuada.

De forma geral, constatamos que a intervenção foi positiva e que os resultados foram satisfatórios. Quanto ao estudo das características do gênero crônica, afirmamos que os alunos conseguiram assimilar as principais características do gênero. Em princípio, alguns alunos apresentaram dificuldades para escrever uma crônica narrativa, abordando o tema escolhido pelos próprios alunos, entretanto, após a intervenção dos módulos 1 e 2 (Apêndice B e C respectivamente) todos conseguiram construir uma narrativa curta, abordando o tema proposto, conforme pode se observar nos quadros de 4 a 10.

No que concerne aos aspectos linguístico-discursivos, a principal dificuldade dos alunos foi a elaboração do discurso relatado, a saber: o registro adequado do discurso direto com o emprego dos dois pontos após o verbo *discendi* e o uso do travessão antes das falas das personagens. Após as atividades aplicadas nos módulos 2 e 3 (apêndice C e D), em que foram exploradas atividades de leitura e reescrita dos textos dos discentes, boa parte dos alunos superou a dificuldade e registrou adequadamente o discurso relatado, empregando adequadamente os verbos *dicendi* em suas produções finais, conforme é possível verificar nos quadros 14 a 17.

Quanto ao emprego de elementos que garantem a argumentatividade, consideramos positivo o resultado nas produções finais dos discentes ao se comparar com as respectivas produções finais, visto que os alunos conseguiram, na versão final de seus textos, imprimir elementos que trouxeram mais expressividade aos seus textos, tais como: adjetivos, advérbios e verbos. Os textos, na versão final, também apresentaram mudanças significativas no emprego de elementos de coesão e coerência, através da reconstrução de períodos mais estruturados e do uso

apropriado da pontuação, o qual é um componente que contribui com a coesão textual, conforme pode se verificar nos quadros 7 e 8.

No aspecto ortográfico, os alunos amadureceram no sentido de buscarem o registro adequado de algumas palavras no dicionário por iniciativa própria, após a aplicação do módulo 5 (Apêndice F), em que exploramos trechos dos textos, nos quais haviam desvios ortográficos. Os discentes discutiram a respeito da grafia de algumas palavras e do uso dos sinais pontuação, buscando resolver os problemas específicos de seus textos.

Percebemos ainda que os alunos se envolveram nas atividades de leitura e reescrita propostas nos módulos e demonstraram empenho para promover a reescrita de seus textos e obtiveram, de forma geral, avanços significativos. Alguns textos, no entanto, na fase da reescrita, não apresentaram um grande progresso. Acreditamos que esses alunos com maior dificuldade na escrita e reescrita de seus textos necessitam de mais experiências com a escrita e a reescrita de textos de gêneros diversos para superarem suas dificuldades, porém, mesmo esses alunos apresentaram alguns avanços, visto que conseguiram compreender as características do gênero crônica.

## VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas 'águas' os homens verdadeiramente comprometidos ficam 'molhados', ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. (PAULO FREIRE, 1996 p. 19).*

Neste capítulo, teceremos as considerações finais sobre a intervenção com as SD em nossa turma de 9º ano do ensino fundamental. Para realização dessa pesquisa, optamos por trabalhar com uma atividade de escrita, visto que consideramos que nossos alunos tinham muitas dificuldades nessa área. Para a escolha do gênero a ser abordado, percebemos que nossos alunos apreciavam bastante a leitura de crônicas, entretanto tinham dificuldades em produzir o referido gênero. A partir dessa constatação, resolvemos realizar uma experiência didática na sala de aula com a proposta das SD de Schneuwly, Noverraz e Dolz (2011) para a escrita do gênero crônica com o intuito de desenvolver principalmente o aspecto da argumentatividade.

Primeiramente, para realizar nosso trabalho, desenvolvemos a seguinte questão de pesquisa, a qual adotamos nessa investigação: De que maneira uma experiência didática de produção textual do gênero crônica pode contribuir com o desenvolvimento da argumentatividade dos alunos do 9º do ensino fundamental? A partir da formulação dessa questão da pesquisa, elaboramos o seguinte objetivo geral: investigar como uma proposta de produção do gênero crônica pode contribuir para o desenvolvimento da competência argumentativo-discursiva dos alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Com a definição dos procedimentos metodológicos, iniciamos a aplicação da pesquisa, na sala do 9º ano, com a proposta da SD. Após a aplicação da referida experiência didática, verificamos que houve significativa evolução de modo geral, observando comparativamente as produções nas versões iniciais e finais. Os problemas linguísticos- discursivos presentes nos textos, na versão inicial, foram em boa parte solucionados na versão final. A argumentatividade dos alunos, através da produção do gênero crônica, foi evidenciada em boa parte dos textos.

Discorremos em seguida acerca do alcance dos objetivos. Para atingir nosso objetivo geral, elencamos alguns objetivos específicos os quais analisaremos se houve a obtenção do êxito durante a aplicação da pesquisa. Quanto ao primeiro objetivo específico: diagnosticar as dificuldades de produção escrita do gênero crônica; podemos afirmar que atingimos esse objetivo, visto que conseguimos analisar minuciosamente as produções iniciais dos alunos e detectar os problemas linguístico-discursivos de cada uma das vinte e duas produções.

A partir da detecção dos problemas, observamos as dificuldades em comum entre os textos. Dessa feita, partimos para o alcance do segundo objetivo: instrumentalizar os alunos para a produção do gênero crônica através da aplicação de módulos; para atingir esse objetivo, elaboramos cinco módulos para tentar solucionar os problemas encontrados, agrupando-os conforme as dificuldades específicas dos discentes, a saber: módulo 1- elementos e estrutura da narrativa no gênero crônica (apêndice B); módulo 2: Os aspectos particulares da narrativa: construção do enredo e as marcas argumentativas presentes em uma crônica (apêndice C); módulo 3- Elementos de coesão, marcação temporal e continuidade discursiva numa crônica (apêndice D); módulo 4- Discurso citado e os verbos *dicendi* (apêndice E); módulo 5 - Estilo linguístico e norma culta (apêndice F).

Cada módulo mencionado acima, foi elaborado a partir da leitura e análise de crônicas de autores consagrados, como também da análise e da reescrita de algumas crônicas produzidas pelos alunos, conforme os aspectos elencados nos títulos dos módulos.

Em relação ao terceiro objetivo específico, a saber: descrever e analisar o desenvolvimento da habilidade de argumentação dos alunos, adquiridas e/ou aperfeiçoadas durante a aplicação das SD, conforme a produção final; afirmamos que, de acordo com a exposição realizada no capítulo anterior (Análise comparativa das produções iniciais e das produções finais) conseguimos atingir esse objetivo, pois no referido capítulo, realizamos a análise comparativa das produções textuais nas versões iniciais e finais, discorrendo primeiramente sobre cada parte do texto, ou seja, a estrutura dos textos: introdução das crônicas, desenvolvimento do conflito e a conclusão com o desfecho para constatar em quais produções textuais os discentes obtiveram maior ou menor êxito.

Para proceder com a análise, levamos em consideração os aspectos linguístico-discursivos abordados nos módulos mencionados anteriormente. Para então verificar se cada um desses aspectos trabalhados evoluiu, levando em consideração a produção inicial e a produção final.

Quanto ao quarto e último objetivo específico: verificar se a intervenção realizada contribuiu para a superação das dificuldades apresentadas pelos alunos, na produção diagnóstica e para o desenvolvimento de suas habilidades de argumentação; podemos constatar que houve um nítido progresso na produção final dos discentes em comparação com a produção inicial, no que diz respeito aos aspectos trabalhados nos módulos, inclusive nas habilidades linguístico-argumentativas, conforme é possível evidenciar no capítulo de análises dos textos. Os discentes conseguiram melhorar os seus textos, empregando diversos conhecimentos adquiridos no percurso da aplicação dos módulos e, assim, empregaram nos textos estratégias discursivas que trouxeram mais expressividade aos seus textos.

Evidenciamos que a intervenção realizada foi bem-sucedida, visto que as crônicas na versão final apresentaram avanços, principalmente no aspecto linguístico-argumentativo, pois os alunos conseguiram imprimir nos seus textos maior argumentatividade, através do emprego de marcadores temporais e espaciais, de elementos que promoveram a coesão e a coerência, do emprego de adjetivos e advérbios que trouxeram mais expressividade aos seus textos. O uso adequado do discurso relatado foi muito importante para contribuir com a construção da argumentatividade, como também para promover a progressão dos textos.

Constatamos que houve a obtenção de êxito, tanto com a aprendizagem dos alunos, como com o aprimoramento da nossa prática pedagógica, visto que a proposta de Dolz, Schneuwly & Noverraz (2011), além de garantir aos alunos o sucesso na aprendizagem da produção textual dos gêneros, permite ao professor uma auto avaliação sobre sua prática, além de garantir uma oportunidade de promover a avaliação dos discentes como um meio para alcançar a aprendizagem e não um fim para simplesmente apontar os erros sem que haja uma proposta de superá-los, constituindo assim, a avaliação como um processo e não como um produto.

Nosso olhar sob o texto do aluno também mudou. A forma de considerar o processo de aprendizagem da escrita também. Isso nos levou a perceber mais os

progressos obtidos na produção do texto que as falhas que ainda nele persistem. Passamos a refletir sobre a escrita como um construto, um processo cognitivo de alta complexidade que requer práticas específicas de ensino e maturidade linguística dos aprendizes, a qual não se adquire sem a prática constante, tampouco sem a metodologia adequada.

Durante o percurso da aplicação das SD, os alunos foram expostos a diversas práticas linguísticas e discursivas, foram estimulados a discutir sobre sua própria escrita e a compreender a produção de textos como uma atividade processual. Eles foram estimulados a realizar a refacção de trechos que apresentavam problemas linguísticos e discursivos e a participar do processo de avaliação do próprio texto e do texto dos colegas. Essa prática desenvolve a maturidade do discente e o conduz a perceber a reescrita como um recurso para aprimoramento do próprio texto, prática essa, frisamos, que é realizada pelos próprios escritores e jornalistas, na produção de seus textos, inclusive das crônicas, objeto do nosso estudo, para descaracterizar a ideia de que só reescreve o próprio texto quem não sabe escrever e que isso é falta de conhecimento linguístico, como alguns alunos comentaram a princípio. Precisamos desconstruir essa ideia e convencê-los de que escrever é uma tarefa realizada processualmente. Sua aprendizagem requer prática sistematizada e que todo texto é um produto inacabado e passível de modificações.

As SD também oportunizaram uma prática pedagógica democrática, visto que desde a apresentação da situação, o aluno é motivado a escolher o tema, sobre o qual ele vai escrever, sem a imposição do professor. Após essa escolha, o aluno tem a oportunidade de estudar, de discutir e de opinar a respeito desse tema a ser explorado em suas produções. Fator que contribui para sua formação como cidadão. Todas as produções deixaram em suas entrelinhas a opinião dos aprendizes acerca do uso abusivo do celular pelos adolescentes, tema escolhido por eles para produção das crônicas.

Podemos afirmar categoricamente que a experiência com a aplicação das SD promoveu a aprendizagem dos discentes quanto à produção do gênero crônica, além de oportunizá-los a aprendizagem dos aspectos linguísticos e discursivos de forma contextualizada. O próprio aluno passou a ter a preocupação de revisar o próprio texto, de buscar um aprimoramento da própria escrita, de consultar a gramática ou dicionário

numa necessidade real, não apenas para estudar aleatoriamente algum conteúdo específico.

Quanto aos resultados na produção do gênero crônica, constatamos que a maioria dos discentes conseguiu produzir suas crônicas, imprimindo-lhes mais argumentatividade, se analisarmos comparativamente ambas versões. Compreendemos que o gênero crônica é altamente complexo, visto que é produzido normalmente na sociedade por jornalista e escritores. Não esperávamos, portanto, que nossos alunos produzissem crônicas nesse nível; entretanto, dentro das nossas expectativas, se tratando de alunos que concluíram o ensino fundamental em escola pública e que acumulavam problemas com a aprendizagem da língua materna na modalidade escrita durante esses anos de escolarização, consideramos que a experiência foi bem-sucedida e que boa parte dos discentes lograram êxito em suas produções textuais.

Outrossim, a experiência também nos garantiu, enquanto professora de língua materna, a possibilidade de largar os manuais didáticos, os planejamentos preestabelecidos de ensino da língua para produzir o nosso próprio material de ensino. Essa experiência nos oportunizou a chance de nos tornarmos professora pesquisadora e produtora de conhecimento, visto que ao confeccionar os módulos a serem aplicados em sala de aula, estávamos elaborando um material didático inédito e pontual para o ensino do gênero em estudo, mediante as dificuldades encontradas pelo aluno na realização daquela atividade de produção textual e não o ensino descontextualizado da língua, o qual foi preestabelecido sem o conhecimento prévio da necessidade real dos aprendizes.

Um fato que foi alvo de nossa atenção, aconteceu durante a intervenção com a SD, quando precisamos trazer os textos dos discentes para análise em sala de aula. Esse foi um momento de tensão; pois, mesmo garantindo o anonimato dos textos, dois alunos nos procuraram para expressar certo desconforto pelo fato de seus textos estarem sendo expostos nas aulas. Discutimos o quanto eles teriam a se beneficiar com aquela atividade e que as críticas construtivas só contribuiriam para a melhoria de seus referidos textos. Esse diálogo trouxe efeito positivo, pois constatamos maior empenho desses aprendizes na revisão dos próprios textos.

Em contrapartida a esse fato, a maioria sentiu-se privilegiada com a análise de seus textos. A intervenção com SD garantiu também maior proximidade com os

alunos e conseqüentemente com a maneira que eles veem o processo de ensino e aprendizagem. Ser questionada quanto à realização de uma dada atividade foi possibilitar aos discentes o direito de nos avaliar também, quebrando as barreiras que colocam o professor como detentor do conhecimento e seus alunos como subordinados a esse “saber”.

Apesar de anos a fio em sala de aula, sempre nos questionávamos qual seria a melhor forma para ensinar a produção de textos e, melhor ainda, qual seria a forma ideal para avaliar essas produções textuais. A realização desse mestrado profissional (PROFLETRAS) oportunizou-nos o conhecimento de práticas que, comprovadamente, surtem o efeito desejado no processo de ensino e aprendizagem da escrita. Esse processo, no qual conseguimos unir as teorias à prática pedagógica, possibilitou-nos promover mudanças, as quais impactaram nossa forma de lecionar a língua materna, como também mudou o nosso olhar para as nossas práticas avaliativas.

## REFERÊNCIAS

- ALLAL, L.; CARDINET, J.; PERRENOUD, P. **A avaliação formativa num ensino diferenciado**. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontros e interação**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BAGNO, Marcos; **Português ou Brasileiro? (Um convite à pesquisa)**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAKHTIN, Michail M.; **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, Michail M.; **Estética da criação verbal**. Capítulo: Gêneros do discurso, p. 261 a 304. 5ª ed.; São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BONINI, Adair. **O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v. 6, nº 03, set/dezembro – 2006.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes Brasileiros**.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: área de linguagens**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-area-de-linguagens>>. Acesso em: 11 jan 2018.
- BRONCKART, J.P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. [et al]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CHARLLOTES, Michel. Introdução aos problemas de coerência no texto. In: Galves, C. et al (Org.) **O texto: leitura e escrita**. Campinas, Pontes, 1997.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

COSTA-HÚBES, Maria da Conceição. Os gêneros discursivos como instrumentos para o ensino da Língua Portuguesa: perscrutando o método sociológico bakhtiniano como ancoragem para um encaminhamento didático-pedagógico. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes do; ROJO, Roxane. **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. São Paulo: Pontes, 2014. p. 13 -34.

COSTA, Nelson Barros. **Canção popular e ensino de língua materna**: o gênero canção nos Parâmetros Curriculares de língua portuguesa. Linguagem em (Dis) curso; Tubarão: v. 4, n. 1, p. 9 -36, jul/dez. 2003.

CRISTOVÃO, V. L. L. **Sequências didáticas para o ensino de línguas**. In: DIAS, R; CRISTOVÃO, V. L. L. **O livro didático de língua estrangeira. Múltiplas perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 305-344.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura** - como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2001.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987

ENGEL, G. I.; **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FRANCISCO JOAQUIM DE BRITO. **Projeto Político Pedagógico**. Bayeux, 2016.

ESPÍNDOLA, L. & SILVA, J. M da. **Argumentação na língua, da pressuposição ao topoi**. João Pessoa-PB: Editora Universitária/UFPB, 2004.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerências textuais**. São Paulo, Ática, 1991.

FIORIN: José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática Educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática. 2002

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2011.

GERALDI, J. W. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In: **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 117-192.

HADJI, C. **A avaliação – regras do jogo**: das intenções aos instrumentos. Portugal: Porto Editora, 1994.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 4ª ed. São Paulo. Ática, 1993.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997

KOCH, I. V. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de leitura e produção textual. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, I. V. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1993

KOCH, I. V. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A Coerência Textual**. 6. ed. São Paulo: Ed. Contexto. 1995.

MACHADO, A. N. CRISTOVÃO V.L.L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In: **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise dos Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, In: DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A.; **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10.ed., São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: <[pacto.mec.gov.br/index.php](http://pacto.mec.gov.br/index.php)> Acesso em: 11 jan 2018.

MATENCIO, Maria Lourdes Meirelles. **Leitura Produção de Textos e a Escola**. Campinas: Autores Associados, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MINAYO, M. C.de S. [et al.](Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes,1994.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003.  
NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Gêneros textuais, argumentação e ensino. In:

PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). **A didatização de gêneros**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012

NEVES, M. H. de M.; **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, M. H. de M.; **A teoria lingüística em Aristóteles**. Alfa, São Paulo, 25:57-67, 1981.

NEVES, M. H. de M.; **Ensino de língua e vivência de linguagem**: temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. S. História da crônica. Crônica da História. In: RESENDE, B. (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil**: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso. Salvador, BA: Calandra, 2004.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SABINO, Fernando. **O Homem Nu**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, pág. 65.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 24º ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. Cortez, 14ª ed., São Paulo, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática: ensino plural. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

VIRTUOUS, Grupo. **História da educação – período primitivo**. 2008. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/historia/primitivo.php>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A: PLANOS DE AULA PARA A PRIMEIRA ETAPA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**APÊNDICE B: PLANO DE AULA (5) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 1**

**APÊNDICE C: PLANO DE AULA (6) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 2**

**APÊNDICE D: PLANO DE AULA (7) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 3**

**APÊNDICE E: PLANO DE AULA (7) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 4**

**APÊNDICE F: PLANO DE AULA (8) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 5**

**APÊNDICE G: ORIENTAÇÕES PARA REESCRITA**

## APÊNDICE A: PLANOS DE AULA PARA A PRIMEIRA ETAPA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### PLANO DE AULA 1

#### **APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO**

- Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

#### **OBJETIVO GERAL**

- Conhecer as principais características do gênero crônica e sua função social.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Ler e analisar a crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino;
- Reconhecer os elementos estruturais do gênero crônica;
- Destacar a função do cronista e sua relação com o leitor;
- Identificar os elementos da narrativa presentes na crônica;
- Reconhecer os suportes onde circulam o referido gênero.
- Participar de uma sondagem, através do preenchimento de um questionário acerca do gênero crônica, abordando suas características, funções do cronista e sua relação com o leitor, como também os temas do cotidiano que são mais atraentes.

#### **CONTEÚDO**

- Estudo da crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino;
- As características principais do gênero crônica;
- A função do cronista e sua relação com o leitor;
- Suportes em que circulam o gênero crônica;
- Elementos da narrativa presentes na crônica.

#### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Leitura da crônica *O homem nu*, de Fernando Sabino, em uma roda de conversa;
- Apresentação do cronista Fernando Sabino com uma sucinta biografia, destacar o papel do cronista e sua relação com o público leitor.
- Discussão sobre os aspectos do gênero: elementos da narrativa, os aspectos discursivos, conteúdo temático, estrutura composicional do texto, aspectos estilísticos e a apresentação dos suportes de circulação de crônicas.
- Distribuição de um questionário entre os alunos que aborda o gênero crônica e suas características; o papel do cronista e sua relação com o leitor, como também, os temas do cotidiano que mais atraem o aluno e que poderiam compor uma crônica.

#### **RECURSOS UTILIZADOS**

- Cópias do texto impressas e Datashow.

#### **AValiação**

- Participação efetiva nas atividades de leitura e discussão em sala de aula;
- Realização das atividades propostas.

## **PLANO DE AULA 2**

### **APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO**

Número de aulas: duas aulas sequenciadas

### **OBJETIVOS GERAIS**

- Identificar as diferenças e semelhanças em crônicas de estilos diferentes.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Ler e analisar as crônicas: *A volta do filho pródigo*, de Moacyr Scliar e *A notícia mais triste do Brasil nesta semana*, de Xico Sá;
- Comparar as duas crônicas e identificar semelhanças e diferenças;
- Reconhecer os elementos estruturais do gênero crônica;
- Destacar a função do cronista e sua relação com o leitor em ambos os textos;
- Reconhecer os suportes de circulação dos referidos textos entre os domínios jornalísticos e literários.

### **CONTEÚDO**

- Estudo das crônicas *A volta do filho pródigo*, de Moacyr Scliar e *A notícia mais triste do Brasil nesta semana*, de Xico Sá;
- Análise das semelhanças e diferenças entre as referidas crônicas;
- Suportes em que circulam o gênero crônica e sua relação com os domínios jornalístico e literário.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Leitura das crônicas: *A volta do filho pródigo*, de Moacyr Scliar e *A notícia mais triste do Brasil nesta semana- Menino de 8 anos desmaia na escola e marca um país devolvido à geografia mundial da fome*, de Xico Sá;
- Discussão sobre as semelhanças e características das referidas crônicas e o hibridismo do gênero que permeia entre os domínios jornalístico e literário.
- Comentários sobre os diferentes tipos de crônicas e suas características;
- Apresentação do projeto de produção textual do gênero crônica, através das sequências didáticas, para o desenvolvimento das habilidades de escrita, enfatizando sua importância para aprendizagem da escrita em busca da adesão dos alunos.

### **RECURSOS UTILIZADO**

- Cópias dos textos impressas e Datashow.

### **AValiação**

- Participação efetiva nas atividades de leitura e discussão em sala de aula.

**PLANO DE AULA 3****SITUAÇÃO INICIAL**

- Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

**OBJETIVOS GERAIS**

- Identificar os elementos estruturais da crônica: conteúdo temático, estrutura composicional e aspectos estilísticos.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Ler, interpretar e analisar linguisticamente a crônica *O assalto*, de Carlos Drummond;
- Reconhecer os elementos estruturais do gênero crônica;

**CONTEÚDO:**

- Estudo da crônica *O assalto*, de Carlos Drummond de Andrade;
- Reapresentação dos elementos estruturais do gênero crônica;

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Leitura e análise da crônica: *O assalto*, de Carlos Drummond de Andrade;
- Motivação para produção da primeira versão de uma crônica

**RECURSOS UTILIZADOS**

- Cópias do texto impressas.

**AVALIAÇÃO**

- Participação efetiva nas atividades de leitura e discussão em sala de aula;
- Produzir o texto proposto.

## **PLANO DE AULA 4**

### **PREPARAÇÃO PARA PRODUÇÃO INICIAL**

Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

### **OBJETIVO GERAL**

- Apropriar-se de conhecimentos a respeito do tema a ser desenvolvido na produção inicial.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar no vídeo Escravos da tecnologia (Steve Cutts) três pontos negativos do uso excessivo do celular e apontar três aspectos positivos do uso desse dispositivo a partir de sua experiência.
- Ler o texto: Uso excessivo de celular pode comprometer funcionalidade de neurônios, de Paloma Oliveto) e identificar os motivos que levam os jovens e adolescentes a ficarem viciados no dispositivo eletrônico;
- Enumerar três aspectos negativos do uso do celular a partir da leitura da reportagem de Paloma Oliveto.
- Reconhecer o tema abordado no texto: o uso abusivo de celulares pelos jovens brasileiros e suas consequências.

### **CONTEÚDO:**

- Estudo de texto com base no tema escolhido para produção textual.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Visualização do vídeo para posteriormente apontar três aspectos negativos do uso abusivo do celular e, em seguida, apresentar três aspectos positivos a partir de sua experiência própria com o dispositivo.
- Leitura do texto e discussão para destacar três aspectos negativos do uso abusivo de celular e identificar as razões que levam os jovens a dependência desse dispositivo.
- Motivação para produção da primeira versão de uma crônica.

### **RECURSOS UTILIZADOS**

- Datashow
- Cópias do texto em estudo

### **AValiação**

- Participação efetiva nas atividades

**APÊNDICE B: PLANO DE AULA (5) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 1****MÓDULO 1- ELEMENTOS E ESTRUTURA DA NARRATIVA NO GÊNERO CRÔNICA**

Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

**OBJETIVO GERAL**

- Identificar os elementos e a estrutura da narrativa numa crônica

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Ler e discutir sobre os elementos da narrativa no texto: “O melhor amigo” (Fernando Sabino)
- Reconhecer os elementos e a estrutura da narrativa no gênero crônica presentes no texto.

Apontar nos textos produzidos pelos próprios alunos os elementos da narrativa.

Reescrever os textos que fugiram da sequência narrativa.

**CONTEÚDO:**

- Estudo da crônica “O melhor amigo”, de Fernando Sabino

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Leitura do texto e discussão sobre a estrutura e os elementos da narrativa.
- Aplicação das atividades para estudo da estrutura e dos elementos da narrativa.
- Reconhecer nos próprios textos dos alunos os elementos
- Reescrita dos textos que fugiram da sequência narrativa

**RECURSOS UTILIZADOS**

- Cópias do texto e da atividade

**AVALIAÇÃO**

- Participação efetiva nas atividades em sala de aula;

## APÊNDICE C: PLANO DE AULA (6) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 2

### **MÓDULO 2: Os aspectos particulares da narrativa: construção do enredo e as marcas argumentativas presentes em uma crônica**

- Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

#### **OBJETIVO GERAL**

- Identificar os aspectos particulares da narrativa: construção do enredo e as marcas argumentativas presentes em uma crônica.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Reconhecer no texto “O melhor amigo” (Fernando Sabino) como se dá a construção do enredo
- Identificar os elementos da narrativa numa crônica produzida por um aluno da turma.
- Identificar as estratégias argumentativas utilizadas para construção do enredo de ambos os textos.

#### **CONTEÚDO:**

- Estudo da crônica “O melhor amigo” (Fernando Sabino).
- Estudo da crônica de um aluno: A menina que não ajudava a mãe em casa por causa do celular.

#### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Releitura do texto “O melhor amigo”.
- Análise de uma crônica produzida por um dos alunos
- Reescrita de um trecho da crônica de um aluno para melhorar a argumentatividade do texto.

#### **RECURSOS UTILIZADOS**

- Cópia da atividade

#### **AVALIAÇÃO**

- Participação efetiva nas atividades em sala de aula.

**APÊNDICE D: PLANO DE AULA (7) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 3****MÓDULO 3: Elementos de coesão, marcação temporal e continuidade discursiva numa crônica**

Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

**OBJETIVO GERAL**

- Identificar elementos de coesão, marcação temporal e continuidade discursiva numa crônica.

**OBJETIVOS ESPECÍFICO**

- Reconhecer na crônica “Aprenda a chamar a polícia” (Luís F. Veríssimo) os elementos de coesão, marcadores temporais e de continuidade discursiva. Reescrever trechos de crônicas de alunos para resolver problemas de coesão.
- Melhorar o uso de marcadores temporais e de continuidade discursiva nas crônicas produzidas pelos alunos.

**CONTEÚDO**

- Elementos de coesão, marcadores temporais e de continuidade discursiva presentes numa crônica.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Leitura e análise da crônica “Aprenda a chamar a polícia” para apontar os elementos de coesão e de continuidade discursiva.

Análise e reescrita de crônicas produzidas por alunos.

**RECURSOS UTILIZADOS**

- Cópia do texto e das atividades

**AVALIAÇÃO**

- Participação efetiva nas atividades nas atividades.

**APÊNDICE E: PLANO DE AULA (7) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 4****MÓDULO 4- Discurso citado e os verbos *dicendi***

Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

**OBJETIVO GERAL**

- Empregar adequadamente o discurso relatado e o uso dos verbos *dicendi* em textos narrativos.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Reconhecer, na crônica “Pneu furado” (Luís F. Veríssimo), os tipos de discurso - direto, indireto e indireto livre.
- Reconhecer os verbos *dicendi* e empregá-los adequadamente.
- Resolver problemas de organização de parágrafo e pontuação nas crônicas escritas pelos alunos.

**CONTEÚDO**

- O discurso citado e os verbos *dicendi*.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Leitura da crônica “Pneu furado” para análise da construção do discurso citado, organização dos parágrafos e da pontuação adequada.
- Análise e reescrita de crônicas produzidas por alunos.

**RECURSOS UTILIZADOS**

- Cópia do texto e das atividades

**AVALIAÇÃO**

- Participação efetiva nas atividades nas atividades.

**APÊNDICE F: PLANO DE AULA (8) PARA APLICAÇÃO DO MÓDULO 5****MÓDULO 5 - Estilo linguístico e norma culta**

- Número de aulas: 2 (duas) aulas sequenciadas.

**OBJETIVO GERAL**

- Escrever em conformidade com as regras da norma culta.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Reconhecer e resolver os problemas de desvios ortográficos em produções textuais escritas pelos próprios alunos da turma.
- Resolver problemas de organização de parágrafos, de estruturação de frases e de pontuação em produções textuais escritas pelos próprios alunos da turma.

**CONTEÚDO**

- Estilo linguístico e norma culta.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Análise e reescrita de crônicas produzidas pelos alunos.

**RECURSOS UTILIZADOS**

- Cópia do texto e das atividades

**AVALIAÇÃO**

- Participação efetiva nas atividades nas atividades.

**APÊNDICE G: ORIENTAÇÕES PARA REESCRITA****PI1/PF1**

Cara #####,

Seu texto abordou o tema proposto, entretanto não está adequado ao gênero crônica. Você precisa desenvolver o texto integralmente em sequência narrativa, conforme como estudamos as características de uma crônica: narrativa curta que aborda temas do cotidiano etc. Reveja as atividades que realizamos sobre a estrutura do texto narrativo.

Como sugestão, seu texto pode partir do 4º parágrafo, no qual você narra a história de uma amiga que havia sido vítima da exposição de fotos íntimas nas redes sociais. Como sugestão, suas opiniões emitidas nos três primeiros parágrafos podem ser inseridas em diálogos que você pode criar entre personagens. Atenção para o uso da pontuação adequada no emprego do discurso direto, conforme estudamos.

Localize as personagens no tempo. Use palavras e/ou expressões de tempo para dar continuidade a história, localize também as personagens no lugar onde os fatos acontecem, usando palavras/expressões para isso.

Procure usar adjetivos e expressões para caracterizar a personagem principal, desenvolva a narrativa deixando-a emocionante, aumentando a tensão até o clímax (momento que a adolescente resolve cometer o suicídio e conseqüentemente o desfecho, que pode culminar ou não com o suicídio).

Betânia Paredes

**PI2/PF2**

Caro #####,

Sua crônica seguiu o tema proposto. Muito bem! Entretanto há um problema de incoerência que precisa ser resolvido. Há algumas as personagens denominadas simplesmente por “ele”, o que está causando dificuldade para diferenciá-las. Procure identificar as personagens de outra forma.

Defina também o foco narrativo, se o narrador está narrando do ponto de vista da 1ª ou 3ª pessoa. Em alguns trechos surge essa dúvida, principalmente no final. Observe as atividades realizadas sobre a estrutura do texto narrativo e do papel do narrador.

Reveja a forma como você empregou o discurso direto e utilize a pontuação adequada, se ainda houver dúvidas, reveja as atividades que realizamos.

Tenha mais atenção com a ortografia e a pontuação, conforme as orientações que expomos nas atividades.

Betânia Paredes

**PI3/PF3**

Caro #####,

Você conseguiu escrever sua crônica, levando em consideração as principais características do gênero e o tema proposto, muito bem!

Entretanto, é preciso melhorar alguns aspectos:

- Desenvolver o conflito: a menina não queria mais estudar ou sair do quarto só para ficar usando o celular. Explore esse conflito que surge entre mãe e filha. Crie diálogos entre as personagens, lembre-se das atividades que realizamos sobre a pontuação utilizada no discurso direto e no empenho dos verbos *discendi*.
- Atribua características (adjetivos) as personagens. Explore a situação psicológica das personagens.
- Procure usar palavras ou expressões que indiquem o lugar onde os fatos acontecem, como também palavras que indiquem o tempo decorrido na narrativa (exemplo: no dia seguinte), conforme estudamos nas atividades sobre a continuidade discursiva na narrativa.
- Procure levar o conflito para o clímax (momento de tensão da história) para só então apresentar o desfecho, o momento que tudo se resolve.
- Mais atenção com a ortografia e a pontuação. Reveja a concordância verbal (na linha 9/ 2º parágrafo) “ela estavam”. Reveja se as atividades realizadas, se houver dúvidas.

Betânia Paredes

**PI4PF4**

Caro #####,

Sua crônica precisa focar no tema proposto: uso abusivo do celular pelos adolescentes. Precisa também seguir apenas a sequência narrativa, ou seja, você vai contar uma história, abordando o referido tema. Veja alguns pontos importantes:

- Retire o primeiro parágrafo com os comentários sobre o assunto e aproveite o 2º parágrafo em diante para desenvolver a sua narrativa: a menina que teve o celular roubado porque estava distraída na rua, mexendo no celular
- Traga outras informações sobre o comportamento da menina para texto, apresente outras personagens, antes que ela seja surpreendida com assalto. Crie diálogos, se isso ajudar a caracterizar as personagens. Reveja a atividade sobre o discurso relatado (discurso direto) e a pontuação adequada;
- Use adjetivos para caracterizar a personagem (menina). Use palavras ou expressões para indicar o lugar onde os fatos se passam, como também para indicar o tempo decorrido (no dia seguinte, tempos depois etc.);
- Tenha atenção com o recuo inicial de cada parágrafo. Use a letra maiúscula inicial. Atenção com a ortografia e a pontuação. Reveja a atividade sobre o uso da norma culta.

Betânia Paredes

**PI5/PF5**

Caro #####.

Sua crônica atendeu às características do gênero, ficou boa, entretanto fugiu do tema proposto: uso abusivo do celular pelos adolescentes. A narrativa apresenta um celular perdido, mas não é o tema do conflito. Você pode pensar mais um pouco e desenvolver outra história.

Observe alguns aspectos a serem melhorados:

- Lembre-se da forma de apresentar o discurso relatado (discurso direto), caso opte por criar diálogos: use a pontuação adequada (dois pontos depois do verbo e travessão antes da fala da personagem). Cada fala corresponde a um parágrafo e cada intervenção do narrador também. Lembre-se das atividades realizadas sobre o assunto. Reveja a atividade;
- Procure também escolher os verbos *discendi* de acordo com as explicações que passamos, sempre de acordo com o que é dito pelas personagens, levando em conta a situação psicológica delas;
- Enriqueça sua narrativa atribuindo características às personagens. Isso pode ajudar a desenvolver o conflito;
- Tenha mais atenção com a ortografia (uso da letra maiúscula, por exemplo) e a pontuação. Reveja as atividades realizadas sobre o tema.

Betânia Paredes

**(PI6/PF6)**

Cara #####,

Seu texto abordou o tema proposto, entretanto não está adequado ao gênero crônica. Desenvolva o texto integralmente em sequência narrativa. Reveja as atividades que realizamos sobre a estrutura do texto narrativo.

Você precisa melhorar alguns aspectos da sua crônica:

- Elimine o 1º parágrafo e desenvolva a narrativa a partir do 2º parágrafo, que precisa ser reorganizado e distribuído em mais parágrafos. Isso trará mais coesão ao seu texto. Nele está o conflito vivido pela personagem.
- A narrativa ficaria mais interessante se houvesse um confronto entre mãe e filha por conta do celular quebrado: o que você acha de desenvolver um diálogo entre elas? Isso tornaria a narrativa mais interessante;
- Lembre-se da forma de apresentar o discurso relatado (discurso direto), caso opte por criar diálogos: use a pontuação adequada (dois pontos depois do verbo e travessão antes da fala da personagem). Cada fala corresponde a um parágrafo e cada intervenção do narrador também, conforme as atividades realizadas sobre o assunto. Reveja a atividade;
- Procure também escolher os verbos *discendi* de acordo com as explicações que passamos, sempre de acordo com o que é dito pelas personagens, levando em conta a situação psicológica delas;
- Enriqueça sua narrativa atribuindo características para a personagem principal. Isso pode ajudar a desenvolver o conflito. Explore questão psicológica da personagem;
- Use palavras ou expressões para indicar o lugar onde os fatos se passam, como também para indicar o tempo decorrido (no dia seguinte, tempos depois etc.).
- Tenha mais atenção com a ortografia (uso da letra maiúscula, por exemplo) e a pontuação. Reveja as atividades realizadas sobre o tema.

Betânia Paredes

**PI7/PF7**

Cara #####,

Seu texto abordou o tema proposto, entretanto não está adequado ao gênero crônica. Você precisa desenvolver o texto integralmente em sequência narrativa, conforme estudamos as características de uma crônica. Reveja as atividades que realizamos sobre a estrutura do texto narrativo.

Reveja os seguintes aspectos que precisam ser melhorados:

- Como sugestão, elimine o 1º e o 2º parágrafos e desenvolva sua narrativa a partir do 3º parágrafo, que precisa ser reorganizado e distribuído em mais parágrafos com mais detalhes. Nele está o conflito entre a narradora-personagem e a sua mãe;
- Você pode tornar a narrativa mais interessante, criando um diálogo entre as personagens para explorar o conflito do uso abusivo do celular.
- Lembre-se da forma de apresentar o discurso relatado (discurso direto), caso opte por criar diálogos: use a pontuação adequada (dois pontos depois do verbo e travessão antes da fala da personagem). Cada fala corresponde a um parágrafo e cada intervenção do narrador também. Lembre-se das atividades realizadas sobre o assunto. Reveja a atividade;
- Procure também escolher os verbos *discendi* de acordo com as explicações que passamos, sempre de acordo com o que é dito pelas personagens, levando em conta a situação psicológica delas;
- Enriqueça sua narrativa atribuindo características para a personagem principal. Isso pode ajudar a desenvolver o conflito. Explore questão psicológica da personagem;
- Use palavras ou expressões para indicar o lugar onde os fatos se passam, como também para indicar o tempo decorrido (no dia seguinte, tempos depois etc.).

Betânia Paredes

**PI8/PF8**

Caro #####,

Apesar de ter abordado o tema proposto, seu texto não tem as características de uma crônica. Reveja as atividades que realizamos sobre os a estrutura do texto narrativo e os elementos da narrativa. Você vai abordar o tema: uso excessivo do celular numa narrativa curta, expondo uma situação que esse fato cause algum problema, uma situação embaraçosa, como explicamos anteriormente.

Como sugestão elimine os dois primeiros parágrafos que trazem comentários sobre o tema e parta do 3º parágrafo, em que você narrou um caso de um adolescente que teve o celular roubado. Você poderia explorar esse fato, envolver mais personagens para desenvolver o conflito da narrativa

Reveja os seguintes aspectos na sua crônica:

- Procure situar seu leitor, indicando o lugar onde os fatos se passaram e também usando marcadores de tempo para ajudar no desenrolar dos fatos até chegar o momento do clímax e do desfecho, conforme estudamos.
- Você pode tornar a narrativa mais interessante, criando um diálogo entre as personagens para explorar o conflito do uso abusivo do celular.
- Lembre-se da forma de apresentar o discurso relatado (discurso direto), caso opte por criar diálogos: use a pontuação adequada (dois pontos depois do verbo e travessão antes da fala da personagem). Cada fala corresponde a um parágrafo e cada intervenção do narrador também, conforme as atividades realizadas sobre o assunto. Reveja a atividade;
- Procure também escolher os verbos *discendi* de acordo com as explicações que passamos, sempre de acordo com o que é dito pelas personagens, levando em conta a situação psicológica delas;
- Enriqueça sua narrativa atribuindo características (adjetivos ou expressões similares) à personagem principal.

Betânia Paredes

**PI9/PF9**

Cara #####,

Você conseguiu escrever sua crônica, levando em consideração as principais características do gênero e o tema proposto, muito bem!

Entretanto, é preciso melhorar alguns aspectos:

- Inicie o texto pelo título;
- Corrija a expressão que inicia a narrativa (“em um dia” por “um dia”) ou por outra expressão de tempo;
- Lembre-se da forma de apresentar o discurso relatado (discurso direto): use a pontuação adequada (dois pontos depois do verbo *discendi* e travessão antes da fala da personagem). As aspas não são indicadas para indicar a fala das personagens num longo diálogo.
- Cada fala das personagens corresponde a um parágrafo como também cada intervenção do narrador. Lembre-se das atividades realizadas sobre o assunto. Organize o emprego do discurso direto;
- Procure também escolher os verbos *discendi* de acordo com as explicações que passamos, sempre de acordo com o que é dito pelas personagens, levando em conta a situação psicológica delas;
- Tenha atenção com o recuo inicial de cada parágrafo. Use a letra maiúscula inicial. Atenção com a ortografia. Reveja a atividade sobre o uso da norma culta.

Betânia Paredes

**PI10/PF10**

Cara #####,

Você conseguiu escrever sua crônica, levando em consideração as principais características do gênero e o tema proposto, muito bem!

Entretanto, é preciso melhorar alguns aspectos:

- Lembre-se da forma de apresentar o discurso relatado (discurso direto): use a pontuação adequada (dois pontos depois do verbo *discendi* e travessão antes da fala da personagem). Releia o 2º parágrafo;
- Cada fala das personagens corresponde a um parágrafo como também cada intervenção do narrador. Lembre-se das atividades realizadas sobre o assunto. Organize o emprego do discurso direto;
- Procure também escolher os verbos *discendi* de acordo com as explicações que passamos, sempre de acordo com o que é dito pelas personagens, levando em conta a situação psicológica delas;
- Reorganize o último parágrafo precisa ficar mais claro, mais coeso. Você usa duas expressões de tempo que deixam o trecho incoerente: “aí um certo dia... e depois: aí nesse dia”. Reveja o trecho. Reveja também a pontuação (uso de vírgulas e pontos).
- O final da sua crônica deixa também uma dúvida: a mãe da adolescente achava que, após o celular ser quebrado, as coisas em casa melhorariam, mas isso não aconteceu, por quê?
- Tenha mais atenção com a ortografia e a pontuação. Reveja a atividade sobre o uso da norma culta.

Betânia Paredes

## **ANEXOS**

**ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**ANEXO B: TERMO DE ASSENTIMENTO**

**ANEXO C: FOLHA DE ROSTO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO AO CONSELHO DE ÉTICA**

**ANEXO D: CARTA DE ANUÊNCIA**

**ANEXO E: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD**

**ANEXO F: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD**

**ANEXO G: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD**

**ANEXO H: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD**

**ANEXO I: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD**

**ANEXO J: IMAGEM DO VÍDEO – ESCRAVOS DA TECNOLOGIA – ANIMAÇÃO STEVE CUTTS**

**ANEXO K: TEXTO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DO MÓDULO 1**

**ANEXO L: TEXTO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DOS MÓDULOS 2 E 3**

**ANEXO M: TEXTO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DO MÓDULO 4**

**ANEXO N: TRANSCRIÇÃO DAS PRODUÇÕES INICIAIS DOS ALUNOS**

**ANEXO O: TRANSCRIÇÃO DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS ALUNOS**

## ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Orientação para Alunos)

Prezado (a) Senhor (a)

A presente pesquisa, que aborda um processo de ensino e aprendizagem da escrita, está sendo desenvolvida pela pesquisadora Vera Betânia Cavalcanti Paredes Oliveira com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal #####, sob a orientação do Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento.

Este estudo objetiva a aplicação de uma proposta didática que instrumentalize os alunos para produção do gênero crônica, com foco no desenvolvimento de sua competência discursiva e assim, levá-los a produzir o referido gênero, considerando as suas marcas sociodiscursivas; desenvolver a capacidade de argumentação dos alunos e contribuir para torná-los produtores proficientes e críticos de textos. Assim, a finalidade deste trabalho é contribuir para a construção de uma prática pedagógica que, efetivamente, torne os alunos produtores proficientes de textos.

Solicitamos a sua colaboração para **participar das aulas e oficinas que ministraremos, produzindo textos e submetendo-os a um processo de avaliação formativa e somativa**, solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da linguística aplicada e publicá-los em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Destacamos, contudo, que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico, não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, e a pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



\_\_\_\_\_  
Assinatura da Testemunha

\_\_\_\_\_  
Espaço para impressão datiloscópica

**Contato da Pesquisadora Responsável:**

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Vera Betânia Cavalcanti Paredes Oliveira.

Endereço (Setor de Trabalho): E.M.E.F. Francisco Joaquim de Brito, Rua Getúlio Vargas, 243 Rio do Meio- Bayeux- PB. Telefone: (83) 3232- 2525

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

## ANEXO B: TERMO DE ASSENTIMENTO

### TERMO DE ASSENTIMENTO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convido-lhe a participar da pesquisa intitulada, **PRODUÇÃO TEXTUAL DE CRÔNICAS: uma proposta para o desenvolvimento da argumentatividade de alunos do 9º ano do ensino fundamental**, sob minha responsabilidade e do orientador Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento, cujo objetivo é contribuir para a construção de uma prática pedagógica que, efetivamente, torne os alunos produtores proficientes de textos.

A investigação é de caráter intervencionista e seguirá às seguintes fases, concernentes à abordagem do gênero: a) Elaboração da proposta de leitura e escrita de gênero discursivo com base nos procedimentos da Sequência Didática, propostos por e Dolz, Schneuwly & Norrevaz (2011); b) Descrição e análise da produção inicial escrita realizada pelos alunos, com a finalidade de verificar eventuais problemas encontrados nessa produção; c) Elaboração de uma proposta de intervenção com o intuito de resolver os problemas encontrados na fase anterior; d) Descrição e análise da produção final escrita, com o objetivo de verificar quais as características do gênero trabalhado foram efetivamente empregadas pelos alunos nessa produção; e) Comparação das primeira e última descrições a fim de verificar se os módulos trabalhados na proposta de intervenção atingiram os objetivos didáticos propostos; f) Descrição final do processo de escrita do gênero em estudo, com enfoque na aprendizagem de suas características linguístico-discursivas.

O risco envolvido nesse Projeto é o mesmo que pode acontecer em qualquer processo de ensino-aprendizagem de produção escrita: o fato de produzir um texto que será lido/avaliado pelo professor pode inibir o aluno. Entretanto, o procedimento Sequência Didática, escolhido para a presente investigação, prevê esse risco e adota a avaliação formativa, que se concentra no processo de produção e não no texto em si, diminuindo, dessa forma, a pressão por um resultado final e o ajudando a lidar com as próprias dificuldades e a valorizar cada avanço.

Vale salientar que há bom relacionamento entre a professora-pesquisadora; os alunos e as suas respectivas famílias, bem como o contexto no qual o processo ocorrerá, o que minimiza os riscos. Para os alunos, sujeitos da pesquisa, os benefícios são: 1. A oportunidade de desenvolver sua competência escrita, melhorando a qualidade dos textos que produz; 2. A oportunidade de refletir sobre a própria realidade e sobre os problemas locais, com vistas à superação desses problemas; 3. O estímulo à argumentação, colaborando com a tomada de decisões e defesa de pontos de vista dentro e fora do contexto escolar.

Os principais benefícios para a Linguística Aplicada, área na qual se insere este projeto, são:

- A verificação de uma proposta de ensino de produção textual do gênero e os possíveis benefícios para os alunos com dificuldade na produção escrita;
- A testagem da aplicação da S D para o ensino de produção textual do gênero crônica, no 9º ano do ensino fundamental, com enfoque na funcionalidade do gênero em questão e nos elementos que o constituem, bem como nos mecanismos linguístico-discursivos que promovem a argumentatividade própria ao referido gênero.

..

No decorrer da pesquisa você terá os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

O seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem, serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Para esclarecer de dúvidas, você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora, Professora Rosa Severina de Souza Oliveira, a fim de resolver o seu problema. O endereço profissional da mesma é: E.M.E.F. Francisco Joaquim de Brito, Rua Getúlio Vargas, Nº 243, Rio do Meio- Bayeux /PB. O telefone para contato é seguinte: (83) 98893-6589.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, me retirar do estudo sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bayeux /PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

## ANEXO C: FOLHA DE ROSTO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO AO CONSELHO DE ÉTICA

|  <b>MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP</b><br><b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS</b>                                                                                                                                                                                                                                                       |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| <b>1. Projeto de Pesquisa:</b><br>PRODUÇÃO TEXTUAL DE CRÔNICAS: uma proposta para o desenvolvimento da argumentatividade de alunos do 9º ano do ensino fundamental                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>2. Número de Participantes da Pesquisa:</b> 20                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>3. Área Temática:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>4. Área de Conhecimento:</b><br>Grande Área II: Linguagens, Letras e Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>5. Nome:</b><br>VERA BETANIA CAVALCANTE PAREDES OLIVEIRA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>6. CPF:</b><br>489.802.814-08                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                       | <b>7. Endereço (Rua, n.º):</b><br>RICARDO LOUREIRO CAVALCANTE JARDIM AEROPORTO casa BAYEUX PARAIBA 58308200                                                            |                                                  |
| <b>8. Nacionalidade:</b><br>BRASILEIRO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <b>9. Telefone:</b><br>(83) 3263-3547 | <b>10. Outro Telefone:</b>                                                                                                                                             | <b>11. E-mail:</b><br>betaniaparedes@hotmail.com |
| Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Assumo as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| Data: <u>07 / 06 / 2018</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                       | <br>Assinatura                                                                     |                                                  |
| <b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>12. Nome:</b><br>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                       | <b>13. CNPJ:</b><br>24.038.477/0017-87                                                                                                                                 | <b>14. Unidade/Orgão:</b><br>CCAE                |
| <b>15. Telefone:</b><br>(83) 3241-1835                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                       | <b>16. Outro Telefone:</b><br>(83) 3260-8470                                                                                                                           |                                                  |
| Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.                                                                                                                                                                                                                                                              |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>Responsável:</b> Maria Angélica Soares Pedroni Barbotin                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                       | <b>CPF:</b> 023.489.414-81                                                                                                                                             |                                                  |
| <b>Cargo/Função:</b> Diretora do CCAE/UFPB                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                       | <br>Profª Maria Angélica S. P. Barbotin<br>Diretora do CCAE/UFPB<br>SIAPE: 2517224 |                                                  |
| Data: <u>28</u> / <u>maio</u> / <u>2018</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| <b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |
| Não se aplica.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                       |                                                                                                                                                                        |                                                  |

**ANEXO D: CARTA DE ANUÊNCIA****CARTA DE ANUÊNCIA**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara, objetiva e detalhada, do projeto de pesquisa a ser desenvolvido nesta instituição, cujo objetivo geral é apresentar uma proposta didática voltada para a turma do 9º ano do ensino fundamental, que instrumentalize os alunos para reconhecerem as características do gênero crônica, com foco no desenvolvimento sociocomunicativo; leve-os a produzir o referido gênero, considerando as suas marcas sociodiscursivas; desenvolva nos alunos a capacidade de argumentar e contribua para torná-los produtores competentes e críticos de textos.

Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Também terei plena liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo. Tenho consciência, ainda, que a participação nesta pesquisa não terá complicações legais e que nenhum dos procedimentos usados oferece riscos e desconforto aos participantes.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente de pesquisa, a utilização dos dados coletados. O registro das observações ficará à disposição da Universidade para outros estudos, sempre respeitando o caráter confidencial das informações registradas e o sigilo de identificação dos participantes. Os dados serão arquivados pela pesquisadora e destruídos após um prazo de 05 (cinco) anos.

Os responsáveis por este projeto são: *Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento* (UFPB), [erypn@hotmail.com](mailto:erypn@hotmail.com), e a mestrand *Vera Betânia Cavalcanti Paredes Oliveira* (UFPB), [betaniaparedes@hotmail.com](mailto:betaniaparedes@hotmail.com).

Bayeux-PB, \_\_\_\_\_ de abril de 2018.

Nome da instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável pela instituição:

\_\_\_\_\_

## ANEXO E: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD

### O Homem Nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares. Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada.

Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido. Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer?

Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

## REFERÊNCIAS:

SABINO, Fernando. **O homem nu**. 38<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998, 192 p.

## ANEXO F: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DAS SD

### A volta do filho pródigo

*Cerca de 30 mil crianças e adolescentes fogem todo ano no Brasil. Oitenta por cento voltam para casa. Dificuldades com a família e busca de independência são as causas mais freqüentes das fugas. A volta é acompanhada de arrependimento.* (Folhateen, 28.mar.2005)

Meus pais não me compreendem, ele pensava sempre. As brigas, em casa, eram freqüentes. Os pais reclamavam do som muito alto, das roupas estranhas, das tatuagens. Revoltado, decidiu fugir de casa. Sabia que, para seus velhos, aquilo seria uma dura prova: afinal, ele era filho único. Mas estava na hora de mostrar que não era mais criança. Estava na hora de dar a eles uma lição. Botou algumas coisas na mochila e, uma madrugada, deixou o apartamento. Tomou um ônibus e foi para uma cidade distante, onde tinha amigos.

Ali ficou por vários meses. Não foi uma experiência gratificante, longe disso. Os amigos só o ajudaram na primeira semana. Depois disso ficou entregue à própria sorte. Teve de trabalhar como ajudante de cozinha, morava num barraco, foi assaltado várias vezes, até fome passou. Finalmente resolveu voltar. Mandou um e-mail, dizendo que estaria em casa daí a dois dias. E, lembrando que a mãe era uma grande leitora da Bíblia, assinou-se como "Filho Pródigo".

Chegou de noite, cansado, e foi direto para o prédio onde morava. Como já não tinha chave do apartamento, bateu à porta. E aí a surpresa, a terrível surpresa. O homem que estava ali não era seu pai. Na verdade, ele nem sequer o conhecia. Mas o simpático senhor sabia quem era ele: você deve ser o Fábio, disse, e convidou-o a entrar. Explicou que tinha comprado o apartamento em uma imobiliária:

- Seus pais não moram mais aqui. Eles se separaram.

A causa da separação tinha sido exatamente a fuga do Fábio:

- Depois que você foi embora, eles começaram a brigar, um responsabilizando o outro por sua fuga. Terminaram se separando. Seu pai foi para o exterior. De sua mãe, não sei. Parece que também mudou de cidade, mas não sei qual.

Fábio não agüentou mais: caiu em prantos. O homem se aproximou dele, abraçou-o. Entre aqui no seu antigo quarto, disse, tenho uma coisa para lhe mostrar. Ainda soluçando, Fábio entrou. E ali estavam, claro, o pai e a mãe, ambos rindo e chorando ao mesmo tempo. Tinha sido tudo uma encenação. Abraçaram-se, Fábio jurando que nunca mais sairia de casa.

A verdade, porém, é que não gostou da brincadeira, mesmo que ela tenha lhe ensinado muita coisa. Os pais, ele acha, não podiam ter feito aquilo. Se fizeram, é por uma única razão: não o compreendem. Um dia, ele terá de sair de casa. Mais tarde, naturalmente, quando for homem, quando tiver sua própria casa. Só que aí levará os pais junto. Pais travessos como os que ele tem precisam ser controlados.

(Folha de São Paulo (São Paulo) 04/04/2005)

## ANEXO G: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DAS SD

### A notícia mais triste do Brasil nesta semana

Xico Sá

#### **Menino de 8 anos desmaia na escola e marca um país devolvido à geografia mundial da fome (El país 17 nov. 2017)**

Michelzinho e demais filhos de autoridades não têm nada a ver com isso, são inocentes e devem ser protegidos. Tirem as crianças da sala. Gostaria, no entanto, que seus pais não ignorassem a notícia mais triste desta semana entre tantos péssimos relatos brasileiros: um menino de 8 anos desmaiou de fome em uma escola pública na vizinhança dos palácios de Brasília. O agente de saúde do Samu que atendeu ao chamado de uma professora constatou a doença: falta de comida.

Valei-me são Josué de Castro (Recife, 1908-1974), rogo ao médico e cientista pernambucano pioneiro na denúncia da fome como questão real da política, ainda nos tristes trópicos de 1946, depois de examinar operários que desmaiavam no chão de uma fábrica de tecidos no bairro da Torre, Recife. Sob a agulha da vitrola, o Chico Science & Nação Zumbi, free jazz sampleado das tripas do subdesenvolvimento, dá a letra: “Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça/ Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”.

Morador de um conjunto do Minha Casa, Minha Vida, no Paranoá Parque, o menino faminto estuda a 30 km da residência, no Cruzeiro, Distrito Federal. O caso foi noticiado pelo *DF TV*. Os governantes, como sempre, em suas notas frias e oficiais, lamentam o ocorrido.

Espero que a primeira-dama Marcela e a equipe do seu programa “Criança Feliz” atentem para a gravidade. Faço votos que a bancada do Congresso que tanto se escandaliza com a nudez artística, entre outras manifestações, se comova com a mais triste das notícias da semana. Ah se fosse apenas o menino da escola do Cruzeiro. Na mesma sala, palavra de professora, existem outros. A conta de somar é sem fim no Brasil devolvido à geografia da fome.

Não há manchete mais estarrecedora. Do tipo que merece as três exclamações exaltadas pelo cronista Nelson Rodrigues nos tempos d’*“A Última Hora”*. MENINO DE 8 ANOS DESMAIA DE FOME NO BRASIL DE MICHEL TEMER!!!

MENINO DE 8 ANOS DESMAIA DE FOME NA VIZINHANÇA DO PALÁCIO DO PLANALTO. Com direito a sangrar a página em maiúsculas, óbvio.

Menino desmaia no Brasil que voltou ao mapa da fome. Amigo punk mancheteiro, faça você mesmo, rasgue a capa em seis colunas com a foto do seu canalha político predileto. Amigo, não compre jornal, minta você mesmo, como grita o grafite dos anarquistas espanhóis.

Menino de 8 anos desmente poema de Olavo Bilac. Criança, jamais verás desmaio como este. E assim todas as possibilidades jornalísticas ou de guerrilha na linguagem. Menino de 8 anos desmente programa “Criança Feliz”.

Um sequestro, um roubo sem perdão à infância prometida. Outro dia escrevi sobre o “Não verás país nenhum”, caríssimo escritor Ignácio de Loyola Brandão, agora só me resta bilaquiar no subjuntivo ou no modo do verbo equivalente ao que foi sem nunca ter sido: “Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! não verás nenhum país como este!”

Parem as máquinas, sempre, segundo clichê da manchete. Menino de 8 anos tem direito a estudar bem-alimentado. Por mais comida e menos notas oficiais, governo do Brasil e do DF. Por mais crianças felizes, sem o Temer e suas representações golpistas. Que a merenda não seja roubada em nenhum estado do país, muito menos em São Paulo, a dita locomotiva blindada pelos investigadores oficiais.

São tantas manchetes impossíveis e tantos pedidos, meu são Josué de Castro, mas não desisto.

**REFERÊNCIAS:**

Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/17/opinion/1510950046\\_724120.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/17/opinion/1510950046_724120.html).

## ANEXO H: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD

### O Assalto

Carlos Drummond de Andrade

Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:

— Isto é um assalto!

Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de um admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?

— Um assalto! Um assalto! — a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado, escutou, multiplicando a notícia. Aquela voz subindo do mar de barracas e legumes era como a própria sirena policial, documentando, por seu uivo, a ocorrência grave, que fatalmente se estaria consumando ali, na claridade do dia, sem que ninguém pudesse evitá-la.

Moleques de carrinho corriam em todas as direções, atropelando-se uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. Não era o instinto de propriedade que os impelia. Sentiam-se responsáveis pelo transporte. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rolavam, tomates esborrachavam-se no asfalto. Se a fruta cai no chão, já não é de ninguém; é de qualquer um, inclusive do transportador. Em ocasiões de assalto, quem é que vai reclamar uma penca de bananas meio amassadas?

— Olha o assalto! Tem um assalto ali adiante!

O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se, puseram o nariz para fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador, um passageiro advertiu:

— No que você vai a fim do assalto, eles assaltam sua caixa.

Ele nem escutou. Então os passageiros também acharam de bom alvitre abandonar o veículo, na ânsia de saber, que vem movendo o homem, desde a idade da pedra até a idade do módulo lunar.

Outros ônibus pararam, a rua entupiu.

— Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem dar no pé.

— É uma mulher que chefia o bando!

— Já sei. A tal dondoca loira.

— A loura assalta em São Paulo. Aqui é morena.

— Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.

— Minha Nossa Senhora, o mundo está virado!

— Vai ver que está caçando é marido.

— Não brinca numa hora dessas. Olha aí sangue escorrendo!

— Sangue nada, é tomate.

Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria, as vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia jóias pelo chão, braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram, na pressa, era agora objeto de saque popular. Morreram no mínimo duas pessoas, e três estavam gravemente feridas.

Barracas derrubadas assinalavam o ímpeto da convulsão coletiva. Era preciso abrir caminho a todo custo. No rumo do assalto, para ver, e no rumo contrário, para escapar. Os grupos divergentes chocavam-se, e às vezes trocavam de direção; quem fugia dava marcha à ré, quem queria espiar era arrastado pela massa oposta. Os edifícios de apartamentos

tinham fechado suas portas, logo que o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar o pêlo e contemplar lá de cima. Janelas e balcões apinhados de moradores, que gritavam:

— Pega! Pega! Correu pra lá!

— Olha ela ali!

— Eles entraram na Kombi ali adiante!

— É um mascarado! Não, são dois mascarados!

Ouviu-se nitidamente o pipocar de uma metralhadora, a pequena distância. Foi um deitar-no-chão geral, e como não havia espaço uns caíam por cima de outros. Cessou o ruído, Voltou. Que assalto era esse, dilatado no tempo, repetido, confuso?

— Olha o diabo daquele escurinho tocando matraca! E a gente com dor-de-barriga, pensando que era metralhadora!

Caíram em cima do garoto, que sorveteu na multidão. A senhora gorda apareceu, muito vermelha, protestando sempre:

— É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!

#### **REFERÊNCIAS:**

<http://www.facetasculturais.com.br/2016/09/o-assalto-de-drummond.html>. Disponível em: 10 jul 2018.

## ANEXO I: TEXTO UTILIZADO NA ETAPA DENOMINADA COMO “SITUAÇÃO INICIAL” DA SD

### Uso excessivo do celular pode comprometer funcionalidade de neurônios

Paloma Oliveto

Nunca se olhou tanto para baixo. Na fila, no parque, na escola, no trabalho, no museu, no ônibus e, perigosamente, no carro, as pessoas parecem só ter um interesse: a tela do smartphone. A ponto de, nos Estados Unidos, um estudo do Pew Research Center ter apontado que 46% da população diz não conseguir viver sem seu celular com acesso à internet. A dependência do gadget, usado menos para fazer ligações do que para ler notícias, interagir nas redes sociais, jogar e assistir a vídeos, tem até nome: nomofobia, o medo de ficar longe do aparelho.

Preocupados principalmente com o impacto disso entre os jovens, que, segundo estudos, são os usuários que passam mais tempo mexendo nos celulares, pesquisadores da Universidade da Coreia em Seul decidiram investigar como essa dependência se dá do ponto de vista da química cerebral. Para tanto, o neurorradiologista Hyung Suk Seo reuniu um grupo de 19 jovens, com média de idade de 15,5 anos e dependência em internet e/ou smartphones diagnosticada, e outro com 19 adolescentes da mesma faixa etária, mas que não sofriam do problema.

Doze dos 19 que não conseguiam viver longe dos aparelhos receberam nove semanas de terapia cognitivo-comportamental, adaptada de um programa desenhado para dependentes em jogos de azar, como parte do estudo. Os pesquisadores utilizaram testes padrão de adicção em tecnologia para medir a severidade do vício. As questões investigavam o quanto a internet e os celulares afetam a rotina diária, a vida social, a produtividade, os sentimentos e os padrões de sono dos jovens. Quanto maior o escore, maior no nível de adicção.

Um dos achados foi que os adolescentes dependentes de celular exibem níveis mais significativos de depressão, ansiedade, insônia e impulsividade, comparados aos que não sofrem do problema. Para medir como isso ocorre no cérebro do ponto de vista fisiológico, os pesquisadores fizeram o exame chamado espectroscopia por RNM, tipo de ressonância magnética que mede a composição química do órgão.

Os participantes foram submetidos a esse método não invasivo antes e depois da terapia cognitivo-comportamental. Já os jovens não adictos em tecnologia foram submetidos ao exame apenas uma vez para medir os níveis de GABA, um neurotransmissor que inibe ou retarda sinais no cérebro, e de Glx, neurotransmissor que torna os neurônios mais excitados eletricamente. Pesquisas anteriores constataram que o GABA está envolvido no controle da visão e da parte motora, além da regulação de várias funções cerebrais, incluindo a ansiedade.

Os resultados da espectroscopia por RNM revelaram que, comparado aos jovens do grupo de controle, os dependentes apresentavam uma razão entre Gaba e Glx muito maior no córtex cingulado anterior, região que, entre outras coisas, regula as emoções. “Essa associação foi significativamente correlacionada às escalas clínicas de dependência em internet e smartphone, além de depressão e ansiedade”, diz Hyung Suk Seo, que apresentou um trabalho sobre o estudo, ainda não publicado, no congresso anual da Sociedade Radiológica da América do Norte. “Um excesso de GABA pode resultar em vários efeitos colaterais, incluindo ansiedade e sonolência” observa.

## Reversão

Segundo o médico, são necessários mais estudos para que a descoberta tenha implicação clínica. “O que podemos deduzir, por ora, é que o aumento na produção de GABA no córtex cingulado anterior nos jovens com adicção pode estar relacionado à perda da integração funcional e da regulação do processamento dos neurônios na rede celular associada às emoções e à cognição”, adianta. Seo ressalta que o trabalho também revelou uma boa notícia: a razão entre Gaba e Glx diminuiu e, em alguns casos, normalizou, depois da terapia cognitivo-comportamental, indicando um potencial alvo terapêutico.

“Nossos smartphones se transformaram em uma ferramenta que fornece satisfação rápida e imediata. Nossos neurônios respondem a isso imediatamente, lançando dopamina. Ao longo do tempo, isso aumenta nosso desejo pelo feedback rápido e pela satisfação imediata. Esse processo também contribui para o desenvolvimento de intervalos de atenção mais curtos e torna as pessoas mais propensas ao tédio”, explica Isaac Vaghefi, professor da Universidade de Nova York que pesquisou a nomofobia entre 182 estudantes universitários.

Os estudantes tinham de reportar a rotina diária e o uso de smartphone. Baseado na análise das respostas, o pesquisador os classificou em quatro tipos: pensativo, regular, altamente engajado, fanático e adito. Sete por cento da amostra entrou na categoria da adicção e 12% foram identificados como fanáticos. Os universitários enquadrados nos dois grupos relataram ter passado por problemas pessoais, sociais e profissionais devido à necessidade compulsiva de estar com os smartphones. De forma geral, eles exibiram sinais que poderiam indicar depressão, isolamento social, timidez, impulsividade e baixa autoestima. As mulheres mostram-se mais propensas ao comportamento aditivo.

“A dependência tecnológica não é um transtorno mental oficial, mas esse termo se refere a um comportamento de adicção em relação a mídias sociais, mandar mensagens em excesso, carregar muita informação, fazer muitas compras on-line, jogar, acessar pornografia on-line, enfim, o uso excessivo do smartphone”, diz Vaghefi. “Enquanto que a minoria se identificou como dependente, acredito que a adicção tecnológica vai aumentar à medida que a própria tecnologia continua a avançar, e os desenvolvedores de gadgets, aplicativos e jogos encontram novas formas de ganhar a atenção dos usuários por longos períodos de tempo”, afirma.

*“Nossos neurônios respondem a isso (uso do smartphone) imediatamente, lançando dopamina. Ao longo do tempo, isso aumenta nosso desejo pelo feedback rápido e pela satisfação imediata”*

**Isaac Vaghefi, professor da Universidade de Nova York e pesquisador da nomofobia**

Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/12/06/noticias-saude,218042/uso-excessivo-de-celular-pode-comprometer-funcionalidade-de-neuronios.shtml>

**ANEXO J: IMAGEM DO VÍDEO – ESCRAVOS DA TECNOLOGIA – ANIMAÇÃO  
STEVE CUTTS**



**REFERÊNCIAS:**

CUTTS, STEVE. **Escravos da tecnologia**. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Qx8JloNOz0Y>. Acesso em: 13 ago 2018.

## ANEXO K: TEXTO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DO MÓDULO 1

### O MELHOR AMIGO

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente à distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha na direção de seu quarto.

– Meu filho? – gritou ela.

– O que é? – respondeu, com ar mais natural que lhe foi possível.

– Que é que está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ganhar tempo:

– Eu? Nada...

– Está sim. Você entrou carregando uma coisa.

Pronto: estava descoberto. Não adiantava negar, o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

– Olha aí, mamãe: é um filhote...

Seus olhos súplices aguardavam a decisão.

– Um filhote? Onde é que você arranjou isso?

– Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de ISSO. Insistiu ainda:

– Deve estar com fome, olha a carinha que ele faz.

– Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!

– Ah! Mamãe... – já comendo cara de choro.

– Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto emburrado: a gente também não tem nenhum direito nessa casa – pensava. Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado dessa maneira!

– Que diabo também, nessa casa tudo é proibido! – gritou lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.

– Dez minutos! – repetiu ela, com firmeza.

– Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.

– Você não é todo mundo.

– Também, de hoje em diante eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.

– Veremos – limitou-se a mãe, de novo distraída com a costura.

– A senhora é ruim mesmo, não tem coração.

– Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar, com seu novo amigo, e depois.... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável

– Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.

– Ah, mamãe deixa! – choramingou ainda.

– Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nessa vida...

– E eu? Que bobagem é essa, você não tem a sua mãe?

– Mãe e cachorro não é a mesma coisa.

– Deixa de conversa: obedece a sua mãe.

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...

Meia hora depois, o menino voltava da rua, radiante:

– Pronto, mamãe!

E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido seu melhor amigo por trinta dinheiros.

– Eu devia ter pedido cinqüenta, tenho certeza de que ele dava – murmurou pensativo.

**ANEXO L: TEXTO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DOS MÓDULOS 2 E 3****APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA**

Luís Fernando Veríssimo

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa.

Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro.

Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa.

Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois liguei de novo e disse com a voz calma: Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para essas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

– Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

– Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

**ANEXO M: TEXTO UTILIZADO NAS ATIVIDADES DO MÓDULO 4****PNEU FURADO**

Luís Fernando Veríssimo

O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.

Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo

"Pode deixar". Ele trocava o pneu.

- Você tem macaco? - perguntou o homem.

- Não - respondeu a moça.

- Tudo bem, eu tenho - disse o homem

- Você tem estepe?

- Não - disse a moça.

- Vamos usar o meu - disse o homem.

E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.

Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.

Dali a pouco chegou o dono do carro.

- Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado.

- É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar.

- Coisa estranha.

- É uma compulsão. Sei lá.

**ANEXO N: TRANSCRIÇÃO DAS PRODUÇÕES INICIAIS DOS ALUNOS****PI1**

O uso do celular e o suicídio

As pessoas ultimamente estão querendo mostrar falsas aparências pelo celular por que querem ser curtidas querem mostrar uma falsa perfeição aquela que não existe.

Várias pessoas estão se isolando quando estão no celular, não conversam mais nem interagem mais uns com os outros.

Várias pessoas se preocupam mais com as notícias de fato não se preocupam com os sentimentos das pessoas não querem saber se elas estão bem o que aconteceu ou o que deve está acontecendo com aquela pessoa O celular está tomando a atenção de muita gente principalmente de jovens e adolescentes.

Minha colega deixou de usar redes Sociais por conta que vasou uma foto dela e essa pessoa que a pediu a foto posto em várias redes daí as pessoas começaram a zombar dela falar dela e chingar então ela começa, a ficar em depressão, insônia a não querer mais comer não tinha vontade de fazer mais nada até um dia ela chegar a uma conclusão que não queria mais saber de nada que iria aguentar todos e foi para a escola chegando lá foi mais difícil do que ela pensava então ela veio pra casa chorando escreveu uma cartinha para mãe dela amigos e o namorado e disse que não aguentava mas pegou 2 cartelas de remédio sim! Ela se suicidou Glória Maria.

As pessoas estão focadas no celular para fazer o mal para outras pessoas jmj as querem destruir vidas, relacionamentos amizades e etc. bullying.

O suicídio está sendo diário ultimamente em várias cidades está ficando muito comum pessoas tirando brincadeira de mal gosto e usando os celulares para isso por isso vários adolescentes estão e suicidando por causa disso estão tirando a suas próprias vidas.

**PI2**

O acontecido

No dia 10 de setembro ele veio para a escola e ficou muito triste pois estava quase todos, mechendo no celular, aí um falou:

“ É bom de mas meche no celular, a caber de conhecer uma menina muito linda e o nome dela é andresa “.

Mas ele ficou, só imaginando, por que tem muito fake. e as vezes muitas pessoas dizem sé uma pessoa e é outra, só depois a pessoa descobre; aí um colega perguntou se ela era bonita e ele disse.

“É o que é muito linda, ela tem o olho mas azul e é bem branquinha”.

“Depois eu quero conhecer, viu.” falou o colega.

Dias depois ele descobriu que não era o que ele queria, Por que ele saiu com ela e descobriu um segredo dela, hum qual foi, ele falou.

“ Foi assim a gente saiu, fomos passear logo agente já estava se dando bem até que ela falou,

- Eu sou homem.

Aí ele “É o que como isso.

-Por que, você não gosta, porisso eu não queria conta.

Ele logo se levanta dá o famoso pulo pra trás e fala. “Como sé você tem peito e até a bunda de mulher, sair me esquecer.

-Mas eu gosto de você, não vá por favor. disse ela.

-Quando ele falou pra mim eu morri de rir dele, “Porisso eu não mecho em fase Por que ela pra chegar em você uso um fake que é um fase falso; tem que saber meche no celular e usar com sabedoria por que muitos não sabem.”

**PI3**

O celular causa doença

A menina que usa muito o celular que a mãe dela ficava com medo por que ela não queria ir pra escola não saia do quarto para comer, brincar, falar com a mãe o que estava acontecendo.

Ela ficavam o dia todo no celular a mãe não sabia o que fazer pedia ajuda ao amigo e também o médico o médico disse que era uma fase da vida que depois ela ia perceber que ela precisava da noção mas depois ela voltou a estudar e falar com os amigos.

A mãe ficou mas feliz porque a filha voltou ao normal eu fiquei pesado na vida, que o celular é bom mas também faz mal a pessoa

**PI4****O celular**

O celular nunca era pra inventa neste mundo os joven morre por bestera pelo que as pessoa fala vi ver uma falsa aparencias na rede social as pessoas de hoje só se fala pelo celular nunca sair para ver a paisagem e viver o mundo o mundo real ter mais amo nas pessoas que vocês fala mal fique feliz com a sua aparência nunca ouvir as pessoas fala.

Serto dia eu vei uma menina meixedo no celular na rua e passa um ladrão e roubo ele não presto a tesão que vei atran dele mas isso e pra ela saber que nunca meixe no celular no meio da rua ele ficou trinte por perde o celular e fique pesado nisto e aprendi que nunca fique co o celular na rua.

**PI 5**

Um dia eu e meus amigos saímos para tomar banho de piscina.

Mas passamos por uma situação constrangedora, nós pulamos para nós divertir quando todo mundo estava distraído o dono da piscina chegou na casa e viu agente. Corremos para que o dono da casa não capturasse nós. conseguimos escapar mais porém um de nós esqueceu o celular. tentamos voltar para pegar o celular mais o dono da casa havia chamado a policia todos esperamo passar alguns dias para pegar o celular.

Chegou o dia de ir pegar o celular o dono da casa estava em casa e acabou capturando agente.

Dono: porquê vocês pularam para minha casa?

Lucas: desculpe pulamos para tomar banho e nós divertir. isso não vai mais acontecer!

Voltamos para pegar o celular que um do grupo havia esquecido conseguimos pegar o celular é o dono da casa fez uma brincadeira que ia ligar para polícia ficamos muito nervosos imploramos para que ele não ligasse.

Dono: fiquem calmos não vou ligar pra ninguém, mas nunca mais faça isso.

por causa de um celular quase fomos presos tomem cuidado!

**PI 6****O uso abusivo do celular**

O uso abusivo dos celulares é muito permanente na vida de todos os jovens no Brasil. Segundo estudos são os usuários que passam mais tempo mexendo nos celulares e não prestam atenção nas ruas, em casa, etc.

Certo dia uma amiga minha chamada Karol ela só vivia no celular na Escola, no trabalho, até nas ruas Karol não largava o celular pra nada nem pra tomar banho aí teve um dia que Karol foi tomar banho e tava tomando banho e quando chegava uma mensagem Karol toda molhada foi responder Karol respondeu a primeira mensagem e voltou pra o chuveiro aí do nada chegou outra mensagem e Karol foi responder e acabou escorregando com o celular na mão, mas Karol soltou o celular e o celular caiu dentro da privada e Karol ficou triste e com medo.

Triste porque o celular era novo e com medo porque a mãe ia ficar muito brava por que Karol queimou o celular.

Esso é pra todos saberem que não devemos usar o celular na hora do banho, nem na hora das refeições nem na Escola só devemos usar o celular numa precisão.

**PI7****Causas e consequência do celular**

Os aparelhos celulares hoje em dia se transformaram em uma ferramenta que fornece satisfação para os adolescentes, as pessoas estão cada vez mais ligados nos smartphones, as pessoas estão cada vez mais distantes uma das outras, o abuso excessivo do celular está isolando as pessoas e isso vem causando consequências para a saúde das pessoas.

Isso acontece diariamente comigo, meu uso abusivo do celular vem causando muitas brigas em casa, minha mãe reclama muito, principalmente porque isso vem me causando insônia. Eu posso dizer que sou uma adolescente dependente do celular/internet, não consigo sair sem o celular.

Certo dia desses eu estava ajudando minha mãe arrumar a casa pois iríamos mudar, infelizmente a gente discutiu pois eu fazia as coisas com o celular na mão, minha mãe ficou muito preocupada comigo querendo saber o porque desse meu vício, meu uso irregular do celular.

Todas as noites fico sem dormir, fico a madrugada toda conversando e jogando ou assistindo no celular. Já acordo pensando em mecher no celular. As coisas que o aparelho celular fornece para os adolescentes são viciantes.

Não consigo viver mais sem o celular, ele até faz parte de mim.

Até um desses eu fui assaltada...exatamente isso. Roubaram o meu celular e a primeira coisa que gritei porque iria perder tudo, redes sociais, fotos, número, tudo.

Mas estou usando o da minha irmã com ela, é isso que vem causando mais brigas porque as duas querem mecher no celular. Mas assim eu tô indo né, até ganhar outro.

**PI 8**

O uso abusivo do celular Pelos jovens e adolescentes Pode causar varios Pontos negativos os adolescentes Podem se suicidar Por vazar fotos nuas elas ficam deprimidas e acabam Pulando de cima de um Predio o uso abusivo do celular causa vários doenças como depressão, ansiedade, insônia e impulsividade.

Mais o celular como traz Pontos negativos também trazem Pontos Positivos comunicação mais rapida Pode se falar com Pessoas distantes A Pesquisa Pode se fazer Pesquisas escolares e redes sociais falar com Pessoas Proximas e Postar fotos.

Um dia um amigo meu estava na frente de casa com o celular e acabaram roubando o celular dele mais como a tecnologia esta avançada na mesma hora ele foi no Armazem Paraiba onde ele comprou o celular e bloqueiou o aparelho o bandido ficou só com a carcaça e não teve mais utilidade para ele

**PI 9**

Em um dia fui visitar uma amiga e acabei passando o dia inteiro com ela , percebi muitas coisas estranhas dentro da quela casa. Assim que cheguei lá percebi que A casa estava Completamente bagunçada, a menina estava mexendo no celular.

Acabei ficando um pouco encomodada e fiz a ela uma pergunta. “Amiga você não arruma essa casa “? ela respondeu “Eu estou mexendo no celular” respondi a ela normalmente “ok” fui cumprimentar-me a mãe dela, coitada tava Cheia de serviso ela me chamou para cozinha e disse “ Olhe minha filha não faz nada nessa casa você não sabe como soffro, faço tudo sozinha.” Eu respondi “entendo o seu lado pois ela não é a primeira menina que faz a mesma coisa, a senhora quer a minha ajuda? ela respondeu: quero sim.

então eu falei vamos primeiro enterter ela com outra coisa que não seja o celular o dia inteiro, cheguei nela e disse, “ Amiga vamos sair” ? Ela respondeu: “não quero estou nas minhas redes sociais”. Eu disse: amiga você não Sai desse celular o dia inteiro. Ela: “ Mas se eu quero ficar aqui vou ficar aqui. ” Me precipitei e disse: mas isso não estar certo, Cê vai ficar louca, peguei e puxei o braço dela e levei ela para fora da casa dela, e saímos. Comecei a falar: Olha amiga desculpa por ter tirado você de sua propria casa, mas você já estar passando dos limites.

Simplesmente sua mãe me chamou e falou varias coisa, você não faz nada em casa cheguei la e estava tudo revirado, se você quiser Ser a minha amiga vai ter que mudar.

Ela disse: ok amiga não vou mais usar o celular, eu sei de tudo isso que causa doença e varias coisas, eu te prometo que vou ajudar minha mãe em casa. Olhou para mim e disse: muito obrigada amiga Sorrindo para mim me deu um abraço apertado e voltou pra casa, me mandou mensagem depois de alguns dias e disse melhorei bastante amiga so tenho a agradecer. Fim

Título: A menina que não ajudava a mãe em casa por causa do celular

**PI10****Briga em casa**

Uma certa vez tinha uma amiga que era muito viciada em celular que ela só comia com o celular na mão pra todo canto era com o celular mexendo não queria que ninguém pegasse.

A mãe dela só fazia Briga falando menina larga esse celular minha filha e ela não queria saber se fosse na escola era broca também a diretora mandou chamar a mãe na escola e a mãe falou essa menina não tem jeito não sei mais oque fazer com ela estou pensando em pegar esse celular dela e vender a mãe dela falando coma diretora da escola.

A mãe tentando falar com ela mas não teve jeito falou que iria vender o celular dela mas ela não acreditou achou que era brincadeira e sempre nem ai para o que a mãe falava.

Ai um certo dia ela foi comer o celular ia caindo ela tentou pegar não aconteceu nada com o celular mas ela foi para o Banheiro ai nesse dia ela não conseguiu livra o celular caio no balde de água nesse dia ela não conseguiu salvar o celular entrou água ela saiu do Banheiro loca chorando por que o celular tinha caído na água falando para mãe dela a mãe dela de Graças a Deus o celular cai na água pensou que tudo ia melhora mais pensou tudo errado

**ANEXO O: TRANSCRIÇÃO DAS PRODUÇÕES FINAIS DOS ALUNOS****PF1****O Uso Abusivo Do Celular e o Suicídio**

Minha Colega deixou de usar redes sociais por conta que vasou uma foto dela. E essa pessoa que a pediu a foto ele postou em várias redes sociais daí as pessoas começaram a falar mal dela e xingá-la.

Então a garota começou a ficar com depressão, insônia a não querer mais comer, não tinha vontade de fazer mais nada.

Até um dia ela chega a uma conclusão que não queria mais saber de nada. Disse que iria aguentar a todas as piadinhas e foi para escola, chegando lá, foi mais difícil do que ela imaginava.

Então ela veio correndo da escola chorando e foi para casa, ela realmente não aguentava mais e decidiu escrever uma carta para os amigos e familiares.

A mãe dela achava que ela ficava muito tempo no seu celular falava pra ela todos os dias:

- Filha saia desse celular e venha ficar com sua mãe um pouco.

A garota disse:

- Não mãe estou muito melhor mexendo no meu celular me deixa.

Sua mãe disse:

- Ok, filha.

**PF 2****O acontecido**

Um dia desse, ele veio pra escola e ficou muito triste, pois estavam quase todos mexendo no celular. Aí alguém falou:

- É bom demais mexer no celular, acabei de conhecer uma menina muito linda e o nome dela é andresa “.

Mas ele ficou, só imaginando, por que tem muito fake. E as vezes alguém diz ser uma pessoa e é outra. Só com um tempo a pessoa descobre.

Aí um colega pergunto se ela era bonita e ele disse.

- Ela é muito linda e ela tem o olho mas azul e é bem branquinha.

- Depois eu quero conhecer. Falou o colega.

No dia seguinte ele descobriu que não era o que ele pensava, porque ele saiu com ela e descobriu um segredo dela.

- Hum... Qual foi?

Ele falou:

- Foi assim: a gente saiu, fomos passeiar logo a gente já estava se dando bem até que ela falou,

- Eu sou homem.

Aí ele:

- É o que. como é isso?

- Por que, você não gosta? – Perguntou ele (ou ela) – por isso eu não queria contar.

O rapaz enganado dá o famoso pulo pra trás e pergunta contrariado:

- Como se você tem peito e até a bunda de mulher? saia me esquesa.

- Mas eu gosto de você, não vá por favo: disse ela (ou ela).

- Quando ele falou pra mim eu morrir de rir dele, “ ficou com um homem”. Falou o colega sorrindo dele.

Poriso eu não mexo muito em Face, Por que ela pra chega em você uso o famoso fake que é um Face falso; tem que saber mexer no celular e usar com sabedoria, por que muitos não sabem.

**PF 3**

O celular causa doença

A menina que usavam muito o celular. A mãe dela ficavam triste por que ela não ir para escola.

Não saia do quarto para comer e brinca e não queria falar com a mãe, perguntou ao médico o que estava acontecendo.

Ela ficavam o dia todo, no celular a mãe não sabia o que fazer pediu ajuda ao amigo da escola é também o médico disse que era uma fase da vida que depois ela voltou a estuda e fala com os amigo.

- A mãe ficou mas feliz.

Por que a filha voltou ao normal percebeu que o celular prejudicar a vida da pessoa e trais muito problema e doença que prejudica muito.

- A menina ficou alegri de mais porque parou de mexer no célula ela começou a estuda e da valor avida.

**PF 4**

Uso abusivo do celular

Era uma vez um garoto que era viciado no celular e que não gostava de ficar sem ele esse garoto até parou de ir para escola. Tever um dia que a mãe dele ficou com muita raiva e vendeu o celular do garoto aí. Ele saiu de casa e fala pra mãe, que vai embora de casa o garoto não ligou pra queamãe dele falou.

Quando fez um ano fora de casa, o menino ficou solitário e ele viu a mãe fala pro garoto filhou vota pra casa, chorado o menino falou eu votou mãe e peder desculpa tudo que ele fez aí a mãe ficou feliz com o garoto

**PF 5****Celular quebrado**

Eu e outros amigos estava na sala jogando no celular.

Um de nossos amigos abriu a porta, meio estranho passou cautelosamente para outro quarto.

- o que aconteceu - disse eu
- nada não
- Porque está estranho?
- estou normal.

Voltei a mexer no celular com os outros meninos.

Ele veio com o celular na mão todo triste.

- o que houve – disse eu  
- meu celular caiu e quebrou estive a noite toda mexendo nele minha vista ficou embaçada e deixei cair.

Reclamamos com ele para que diminuísse o uso abusivo do celular. Se continuar vamos dizer a seus pais.

Saiu chateado e a gente ficou preocupado com o que podia acontecer.

Um tempo depois ele voltou com 100 reais: havia vendido o seu celular

Pois estava causando problemas.

Agora ele passou a vender celulares.

**PF 6****O uso abusivo do celular**

Certo dia, uma amiga minha chamada Karol, só vivia no celular, na Escola, no trabalho, até nas ruas, não largava o celular, pra nada nem pra tomar banho.

Teve um dia, que Karol tava tomando banho quando chegou um mensagem.

Karol toda molhada foi responder a primeira mensagem e volto pra o chuveiro.

Depois, de minutos chegou outra mensagem. Karol respondeu e acabou escorregando com o celular na mão.

O celular caiu dentro da privada, Karol ficou triste e comedo.

Triste porque o celular era novo.

E comedo porque a mãe vai ficar muito brava.

A mãe de Karol chegou do trabalho e perguntou:

-Filha, cadê seu celular?

E Karol comedo respondeu:

-Mãe, te peço desculpas!

A mãe perguntou:

-Por que, filha?

Karol muito nervosa falou:

-Sem querer eu fui tomar banho e levei o celular, quando do nada escorregou da minha mão!

Respondeu a mãe:

-Filha eu não tinha nem terminado de pagar o celular!

Karol triste falou:

-Me desculpa, mãe!

Respondeu a mãe:

-Eu te desculpo mas, não vou comprar mais celular nenhum pra você!

Karol muito triste:

-Tá certo, mãe.

**PF 7****Causas e circunstância do celular**

Os aparelhos celulares hoje em dia se transformaram em uma ferramenta que fornece satisfação para os adolescentes.

Um certo dia, eu estava ajudando a minha mãe a arrumar a casa, pois iríamos nos mudar, infelizmente eu e ela discutimos, pois eu só fazia as coisas com o celular na mão, minha mãe ficou muito preocupada comigo, então resolveu me chamar para conversar.

Ela disse:

- Beatriz, o que está acontecendo? Você não larga esse celular.

Eu respondi:

- Nada mãe!

Ela respondeu:

- Como nada? Você passa a madrugada toda nesse celular. Não me ajuda com nada, já acorda com o celular na mão, se continuar assim irei tomar seu celular.

Eu fiquei com raiva, porém não queria ficar sem o celular, então, deixei o celular um pouco de lado e comecei a ajudar a minha mãe.

**PF8**

O dia em que meu amigo foi roubado

Certo dia, eu fui na casa do meu amigo, ele estava mexendo no celular.

Eu perguntei para ele:

- Por que você não larga esse celular?

Ele respondeu

- Porque o celular faz parte de mim

Ele não queria mas sair de casa só ficava no quarto

Ai eu chamei ele:

- Vamos para frente da sua casa

Ele respondeu

- Vamos

Fomos para frente da casa dele e ele levou seu celular

- Guarde seu celular você vai ser roubado

Ele respondeu:

- Não tenho medo de ladrão de repente passou uma moto e levou seu celular

Ele disse:

- Que azar o ladrão levou meu celular mas tem como recupera-lo o rastreador estava ligado.

Ele foi no armazém Paraíba rastreou o celular e conseguiu recupera-lo

Ele disse:

Nunca mais vou ficar distraído assim com o celular eu podia ter perdido a vida.

Ele nunca mais foi a mesma pessoa não ficava distraído com o celular na rua.

**PF9**

A menina que não ajudava a mãe em casa por causa do celular

Um dia fui visitar uma amiga e acabei passando o dia todo com ela, percebi que ali avia algo de errado dentro daquela casa e vi que a casa estava completamente bagunçada, e minha amiga sem preocupação alguma, mexendo no celular.

Acabei ficando um pouco incomodada e fiz a ela uma pergunta:

- Amiga, você não nada nessa casa?

Respondeu a amiga:

- Eu estou mexendo nas minhas redes sociais.

Respondi a ela normalmente: Ok!

Fui cumprimentar a mãe dela, coitada estava cheia de serviso, ela me chamou para cozinha e disse:

- Olhe, minha filha não faz nada nessa casa, você não sabe como sofro, faço tudo sozinha.

Perguntei:

- A senhora quer a minha ajuda?

Ela respondeu:

- Quero sim!

Então eu falei vamos primeiro entreter ela com outra coisa que não seja o celular.

Cheguei nela e disse:

- Amiga vamos sair?

Ela respondeu:

- Não quero estou nas minhas redes sociais.

Eu disse:

- Amiga, você não sai desse celular o dia inteiro.

Ela respondeu:

- Mas se eu quero ficar aqui, vou ficar aqui!

Me precipitei e disse:

- Mas isso não está certo, Cê vai ficar louca, peguei e puxei o braço dela e levei ela para fora da casa dela, e saímos.

Comecei a falar:

- Olha, amiga, desculpa por ter tirado você de sua propria casa, mas você já estar passando dos limites.

Sua mãe me chamou na cozinha e me falou varias coisas, você não faz nada em casa.

Cheguei lá e estava tudo revirado, se você quiser ser minha amiga ainda, vai ter que mudar.

Ela disse:

- ok, amiga, não vou mais usar o celular, eu sei que errei, sei também que causa doença e varias coisas.

Olhou pra mim e disse:

- Obrigado, amiga. Sorrindo para mim me deu um abraço e voltou para casa.

Me mandou mensagens depois de alguns dias e disse que melhorou bastante e me agradeceu por tudo. Fim!

**PF10****Briga em casa**

Uma certa vez, tinha uma amiga que era muito viciada em celular. Que ela só era com o celular na mão, comia com o celular para todo canto era com o celular mexendo, não queria que ninguém pegasse.

A mãe dela só fazia brigar, sempre reclamava:

- Menina larga esse celular, minha filha!

Ela não queria saber. Se fosse na escola era bronca também. Certo dia, a diretora mandou chamar a mãe dela na escola, e a mãe disse:

-Essa menina não tem jeito não sei mais o que fazer com ela estou pensando em pegar esse celular e vender.

A mãe tentou falar com ela mais não teve jeito. Falou com muita raiva:

- Vou vender o seu celular, e ela não acreditou achou que era brincadeira e sempre nem aí para o que a mãe falava.

Ai um certo dia, ela foi comer com o celular, o celular ia caindo ela tentou pegar mais não aconteceu nada com o celular, mas aí ela foi para o banheiro e aí ela não aconteceu nada com o celular, mas aí ela não conseguiu livra e acabou caindo dentro do balde de água nesse exato dia ela não conseguiu livra o celular. E acabou entrado água ela saiu do banheiro louca chorando pois tinha entrado água falando para a mãe dela a mãe dela deu graças a Deus pois o celular da filha tinha entrado água mais aí a mãe pensou que iria melhor mais a mãe pensou que iria melhora, mais na verdade, piorou tudo.

Agora ela tá usando o celular da mãe.